POESIAS

DE

M. M. DE B. DU BOCAGE.

M.el M.a de Barbosa du Bocage

POESIAS

DE

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE,

COLLIGIDAS EM NOVA E COMPLETA EDIÇÃO,
DISPOSTAS E ANNOTADAS

POR

I. F. DA SILVA:

E PRECEDIDAS DE UM ESTUDO BIOGRAPHICO E
LITTERARIO SOBRE O POETA, ESCRIPTO

POR

L. A. REBELLO DA SILVA.

TOMO I.

LISBOA
EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES,
RUA AUREA N.º 227 E 228.

MDCCCLIII.

ESBOÇO BIOGRAPHICO E LITTERARIO.

I.

NO ANNO de 1805, pelas dez horas e um quarto da manhã de 21 de dezembro, no fim de lenta enfermidade, apagou-se a luz extrema nos olhos de um poeta, ainda hoje vivo na memoria do povo; porque, similhante a Camões, celebrando a patria, o amor, a gloria, e o infortunio, era verdadeira a saudade que sentia, era sincero o coração com que chorava. Como o cysne Bocage entregou a Deus o espirito no meio de melodias. A sua agonia foi ainda um cantico!

O ultimo dia, que respirou, nasceu sepultado em nuvens. Parecia que tinha medo a claridade de romper. O céu forrado e escuro: o sol encuberto; e o sul gemendo sobre a cidade, tornavam triste o aspecto de Lisboa, tão alegre, quando as eminencias se douram, e os horisontes se anilam. A melancolia do tempo estava em harmonia com a melancolia dos homens. Curvada diante das cinzas do seu vate predilecto a bella capital não fingia o luto, carregava-o!

Nos dias anteriores, sendo já sem esperança o mal, a pequena casa da travessa de André Valente, aonde padecia Elmano, a cada instante era procurada por grande numero de pessoas de todas as jerarchias. As conhecidas, encontrando-se, detinham-se; e algumas palavras, ás vezes um gesto só, diziam tudo, communicando-se a tristeza rapida-

mente. Uns erguiam os olhos para a humilde habitação, e baixavam-nos á pressa turvos de magua. Outros, hesitando á entrada, estacavam no primeiro passo, sentindo menos forte o animo, que a vontade.

Em cima, patentes as portas da morada, tão pobre na apparencia como no interior, achavam-se pelos quartos desornados muitos individuos, em piedoso recolhimento, escutando para dentro, e respondendo com vozes suffocadas ás interrogações igualmente submissas dos que entravam. No rosto de todos via-se a mais desconsolada tristeza.

Quem conhecesse de perto a sociedade da epocha, e os homens notaveis por condição e por letras, mal podia suppor, que no aposento interior gemesse um poeta, e não um principe. Proxima a volver ao pó era novo ainda que a realeza da intelligencia tivesse a sua côrte e os seus cortezãos, aulicos não do poder, mas da harmonia.

As classes e as profissões mais distantes, perante os preconceitos, ajuntavam-se sem estranhesa, e quasi em perfeita tgualdade, n'aquelle despido alvergue de um terceiro andar, obedecendo ao sentimento commum. Os cantores, seus emulos, ou seus adversarios antes, pondo a inimizade aos pés da dôr, sangravam-lhe a corôa do martyrio, entremeiados com o cypreste os louros, presagio da posteridade, alento da inspiração de Elmano.

Por um momento a guerra dos deuses fez silencio em torno ao seu leito; e os athletas do Parnaso acharam no peito lagrimas em vez de fel. O ciume das letras e das musas tinha expirado muito antes do poeta adormecer na eternidade. Curvo Semedo (na Arcadia Belmiro Transtagano) dirigindo-lhe o soneto conhecido, que principia:

Ao som da lyra o Thracio e egregio Vate!

Recebia outro pelas mesmas rimas; e a paz entre o auctor dos apologos e dithyrambos, e o auctor de Tritão e da Medeia, firmava-se confessando ambos como nobres engenhos, que fôra erro apoucar-se a inglorias luctas, quem podia ascender a tanto!

Os negociantes de mais posses, os empregados de maiores letras soccorreram disvelados a penuria do poeta, apenas os buscaram, como amigos, e não como protectores soberbos. Sem isto não teria pão, mesmo no dia em que caiu de cama! De toda a parte, e em todas as classes, manifestou-se extensa e profunda sympathia. No povo foi mais do que sympathia; foi estima, foi extremo.

O interesse dos inglezes por Walter Scott, o seu romancista querido; a anciedade de París por Mirabeau, o seu orador sem rival, dava-se em Lisboa por Bocage. Choravam todos como propria a sua perda. Amigos e conhecidos acudiam para saber noticias; contemplavam por um pouco a fronte já meia inclinada pela morte; e voltavam, correndo, aonde esperava o concurso dos admiradores, tornando-os pesarosos ou satisfeitos, qualquer symptoma de maior crise, ou de allivio curto.

Sabiam que o moribundo soltava entre suspiros os ultimos cantos, talvez os mais bellos pelo sentimento e pela elevação; sabiam que o golpe era fatal, e não deixava esperança; e entretanto em uns a amisade, nos outros a admiração, cegavam-se com fugitivas apparencias de melhora, figurando distante ainda o dia, em que a grande voz devia emudecer, legando o nome á saudade, e a lyra ao tumulo! Enganavam-se com o excessivo affecto!

Mas não se illudia aquelle, a quem de minuto a minuto, não só os intimos, mas os desconhecidos, e os adversarios vinham trazer as consolações da poesia e as homenagens da estimação. Esse existia apenas! Manoel Maria de Barbosa du Bocage, o melodioso cantor de Ignez, e de Leandro e Hero; o imitador (mais do que sublime traductor) de Ovidio, de Castel e de Delille, prostrado e gemente, via sobre si a sombra immensa da morte, como diz o Psalmista; e pelo coração, em que o debil suspiro anciava, passára já o frio horror do termo final da vida!

Estava ainda pura, e conservou-se até aos derradeiros momentos, a claridade do entendimento. Os repentes do engenho, os relampagos do estro, fuzilando nas trevas da amargura, brilhavam como d'antes, apenas o espirito sub-

jugava a dôr; as faculdades lucidas nunca se offuscaram de nenhum véu. Conscio do seu estado, lendo a sorte proxima nos olhos de todos, e no expectacúlo da propria angustia, assistia ao aniquilamento gradual, medindo com a idéa a distancia, que ha da existencia á morte.

O ser e o não ser, terrivel problema, em que a razão descóra, e o animo mais viril se altera, agita-se diante d'elle, e para elle! Purificada das impurezas de paixões e desvarios impetuosos, a bella alma, acrisolada no soffrimento, sorria-se para Deus, e pedia á esperança as azas afim de subir á nova patria. Vendo o mal irremediavel de hora para hora a rasgar-lhe as portas do sepulchro, a mente despedia-se do mundo; e em espirito, habitava surgindo do sonho da existencia:

Em climas d'ouro, em regiões amenas!

Sobranceiro ao abysmo, em que menos forte outro se afundaria; apagadas as maculas humanas pelo orvalho consolador da remissão christã; conversava com a eternidade, antes de entrar n'ella; e invocava-a como termo desejado, como summo bem, depois dos trances em que esmorecia a carne. Com os olhos no céu começava a descubrir os horisontes infinitos, que se abrem além da mortal carreira. O que deixava; amor, disvelos, e ambição de nome, ainda lhe custava um suspiro ás vezes; porém, certo de viver além do tumulo, consolava-se saudando com a lyra expirante a immortalidade e os cantores, nuncios da grande voz da memoria contemporanea, primeiro echo da posteridade!

Entretanto, encontrando-se na idade, em que o genio se conhece, e maduro pela experiencia sente a robustez, que produz o fructo depois da flôr; ensaiados os vôos, e achando em si a força de subir com as aguias á altura do monumento; via desfallecer a resignação em alguns instantes, e tinha saudades não da existencia, mas da gloria. As ovações que o cercavam, diziam os trophéos que o futuro lhe promettia. Os canticos, meio lacrimosos, que entre dôres nascidos deixava fugir a alma, mostravam-lhe quão dô-

ces a harpa christã e o plectro antigo obedeciam á sua voz!

Em mais de uma occasião, o luto alheio aggravou-lhe as penas, e enegreceu-lhe as visões da imaginação, acordando o sentimento mundano. Dentro de quatro mezes, no predio, em que morava, a morte arrancou-lhe dos braços uma sobrinha de cinco annos, tendo levado antes um homem de sessenta, e uma donzella de dezoito. É então, que revoltando-se no seio, o coração e a musa, assustados e frementes, ergueram o canto, aonde palpitam as contradicções moraes da lucta, e os pavores do ultimo fim:

> Olha em muros, que veste a escuridade
> Olha a côr do teu fado, a côr mais triste!
> Talvez (e agora, agora!) Elle te aliste
> No volume, em que lê a Eternidade!
>
> Ó tochas funeraes! Clarão medonho!
> Da morte, ó mudas, solitarias scenas!
> Em vós arrepiado os olhos ponho!...

Um momento depois tornava a si aplacada a sensação cruel; e trocando o terror pela esperança catholica, fechava o soneto com estes versos, dignos do espirito gentil, que sabia elevar-se a elles:

> Ah! Porque tremes, louco? Ah! Porque pênas?
> Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
> Em climas d'ouro, em regiões amenas.

Comtudo, correndo sobre os outros, quem estranhará que os prantos chorassem tambem o destino proprio? O calix é tão amargo! A ultima hora é tão custosa de transpôr! De todos estes conflictos, saiu porém a fé com mais um triumpho, e a contricção com mais uma palma.

Eram combates, em que o mundano gastava as ultimas nodoas das paixões que o tinham avassallado. Em melodias de anjos, vate christão, novo Job pela abnegação, ouviam-no entoar os louvores da gloria immarcescivel, en-

xutas as lagrimas do seu sangue pela certeza da beatitude. Eil-os, esses gemidos que respiram crença e amor, sobre a perda da sobrinha, botão que não chegou a ser flôr:

> Trocando amargas horas,
> Por dôce eternidade,
> Gemeu com a natureza
> Folga com a Divindade.
>
> O que é nos céus contemplo,
> Contemplo o que erà aqui;
> Gemi... porque gemia!
> Rio... porque ella ri!

Com harmonias assim é que o cysne se despedia!

Que lucta! Que longa e dolorosa expiação! Que immensa força d'alma para a supportar sem desespero!

Foram mezes inteiros de purgatorio, esperando em cada dia não vêr raiar a aurora do seguinte! D'esse tempo è um rectrato, em que, figura, conforme a enfermidade o tinha prostrado.

Como aquellas faces lividas e macilentas, encovando-se, pintam a angustia; como aquella bôca, sumindo nos labios contrahidos o corte da aguda dôr, exprime o esforço da alma sobre o corpo; como os cabellos desalinhados, longos e pendentes sobre a pallida e rasgada fronte, aberta ao genio, semelham um véu funebre em jaspe sepulchral!

Nos olhos azues, grandes, e cheios de luz ainda, reina e domina a intelligencia audaz. Ali ao menos vive sempre o ardente Elmano. Mesmo frouxos e quebrados apparece Bocage n'elles! Sente-se, que o fogo da inspiração, se acudir á mente; e que o espirito rompendo os laços da agonia, se receber o estro; hão de reanimar o corpo, e este surgir com a chamma divina: percebe-se que as feições abatidas volverão á radiosa expressão; e que o enthusiasmo exaltará o rosto. Adivinham-se os relampagos que póde lançar a vista, aformoseando o semblante, em que a morte pôz o sêllo, e fingindo momentaneamente a existencia florescente, que o infeliz deixava longe.

Morta como está na tella, a sombra de Elmano (a quem a consultar com interesse) ainda revela algum dos impetos e dos toques de repentista. Vê-se bem, que basta descer a faisca, para o bello moral se difundir por aquella physionomia, mobil como as paixões, morena como o sol peninsular, grande e energica, porque era a fórma visivel de uma alma, feita como a de Chenier para acerar o jambo da satyra, para temperar o carme gemente da elegia, e para entoar o canto das guerras dos semi-deuses da conquista, na Asia e na Africa portuguezas!

É assim, que elle, encostada a face á mão, devia dictar as paginas admiraveis de saudade e de resignação christã, que foram a sua ultima voz, e serão eternas e raras joias na sua corôa poetica. Compostos com os olhos na eternidade, e os pés dentro do sepulchro, esses sonetos ficaram unicos e sem rival.

A musa não confiou de outro a lyra de Elmano. Principe na arte classica, percursor, para nós, da revolução litteraria, que antevê em arrojos sublimes, e em rasgos de doçura e de crença, Bocage levou comsigo o segredo da harmonia e da grandeza epica. Ouçamol-o ainda, encostado á urna funebre, em quanto com a saudade de moribundo visita o Tejo e as flôres, que tanto amou:

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando,
Á margem fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulyssea um dos cantores,
Suspiros no aureo metro modulando.

Rindo não mais verás, não mais brincando
Por entre as Nymphas e por entre as flôres
O côro divinal dos nús amores,
Dos zephiros azues o affavel bando.

C'o a fronte já sem myrtho, e já sem louro,
O arrebata de rojo a mão da sorte
Ao clima salutar, á margem d'ouro.

Eil-o em fragas de horror, sem luz, sem norte;
Sôa d'aqui, d'ali piado agouro:
Sois vós, desterro eterno, ermos da morte!

Quando falleceu, Bocage contava trinta e nove annos e tres mezes de idade. Ía entrar no periodo mais fecundo para os escriptores. Acalmada a excessiva ardencia da imaginação; amadurecido o engenho pelo estudo reflectivo dos bons modêlos; conhecidas e provadas as forças n'esses ensaios, que são as secretas lùctas da intelligencia com as difficuldades, medindo-as e experimentando-se; tinha chegado o tempo de se recolher comsigo, e de concentrar n'um pensamento alto as potencias da alma e do sentimento; chegava a hora de elle erguer ao som da lyra, como Amphion, as cidades e os imperios ideaes, que a epopeia funde em bronze, e duram pela gloria, além dos reinos e dos povos, adormecidos na urna dos seculos, depois de extincta a civilisação, que os fez grandes.

Aonde estão hoje os gregos de Homero, e os romanos de Virgilio? O sôpro dos barbaros dispersou nos ares as cinzas dos heroes. O braço da conquista arrasou os monumentos do seu orgulho. A sua lingua universal e sabia perdeu-se nos dialectos barbaros dos vencedores. Mas a arte triumphou apesar dos homens e do tempo. O livro escripto viveu mais do que o livro de pedra. Depois de milhares de annos os canticos da poesia e a voz da historia subjugam o silencio e a destruição, restituindo-nos pela saudade e pela memoria as epochas, que já morreram!

Esta omnipotencia, dom de Deus aos que sagrou quasi sempre pelas tribulações e pelo martyrio, era o sonho e a ambição de Elmano. Á parte os desvarios momentaneos, com que nos seus raptos e entre os applausos do amphitheatro, se aclamava igual na altura aos immortaes, vê-se que elle cubiçava uma fama, mais solida do que os louros ephemeros do repentista.

Na mente, gradualmente serena e reflexiva com os annos, nasciam e avultavam projectos, concebidos para serem verdadeiros padrões de gloria para elle, e para a nação, se

a morte, a volubilidade do talento, e a vida inquieta e desgraçada, não viessem interromper a obra apenas desenhada. O que se diz dos primeiros rudimentos de um poema, intentado sobre o descubrimento da America, se a invenção e gosto se unissem á viveza imaginativa e á côr esplendida do estylo, não parece exagerado.

Lendo algumas paginas suas, sente-se que Bocage, nascido vinte annos mais tarde, daria um Byron á peninsula; mas um Byron christão, igualmente arrojado, igualmente altivo na pintura das paixões e da agonia moral, mas temperado pelos toques d'essa exquisita e suave tristeza contemplativa, que se gera da sensibilidade da alma, e tão dolorosa chaga abre quasi sempre no coração dos poetas. São as lagrimas occultas, que lhes espreme dos olhos o contacto do mundo, as que a chamma do engenho endurece em perolas, cingindo-as no diadema, do que a posteridade os corôa!

Talvez achem excessiva a apreciação. Antes de a condemnarem, abram os seus livros nos poemas aonde a lima passou mais lenta, e a meditação se demorou um pouco. Vejam como os affectos delicados, e a linguagem d'elles, lhe eram familiares. Notem, como o metro se dobrava flexivel á idéa, prestando matiz e relevo aos pensamentos. Combinem esses quadros, (infelizmente curtos e fugitivos) com os quadros do cantor de *Child Harold* e do *Corsario;* e digam se o coração e a vida não foram entendidos e interpretados; se rotos os vinculos da imitação classica, e alargados os horisontes da arte, Elmano deixaria de subir com a alma ás eminencias, aonde campêa orgulhosa a escola moderna!

Para cantar dignamente o infortunio e o amor, para descrever a natureza na sua galla, e o espectaculo grandioso dos elementos na sua braveza, o desgraçado tinha dentro de si mesmo as dôres, os prantos, e as tintas. Sirvam de exemplo os sonetos á tempestade na viagem de Gôa; e as endeixas suaves ou fervidas á ternura e aos zêlos, que o abrasaram! O poeta mais classico nas tendencias, e mais severo na melodia e na sciencia do metro, o sr. Castilho, não provou já, nas imprecações do Bardo, com que impeto o ciume e a saudade choram no verso, quando labios quen-

tes de paixão o soltam, e combinações insulsas de versificadores o não esfriam?

Entretanto a morte anticipou-se: e a idade dos fructos sasonados não floresceu para Bocage. O vate que tantas admirações saudavam, e tantos emulos invejaram, foi sepultado no cemiterio da igreja das Mercês, recitando-lhe Fr. José Botelho Torresão um soneto, no momento de descer á cova. Os seus restos, como os de Camões, descançaram sem uma inscripção que os lembrasse ao menos! Confundidos e despresados perderam-se para sempre. O que importa? Á sua gloria, nada de certo. O monumento ficou, é a memoria da posteridade. A honra e a cultura do paiz, essas sim, gemem e envergonham-se; alguns palmos de marmore liso e um letreiro, era sacrificio bem pequeno para as resgatar.

Um homem, que apenas a liberdade constitucional despontou em Portugal, e antes mesmo, a serviu e amou sem alarde, mas com devoção, tirou da mediocridade das suas posses e da boa vontade de outros amigos a despeza, com que se fez o enterro de Elmano, e julgou cumprir um dever de cidadão e do amigo, prestando as honras funebres ao poeta, que tinha occupado tão distincto logar nas letras da sua epocha, e ao qual a historia das boas artes portuguezas reserva mais de uma pagina de elogio.

O sr. José Pedro da Silva, ainda vivo, e actualmente empregado na secretaria da marinha e na camara dos pares, foi a providencia de Bocage durante a enfermidade, não desamparando os seus restos senão quando o ultimo punhado de terra os escondeu para sempre. Talvez por isso o padre José Agostinho de Macedo lhe não perdoasse. A sua fidelidade á memoria dos mortos, e a sua adhesão aos principios liberaes deviam procurar-lhe as desaffeições do critico. A loja de bebidas do Rocio, denominada botequim das Parras por uns, e Agulheiro dos sabios por outros, aonde se reunia muitas vezes Elmano e o *claro auditorio* que o rodeava; aonde depois continuaram a juntar-se poetas e escriptores conhecidos, era propriedade do sr. José Pedro da Silva, e d'ali partiu mais de uma setta cortante, que ficou para sempre cravada no coração de Elmiro, nome pastoril

de José Agostinho. Denunciado por esta convivencia á bilis satyrica, o honrado e sincero velho entrou na escolhida e numerosa companhia das victimas illustres do auctor dos *Burros*. Não lhe fez mal! Sombras taes, a escurecerem alguem, é ao mordaz Macedo. Bocage, devendo aos conselhos e assiduidade do sr. José Pedro a impressão das suas ultimas poesias, e os soccorros avultados que lhe produziram, vingou-o antecipadamente no soneto que principia:

> Josino amavel que, zeloso, engrossas
> Bens, que mesquinho Apollo aos seus permitte;

Este cordeal testemunho de gratidão ao amigo, que noute e dia velou á súa cabeceira, e diligente bateu ás portas dos admiradores e affeiçoados do poeta, honra o louvado, e o louvador. Por isso disse Elmano que:

> Pagava em metro o que devia em ouro!

Hoje, que os costumes são diversos, e que a idade ferrea dos interesses physicos tolhe os vôos ao instincto poetico, seria difficil comprehender a influencia e o ascendente d'esses vates, que ainda no começo do nosso seculo eram o enlevo e a admiração das sociedades. O talento de repentista em verso presava-se como agora o de repentista em musica. Mais ou menos todos sacrificavam a Apollo e ás musas, desde o grave magistrado, que se escondia para alinhar as rimas de um soneto, até ao fidalgo sem estro, que pedia emprestada a penna de algum trovista familiar, para enfeitar á custa d'elle as epistolas amatorias e requebros namorados.

Em uma das peças do theatro de Garção, a Assembléa ou Partida, está descripta, mas só de leve castigada, a mania metrificadora. Não devendo esquecer que a inimitavel cantata de Dido jaz sepultada entre as algazarras metricas dos Fustotes. Da Arcadia do marquez de Pombal á Arcadia de D. Maria I, a distancia não foi grande, e as feições principaes conservaram-se. O gosto pelas glosas, pelos sonetos repentinos, e pelos clarões fugazes, mas brilhantes, dos vates excitados no certame poetico, achava-se por tanto em toda a força, quando Bocage principiou a entrar no mundo.

II.

No Meio do motim poetico dos versificadores apenas despontava algum engenho, verdadeiramente digno de continuar a empreza da Arcadia do Garção, extincta de inercia e desamparo com a morte delle, e pela falta de Diniz e Quita. O Parnaso estava em ferias, e o Ménalo deserto, quando Manoel Maria de Barbosa du Bocage nasceu em Setubal (aos 15 de setembro de 1765, segundo o sr. Castilho (José) ou a 17 de setembro de 1766, como affirmam todos os seus biographos), de paes a quem as musas foram familiares, e não poucas vezes propicias.

José Luiz Soares de Barbosa, tambem natural da villa de Setubal, tinha concluido os estudos juridicos da Universidade de Coimbra, e tomado o grau de bacharel em Canones. Nascido em 1728 (29 de setembro) pertencia pela educação e pelas tendencias a essa pleiada jovial de legistas metrificadores, e de frades glosadores, de que foram typos, no longo reinado de D. João V, Caetano da Silva Souto Maior, denominado o Çamões do Rocio, e o satyrico padre Braz, de mordacissima memoria.

Fr. Lucas de Santa Catharina, vate parodista, e Thomaz Pinto Brandão, ou o Pinto Renascido, como elle mesmo se appellidava, completavam a physionomia critica, desenvolta e risonha desses espirituosos guerrilheiros das musas, que alegraram o reinado do Salomão portuguez, antes das apprehensões asceticas o carregarem de luto, pelo beaterio.

Servindo os logares de letras, segundo o estylo, José Luiz Soares de Barbosa foi juiz de fóra na Castanheira, e em Povos, e depois ouvidor na cidade de Beja; lembrando a tradição mais de um rasgo de estro poetico da parte delle, quando a occasião se lhe offerecia, para fustigar os vicios, e expôr a ridiculo as vaidades e desconcertos do seculo.

Desgostoso da vida publica, pouco adequada á liberdade do seu espirito, retirou-se do serviço da magistratura, e recolhendo-se á patria Setubal, abriu banca de letrado, entretendo os momentos vagos com o estudo das letras, e ás vezes tambem com a composição de poesias fugitivas, em que os curiosos do tempo asseguram haver já o sal picante, e o traço critico, com que depois realçaram os sonetos epigrammaticos de seu filho.

Governava, ou reinava o marquez de Pombal havia annos, quando em 6 de junho de 1758, José Luiz Soares captivou o coração de D. Marianna Joaquina Lestof du Bocage, (1) senhora dotada das prendas litterarias, quasi hereditarias nas damas da familia, de que descendia; e conseguiu merecer-lhe a preferencia e a mão de esposa. Deste enlace vieram ao mundo Gil Francisco Barbosa du Bocage, nascido em 1762, agradavel poeta e distincto jurisconsulto; Manuel Maria de Barbosa du Bocage, conhecido entre os vates pelo nome pastoril de Elmano Sadino; e mais quatro filhas, uma das quaes, D. Maria Francisca de Barbosa du Bocage (tambem poetisa) foi a irman predilecta do

(1) O tronco dos Bocages em Portugal é oriundo de um proprietario abastado de Cherburgo, em Normandia, que viveu nos fins do seculo XVII, chamado Antonio Le Doux, ou (como escrevem alguns) l'Hédois du Bocage, marido da dama Catharina Cosma Gil Le Doux du Bocage; seguindo a vida maritima, entrou na marinha portugueza em 1704 no posto de capitão de mar e guerra. Em 1817 foi promovido ao de coronel de mar e guerra (vice almirante) em virtude do seu merito e serviço nos combates do mediterraneo contra os barberescos, e do Brazil contra os francezes.

A celebre poetisa Marianna Lepage, mulher de Fiquet du Bocage, que falleceu tres annos só antes de Elmano, era por affinidade segunda tia materna de Manoel Maria. Esta senhora, que alcançou a provecta idade de 92 annos, mereceu de Voltaire a corôa de louros, que lhe offereceu em Ferney, depois do seu poema «A Columbiada» (cujo primeiro canto Elmano verteu em verso.) Foi auctora de outro poema laureado «As sciencias e as létras»; e traductora da «Morte de Abel» de Gessner. Imitou o «Paraiso Perdido» de Milton; e pelas graças da figura, assim como pelos dotes do espirito justificou o epiteto de franceza Sapho, que nella caiu melhor do que em Mademoiselle de Scudéry; *Forma Venus, arte Minerva* foi a divisa escripta sob o seu retracto pelos admiradores.

cantor de Leandro e Hero, a companheira por longos annos da estreitesa e das attribulações da sua vida, e, de todos os parentes, a unica que até ao ultimo suspiro se conservou junto do leito da dôr para lhe cerrar piedosamente os olhos.

O dom da harmonia, e a facilidade do verso, que parecia em toda a familia a lingua natural, vinha pois de herança; e dessa coube a Manuel Maria o maior quinhão. Vate desde a infancia, como Ovidio, ainda balbuciava, e já as palavras acertavam com a melodia poetica. No tracto domestico, nos serões familiares, achava continuo alimento para o fogo da phantasia, e um estimulo para os ensaios pueris da vocação precoce. Memoria prodigiosa, imaginação, cujo ardor e impeto a morte mesmo proxima não pôde esfriar de todo, eram as faculdades predominantes de Elmano desde a idade tenra. Aos oito annos, vindo ver a Lisboa a procissão da cinza, volvia a casa, repetindo a sua mãe uma quadra, aonde já se encontra harmonia e graça.

> Fui ver a procissão a S. Francisco,
> A quem o vulgo chama da cidade;
> E supposto o apertão, foi raridade
> Que indo eu em carne, não viesse em cisco!

É por isso, que em varios logares das suas composições, ou a saudade o leve aos primeiros tempos, ou a satyra dos emulos o excite a exaltar-se, não se esquece da affirmar que:

> Das faixas infantis despido apenas
> Sentia o sacro fogo arder na mente.

Nem de exclamar com orgulho, como no prologo das Plantas:

> Versos balbuciei co'a voz da infancia;
> Vate nasci, fui vate ainda na quadra
> Em que o rosto viril, macio e tenro
> Semelha o mimo de virginea face!

Se ha occasião, em que seja licito ao poeta e ao homem

nobre de sentimentos fallar de si, é de certo quando os vituperios da inveja e as injustiças do mundo se atrevem a castigar sobre elle os dons do engenho, exacerbando a adversidade! É o que de algum modo justifica o estylo vehemente e o elogio em bôca propria, em que ás vezes se excedeu Bocage.

Sua mãe consagrava á cultura de tão esperançoso espirito os instantes de que podia dispôr, supprindo pelo extremo, pelos cuidados e pelo gosto delicado, tão natural no seu sexo, a falta de subsidios, que Setubal offerecia a uma instrucção mais esmerada. O latim foi-lhe ensinado por um ecclesiastico hespanhol, D. João de Medina, ao qual deveu o conhecimento profundo da lingua, e a rapidez da interpretação. Comparando as versões de Ovidio e do «Canto de Tripoli» feitas por Elmano, vê-se a rara familiaridade com que elle conversava os poetas romanos, introduzindo se nos segredos mais intimos das suas bellezas.

Na lingua franceza iniciou-o seu pae; e o modo porque o discipulo a possuiu collige se das admiraveis paginas fructo das suas luctas como os auctores didacticos. O italiano parece não o haver estudado senão mais tarde, e sabel-o menos. Entretanto as traducções do Tasso e de Metastasio, que deixou, diriam o contrario, se não fosse conhecida nellas a lima do morgado de Assentis, Francisco de Paula Cardoso de Almeida, um dos homens mais versados no tracto dos excellentes modêlos d'aquella copiosa litteratura.

Em 1780 tinha Bocage concluido os estudos, que hoje se chamam secundarios e classicos, contando quatorze annos completos. Em parte do tempo, que se applicou, sua mãe incansavel no disvelo animava-lhe a vontade, e estimulava-lhe a vocação; consolando-o dos enfados dos rudimentos com a certeza do renome, promettido no futuro aos trabalhos da intelligencia e aos primores do engenho. Com o genio inquieto e voluvel do poeta, se esta voz de esperança não estivesse a todos os momentos nos seus ouvidos, é de crêr que o aproveitamento fosse menor, ou talvez nullo; e muitos dos seus padrões de gloria nunca teriam existido.

Depois de a perder ainda sendo creança (dez annos) Bocage gravou na memoria a ternura ineffavel, que lhe affagou amorosamente os timidos ensaios, e derramando lagrimas de saudade e gratidão, até á ultima hora, guardou ardente e pura no peito a religião do materno affecto!

Seu pae acreditava menos nos dons das musas como meio de crear uma carreira. É a razão, porque, longe de alentar, tentou sopear as tendencias irresistiveis de uma alma feita para se exaltar com a harmonia e o enthusiasmo poetico. Experiente e desenganado sabia os dissabores, que a elevação do talento grangeia, e os infortunios que de ordinario a acompanham. Queria e applaudia o estro como distracção, mas não ignorava que Lisboa não era Paris, nem o governo fradesco e devoto de D. Maria I o reinado opulento e extremoso com as artes de Luiz XIV.

Em 1780, por eleição propria, ou para acceder á vontade da sua familia, assentou Bocage praça de cadete no regimento de Setubal, que foi depois o regimento n.º 7; e passados dous annos, naturalmente em memoria do avô, e da distincção com que servira, mudou de arma, entrando para a armada real, na qualidade de guarda marinha, e transferindo a residencia para Lisboa, talvez com o intuito de cursar os estudos da profissão nas aulas da Academia de Marinha, fundação recente da rainha.

Em 1785, na idade de 19 para 20 annos, encontramol-o outra vez no exercito com o posto de tenente de infanteria, e em vesperas de partir para os estados da India. Qual foi o motivo desta repentina expatriação, e do seu desgosto pela vida do mar? Pelejam os biographos; e apontam-se diversas versões; não se omittindo para as auctorisar o auxilio de alguns trechos, pelo menos muito obscuros, das suas poesias nesse tempo.

No ardor da juventude, e com a anciedade de ganhar fama, que devorava aquelle coração impetuoso, o desejo de visitar o berço da aurora, theatro da Illiada da conquista, era de mais para o resolver a affrontar todas as fadigas. Queixas e intimos dissabores, aggravados pela sensibilidade irritavel do caracter mui propenso ao furor, influiriam

além disso para a sua inclinação ás novidades, e o seu amor dos applausos, o fazerem seguir o caminho, trilhado antes por outro poeta, pouco ditoso tambem, Luiz de Camões.

A nosso vêr estes motivos, dado o genio inquieto e volúvel de Elmano, parecem-nos verdadeiros; e se outros existiram, ficaram secretos para nós.

Na excellente memoria do sr. Castilho sobre a vida e a influencia de Bocage, publicada nos ultimos volumes da «Livraria Classica Portugueza» (estudo de que tirámos copiosos subsidios) apparece uma opinião differente, que seduz á primeira leitura, e nós adoptariamos, se a averiguação dos factos a não viesse infirmar.

A tragica historia do assassinio do mestre de campo José Leonardo Teixeira Homem, imputada aos zêlos do conde de S. Vicente, e os sonetos escandalosos attribuidos a Bocage sobre o homicidio da travessa da Espera, supposta causa de se desenfrearem contra elle as iras omnipotentes dos poderosos, offendem mais de uma verdade apurada, e por isso perdem o valor conjectural, que pudessem adquirir. Em presença de um trabalho, que temos presente, do sr. Innocencio Francisco da Silva, diligente investigador das mais curiosas noticias ácerca do poeta, e perante uma nota, appensa ás poesias satyricas de Antonio Lobo de Carvalho, achâmos menos provavel a razão allegada pelo sr. Castilho, apparecendo em toda a claresa que nem Bocage foi o auctor dos versos indecentes contra o conde, nem era possivel assacar-lh'os; por tanto a explicação engenhosa de sua viagem, como determinada pela necessidade de buscar esquecimento em remotos climas para dar tempo de se acalmarem as perseguições dos aulicos, caduca pela base, e está confutada pelo testemunho dos factos.

O conde de S. Vicente, Manuel Carlos da Cunha, nas suas apaixonadas relações com a actriz Francisca, (denominada a *Esteireira*) não foi victima das satyras de Bocage, mas sim dos versos mordazes do poeta Lobo. As datas demonstram-no victoriosamente. Quando assassinos desconhe-

cidos atravessaram com um florete o mestre de campo José Leonardo Teixeira Homem, rival do conde, e rival feliz, era ainda ministro o marquez de Pombal; e a fuga do namorado fidalgo para Hespanha, diante das accusações e da indignação do povo, succedeu ainda no governo do valido de elrei D. José.

Só depois da morte do soberano e da queda do marquez, em fevereiro de 1778, é que o conde se atreveu a voltar ao reino, pedindo ser julgado, como effectivamente foi, por sentença no Juizo dos Cavalleiros proferida a 30 de março de 1778, e confirmada na Mesa da Consciencia e Ordens aos 11 d'abril do mesmo anno, que ambas correm impressas. Bocage não veio para Lisboa senão em 1782; e não podia ser o auctor de maledicencias metricas, em que o estylo denuncia, alem do mais, a penna ás vezes immunda de Antonio Lobo de Carvalho.

Accresce mesmo que o logar não tomou o seu nome, do successo infeliz do mestre de campo, Leonardo, porque na Corographia, (tomo 3.º) impressa em 1712, já Carvalho o designa com a denominação de travessa da Espera, prova de ser mais antiga do que o homicidio, e a sua romantica e triste origem.

Com o pé sobre o convez do navio, e a alma affogada em lagrimas, apenas embarcado o poeta debruça-se para enviar á patria um longo adeus:

> Amiga patria minha e lar paterno!
> Penates a quem rendo um culto interno!
> Lacrimosos parentes,
> Qu'inda na ausencia me estareis presentes!
> Adeus! Um vivo ardor de nome e fama
> A nova região me attráe, me chama!

Luctando no coração a ternura de amante e a ambição de gloria, a dôr da ausencia exhala-se-lhe do peito na affectuosa despedida ao amor, cuja imagem o acompanhará pelas solidões do mar:

Deixar amado bem, teu rosto lindo,
Teus affagos deixar, tua candura,
Tanto me opprime, que da morte escura
Sobre mim negras sombras vem caindo.

Eu parto; e vou teu nome repetindo
Porque dê desaffogo á magua dura;
Meus tristes ais, suspiros de amargura
Áquem dos mares ficarás ouvindo.

Mas se me cercam, no cruel transporte,
Quantas furias o Baratro vomita,
Se meu mal é peior que a mesma morte,

O fado em me aterrar em vão cogita!
Com todo o seu poder, não pode a sorte
Tua imagem riscar desta alma afflicta.

Á medida, que a prôa ia cortando as ondas, e as costas desapparecendo á vista, a melancolia estendeu um véu sobre a sua alma, afiando-lhe a saudade. A tempestade veiu depois experimentar-lhe o animo. Naturalmente religioso o espirito de Elmano levanta-se então em um cantico para Deus, e põe nelle a sua esperança. Que bellas paginas de ardor e de crença não são os dous sonetos, escriptos ao clarão dos relampagos, e por entre o bramido das aguas, durante as amarguras do naufragio eminente!? A commoção do perigo, o gemido da fraqueza humana submergida quasi nos terrores do abysmo, e saudando no Creador a magestade dos elementos, como se retractam fielmente nelles!

Ó Deus, ó rei do céu, do mar, da terra,
Pois só me restam lagrimas, clamores,
Suspende os teus horrisonos furores
O corisco, o trovão que tudo aterra!

....

Para nós, compassivo, os olhos lança!
Perdôa ao fraco lenho! Attende ao pranto
Dos tristes, que em ti põem sua esperança!

Ás densas trevas despedaça o manto!
Faze, em signal de proxima mudança,
Brilhar no ethereo tope o lume santo!

Depois a invocação sublime, por que rompe o segundo soneto:

Filho, espirito e pae, tres e um sómente,
Que extrahiste do cahos, do pó, do nada,
O sol dourado, a lua prateada,
O racional e irracional vivente:

Eterno, justo, immenso, omnipotente,
Que occupas essa abobada estrellada;
Grão ser de cuja força illimitada
A machina do mundo está pendente;

Tu que, se queres, furacão violento
Sumatra feia, tempestade escura
Desatas, e subjugas n'um momento;

....

No fim dos trabalhos de uma navegação penosa, Bocage chegou a Gôa; e entrou nas regiões tão suspiradas dos sonhos da sua imaginação. A realidade esperava-o; e com ella os dissabores mais proprios para se pungir um caracter exaltado e impaciente.

Dos Albuquerques, dos Castros e dos Gamas nem a sombra! Apagava-se tudo no crepusculo da decadencia progressiva. Aquelles mares, theatro das proezas de Duarte Pacheco e de tantos capitães, que o temor dos vencidos denominou leões das aguas, estavam quasi solitarios de navios portuguezes; e a guerra heroica fôra convertida nos enredos e pequenas rixas dos governantes com os governados. As cousas e os homens na Asia, assim como em Portugal, tinham perdido a estatura epica. A vaidade das fidalguias, as conjurações venenosas das raças naturaes, e a barbaridade litteraria de um verdadeiro bazar de mercadores e pilotos, substituiam as virtudes e os rasgos da primeira epocha da conquista.

A degeneração da antiga estirpe ainda correu mais rapida, do que previa Diogo do Couto. Dos semi-deuses, que fizeram a sua gloria, a India apenas guardava os retractos! O resto não havia hombros que pudessem com elle. A mais leve empresa de outro tempo sepultaria então os descendentes dos conquistadores. Uma ou outra acção illustre; alguma batalha ganha sobre este ou aquelle regulo mais atrevido; e a honra das quinas sustentada pelas baterias das charruas contra os piratas malaios; era tudo o que se desejava, e o mais que se conseguia. As armas calavam-se; mas não fallava a civilisação; o esforço do marquez de Pombal ficou no primeiro impeto, e perdido o ministro a melhora caiu com elle. O silencio, que Elmano encontrou desde os presidios até á capital vinha do turpor de um povo, cuja memoria dormia com o passado, cujas aspirações agonisavam com o presente. De 1785 a 1786 a espada na bainha figurava só nas paradas e nas reuniões. A fortuna procurava-se de rastos. Ha muito que as aguias tinham deixado de voar!

Eis o espectaculo, em que os seus olhos esmoreceram, eis a sociedade que existia, em logar da raça escolhida, pura visão da phantasia! Mercadores, em vez de guerreiros; em logar da gloria, os odios e as miserias de cubiças e orgulhos baixos! Nada grande, nada que repetisse um echo debil ao menos da India de Camões! Era tudo prosa mais villan e rasa, mais grosseira, do que a que deixava.

O effeito da realidade sobre a imaginação de Bocage foi acabrunhador. Em quanto durou o desterro, o seu espirito nunca se levantou de tamanha quéda. Ás margens do Ganges, povoadas por elle desde a infancia de tantas tradições sublimes, amadas pelo seu coração de poeta, quasi a par do risonho Tejo, debalde a Musa chorosa quiz erguer o canto. Estava entre Getas, entre barbaros, mais duros que o marmore á seducção dos versos! A ignorancia loquaz e a sordidez mercantil riam-se das artes, e tratavam-nas com despreso. Mirrada pela avareza, a mão dos Nababos, entumecidos com inventadas genealogias, nunca se abriu para minorar as injustiças da fortuna.

De toda a parte o cortavam saudades acerbas do seu berço e dos amigos que tinha longe. Na quadra em que as illusões reverdecem e os sentidos se abrasam facilmente, os pezares da ausencia, e as inquietações do ciume, aggravando-se talvez de lembranças amorosas, convertiam os desgostos e o influxo do clima em uma verdadeira nostalgia. Ao mesmo passo a sensibilidade irritavel, e o resentimento do infortunio, azedando-se no peito, e acerando o engenho satyrico, desaffogavam-se em versos implacaveis pelo escarneo e mordacidade contra os preconceitos e a philaucia dos habitantes. Com isto cresceram os inimigos, e ullulando de raiva com as feridas, nada pouparam para tornarem a posição de Elmano cada dia menos supportavel.

De feito deviam ser pouco agradaveis á vaidade dos fidalgos-piães de Gôa os sonetos com que Bocage os flagellou; e não admira, que o tomassem em aversão, e por todos os meios tentassem desaffrontar-se. Era imprudencia pelo menos da parte do poeta o arrebatado furor a que cedia. Vejam-se alguns dos mimos, com que os obsequiava:

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,
Bem como Ovidio misero entre os Getas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças!

Tens filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir-nos vem, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças!
....

E n'outra parte:

Das terras a peior tu és ó Gôa,
Tu pareces mais ermo que cidade;
Mas alojas em ti maior vaidade
Que Londres, que Paris, ou que Lisboa.
....

São pinturas, que não deixam nada a desejar á satyra, e que a ira de Elmano era incansavel em variar! Imagine-se a cholera e o despeito das victimas; além do mais, provocadas em pontos delicados de honra pelo comportamento leviano do poeta com senhoras distinctas, a quem o melindre e as graças do sexo não salvaram sempre das settas da sua maledicencia.

As provocações chegaram a tal auge, que os offendidos, muitos e poderosos, resolveram-se a tentar tudo para tirarem completa vingança; as esperas e as cilladas multiplicaram-se; e a vida de Bocage mais de uma vez correu eminente perigo. Parecida em tudo á do auctor das Lusiadas, a sua sorte inspirou-lhe o soneto, que principia:

> Camões, grande Camões, quão similhante
> Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!

A estas inclemencias, filhas umas da adversidade, precedidas outras de erro proprio, accresceu a conspiração tramada para assassinar a todos os portuguezes, a qual foi descoberta felizmente antes de romper. Bocage acabava então de penar uma longa e aguda enfermidade, que ameaçou cortar-lhe os dias. Dando baixa do serviço militar por motivos pouco averiguados, saiu de Gôa, e emprehendeu uma viagem, em que alguns biographos viram só a inclinação de visitar os sitios mais famosos da conquista; e outros a obediencia ás ordens do governo, e uma deportação forçada.

A ultima conjectura é a que se figura mais provavel, attentas as circumstancias, em que se tinha collocado. Não contente com o rancor dos habitantes, suppliciados nos seus versos, a indole irascivel e as propensões satyricas de Elmano levaram-no a pôr o alvo dos seus tiros na pessoa do capitão-general D. Frederico Guilherme de Sousa, ferindo-o no lado mais sensivel com o poema obsceno, *A Manteigui.* Esta injuria atroz contra a amante do governador, conhecido o genio vingativo deste, não parece possivel que ficasse impune; por isso não será nada temerario attribuir a saída de Gôa a uma causa tão natural.

A epocha da viagem a Macau póde fixar-se nos fins de 1788 e principios de 1789, visto ser ali composta a elegia á morte do principe D. José, fallecido a 11 de setembro de 1788. Ignoramos, porém, se foi á ida, ou na volta, que fez naufragio, e como Camões, salvando-se a nado, arrancou ás ondas as poesias, das quaes estampou algumas no primeiro tomo das suas rythmas.

Ardendo em saudade e em desejos de volver á patria, deveu ao governador interino de Macau, o desembargador Lazaro da Silva Ferreira, os soccorros necessarios. Em memoria deste beneficio dedicou-lhe a saphica:

> Ao som confuso da celeuma os nautas;

em que o immenso jubilo de acabar o desterro transluz nestas apaixonadas vozes:

> Eu torno, eu torno, por amor guiado,
> Exposto á furia dos tufões, dos mares
> Eu torno; eu torno para vós; ouviu-me
> Jupiter alto!

Em Agosto de 1790 beijava outra vez a terra do seu berço, na idade de 24 annos, demittido do posto, e sem bens de que vivesse! «Incapaz de existir n'um só terreno» como elle mesmo dizia, vira pelos seus olhos os climas, que percorreu Camões, e bebêra por igual taça o fel do infortunio, em grande parte preparado por culpa de ambos.

Agitada a infancia e a adolescencia; tendo á custa de maguas e de trabalhos juntado nos annos mais viçosos cabedal precioso de experiencia e desenganos, ao dobrar o cabo das Tormentas passou o Lethes, e esqueceu tudo! Vel-o-hemos na virilidade o mesmo homem, cheio de paixões mordentes, ralado de inquietação febril, inimigo do repouso, e escravo dos applausos. Estava no seu destino!

III.

Um viajante, que viveu entre nós pelo fim do seculo passado, Beckford, o senhor da abbadia de Fouthill, no meio de muitos retractos espirituosos da côrte e da sociedade portugueza deixou-nos desenhado, ao correr do lapis, um esboço da physionomia de Bocage na epocha, em que o poeta voltava á patria.

Aquelle pallido e extraordinario mancebo, que viajava ao seu lado, e que via passeiar na tolda; aquelle moço (diz elle) que era a creatura mais extravagante, e mais *sui generis*, que Deus talvez creasse, deu nos olhos ao estrangeiro, e causou-lhe uma sensação que o tempo e a ausencia não destruiram. É o dom dos engenhos predestinados. Antes mesmo de levantarem a cabeça acima dos homens, descobre-se-lhes o que quer que seja de notavel, que obriga o mundo a deter-se e a lembrar-se de que os encontrou!

Segundo Beckford o descreve, Elmano era pouco expansivo de indole, e dado á melancolia; commungava mais com os seus pensamentos, do que se dirigia aos estranhos; e como succede com os genios assim formados, tinha alguns dias de alegria e excentricidade, que vinham, quando menos se esperavam, como o sol de inverno, e faziam da sua conversação uma tela variadissima e brilhante, em que se bordavam os ditos graciosos, os rasgos da mais delirante jovialidade, os repentes e as allusões satyricas. Nestes dias era impossivel o enfado ao lado delle; o riso acompanhava-o sem fadiga.

No meio do continuo tiroteio de chistes e narrações picantes cedia e entregava-se facilmente á familiaridade, e não custava nada então a insinuar-se e a obter delle a confidencia de qualquer das suas producções. Referindo uma destas scenas de bordo, acrescenta o inglez que o ouvira

repetir diversas poesias, em que os toques mais patheticos se uniam á profundidade das idéas, e que não fôra senhor de si, sentindo-se estremecido e arrebatado. Em verdade (exclama), pode affirmar-se que este ente singular possue o segredo de encantar; se lhe apraz, e sem o menor esforço, exalta, subjuga, ou petrifica um auditorio!

Eis accusados de longe os defeitos e as qualidades caracteristicas de Bocage. É elle todo; e assim o acharemos sempre desde os primeiros desvios e desregramentos da mocidade; dominado pela emulução e pelo orgulho; devorado da sede dos applausos; inquieto e inimigo da vida tranquilla, que lhe proporcionaria uma carreira. Até á morte nunca se desmentiu.

Chegado a Lisboa, a inclinação pelas novidades, e as tendencias voluveis, impelliam-no a atar ligações e a rompel-as, sem motivo sufficiente em nenhum dos casos. Correndo como cego atraz do louvor, receioso de que o talento não bastasse para o attraír; desconfiado de o prezarem menos do que valia; e armando á aura publica, mesmo a preço de aberrações, qûe a religião das letras não perdoa, Elmano mais de uma vez abaixou a penna á obscena imitação do Aretino, e envergonhou o estro com impiedades, tanto menos desculpaveis, quanto forçava o animo para agradar aos dissolutos instigadores, que o arrastavam. Nesta vida de desgostos e vicissitudes, gastou a virtude do espirito, deixou de amadurecer os preciosos dotes do engenho; e arruinada a constituição, debil de si mesma, abbreviou os dias que, de outro modo regulados, seriam para elle de perenne triumpho, e para a litteratura nacional de summa gloria. Deus não quiz!

As primeiras discordias do Parnaso começaram apenas entrou na capital, ou pouco depois; e procederam da sobranceira e mudavel condição do seu caracter. Na bôca delle o elogio andava tão perto da satyra; e a intenção de dominar, de sobresair, e de escurecer os outros declarava-se tão altiva e intolerante, que as dissenções e as rivalidades nasciam umas das outras, distrahindo-lhe a intelligencia em pugilatos inglorios, e prejudicando-lhe o credito não poucas vezes pelas represalias, em que se excedeu. Desde o

padre José Agostinho, desde Curvo Semedo e o abbade de Almoster, até ao inoffensivo e rasteiro alcaide das trovas, José Daniel, o latego da satyra alcança a todos, e deixa-os assignalados de vergões eternos. O numero das victimas foi consideravel; e o que deve censurar-se ainda mais, os seus amigos e bemfeitores não escaparam, figurando a par dos zoilos despreziveis, e de invejosos reptis, apenas dignos da risada da Nemesis, que os flagellou!

Para se avaliar este conflicto, que fez estrepito, e se enlaça como episodio integrante na carreira de Elmano, é necessario expôr as cousas desde a origem. A historia da nova Arcadia não póde separar-se da vida do poeta sem esta ficar confusa e incompleta.

Quando se erigiu a primeira Arcadia estava-se n'uma epocha de decadencia; e baldados foram os maiores esforços, as melhoras enganosas passaram depressa; e viu-se a corporação durando menos do que os fundadores. Obra dos individuos e não do pensamento geral, sequestrou-se da sociedade a pretexto de a corrigir; poz o typo da reforma litteraria na imitação classica; e expirou sem verdadeiro echo com a perda do Garção e do Quita, e depois do silencio do Diniz. Entre a sua queda e a geração, de que Bocage e Macedo foram representantes, raros engenhos se distinguiram; porque todos os dias se apagavam mais as tradições do gosto. Em presença disto, e desejosos de levantarem uma barreira forte á torrente, que tornava a crescer e a submergir as letras, alguns poetas resolveram unir se, e de commum accôrdo combaterem a degeneração por meio da critica, e dos bons modêlos. É inutil accrescentar, que o seu horisonte ainda abrangia menos, que o dos antigos Arcades; e que os successores do Garção tinham os hombros fracos, e a respiração bem curta para tamanha empreza, sobre tudo em epochas de transição, nas quaes a anarchia não escuta senão uma voz applaudida, e não obedece a quem a não subjuga por um impulso vigoroso.

O bando dos glosadores zumbia com enchames de trovas, e ria-se entre as palmas irrisorias dos outeiros, das lições impotentes da «Academia das Bellas Letras» ou «No-

va Arcadia.» Este senado de vates, para dictar as suas leis, carecia da auctoridade de maiores athletas. A Joaquim Severino Ferraz de Campos, Belchior Curvo Semedo, Domingos Barbosa Caldas, e outros socios, faltava a estatura necessaria para serem vistos de longe, e a robustez precisa para assentarem as bases de uma eschola. O segundo legou-nos versos estimaveis; o primeiro foi bem quisto pelas suas qualidades; o ultimo, mais cantarino do que poeta, tendo o corpo de delicto na sua «Viola de Lereno», longe de merecer uma cadeira na assembléa, devia ser indicado como um dos exemplos vivos da corrupção da arte. José Agostinho, e Elmano, os dous homens de futuro da Academia, podiam de certo, querendo, tomar a direcção, e firmar as columnas do novo templo; mas com as propensões naturaes, e o indomavel orgulho do seu caracter, não tinham nascido para cooperarem juntos, e muito menos para submetterem a liberdade do talento á censura de individuos, reputados seus inferiores. Assim os elementos de ruina introduziam-se desde o principio na existencia da sociedade, e ameaçavam desmembral-a. Os pontos, em que parecia mais solida a sua organisação eram justamente os mais expostos.

Existindo desde 1790 até principios ou meiado de 1793 a «Nova Arcadia» foi a causa, ou mais exacto, foi o pretexto da guerra entre os vates. Tinha sido eleito protector perpetuo o conde de Pombeiro, depois marquez de Bellas; e em attenção a elle fôra nomeado presidente o padre Caldas, seu hospede e commensal. Em uma das sallas do palacio é que as conferencias se celebravam todas as quartas feiras, e as obras poeticas, em parte publicadas nos quatro pequenos tomos do «Almanack das Musas», alli se discutiram e approvaram. Nestas reuniões Bocage não poupou os collegas, mostrando tel-os em menos conta do que mereciam. Deslumbrado com os applausos obtidos pelo volume das suas «Rythmas», impresso em novembro de 1791 na officina de Simão Thaddeo Ferreira, (1) arrogou-se o tom

(1) Este volume comprehendia a serie das poesias da primeira mocidade do auctor: as que fizera na India; e algumas ja compos-

despotico e insoffrivel, que por fim cançou a paciencia de muitos, e offendeu o melindre de todos. Foi-se envenenando a animosidade, até que não cabendo no recinto da academia, saiu para a praça publica; e ás hostilidades romperam com tal ardor, que bem denunciava a todos a viveza dos odios.

Não se sabe ao certo quem levantou primeiro o estandarte; mas parece ter sido Bocage no soneto:

> Preside o neto da rainha Ginga
> Á corja vil, aduladora, insana,

em que são crivados de motejos todos os arcades, sem exceptuar o mesmo conde de Pombeiro. Ha, porém, opiniões que sustentam a innocencia de Elmano, negando ser elle o auctor, e attribuindo a satyra a Belchior Semedo, disfarçado no estylo, para provocar o conflicto. Esta versão por infundada, torna-se-nos suspeita; e tanto o testemunho dos intimos do poeta, como a phrase e os toques da poesia, estão accusando a penna de Elmano. Pouco escrupuloso e muito prompto em ceder á ira, o desforço assim lisongeava-o e satisfazia-o; e é mais que provavel até, que as horas lhe parecessem longas, em quanto não mimoseasse com as pateadas do ridiculo os emulos de que o seu orgulho se offendia, e que na sua força despresava. Em todo o caso a contenda começou em 1792; e da parte dos arcades irritados, na frente dos aggressores de Manuel Maria, encontramos o abbalde de Almoster, Belchior Curvo Semedo, e o Dr. França.

José Agostinho tambem não dormia; mas ardendo em invejas, e cégo de amor proprio, a vaidade não o fazia menos pesado do que Bocage. Frustradas as diligencias do sr.

---

tas depois da volta. Deu-se á estampa com designação «Rimas de de M. M. de B du Bocage — Tom. I» Continha 108 sonetos, 7 odes, 4 canções, 2 epistolas, e 5 idilios. Vendeu se por 48$000, e depressa ficou exgotado. Na segunda edição o poeta omittiu muitos dos versos incluidos no exemplar hoje raro da primeira, e ajuntou outros novos, tornando-a assim mais correcta e opulenta.

Bingre, e de Severino Ferraz de Campos para congraçar os adversarios, os pastores do Menalo reuniram-se e proferiram com toda a solemnidáde a exclusão de Elmano, julgando se vingados depois della! A esse tempo o traductor de Ovidio já tinha voluntariamente cumprido a pena, deixando de assistir ás conferencias; mas resentido com o ultrage redobrou os golpes, e amiudou as satyras. «A Nova Arcadia» expirou, desamparada no meio da peleja. A valentia metrica de Bocage, superior a tantos antagonistas, augmentou-lhe a reputação e os admiradores; a confiança que tinha em si cresceu com elles; e o arrojo natural, fortificado pelo exito, d'ahi em diante de nada duvidou e a tudo se atreveu. Este foi o peior dos effeitos do combate. A origem de grandes erros e de muitos revezes do poeta não sobe mais longe. Destas primeiras dissenções nunca se apagou da sua alma, nem na dos contrarios, a indelevel nodoa; e por isso os veremos separados e inimigos, gastando o engenho em luctas obscuras, e offerecendo ao povo o espectaculo lastimoso de taes rixas.

Naturalmente devoto, e até supersticioso, a séde dos applausos e o cortejo do seu auditorio, levou-o a competir na impiedade com os escriptores mais irreligiosos. O mesmo homem, que vimos no leito da morte estender os braços ás consolações da igreja, e nutrir a alma e o canto com as promessas da remissão christã, nos dias de loucura e de ebriedade desvairado, e callando á força os remorsos, molhou a penna em fel, e negou a propria consciencia, para colher o venenoso elogio de falsos amigos!

No meio das continuadas distracções das sociedades, aonde o dom de repentista se exaltava com o enthusiasmo dos admiradores; entre os cuidados e as negligencias de uma vida, em que o dia de hoje desconhecia o dia de hontem, e ignorava o seguinte; passando da hospitalidade de um protector rico para o tugurio humilde de um pobre como elle; incapaz de sujeição e inimigo de qualquer freio, supportava mais alegre a indigencia, do que o constrangimento, fazendo da incuria a sua divindade tutelar! Regeitando muitas vezes a offerta de empregos, que o livrariam dos apuros

quotidianos, para não arrastar o grilhão das obrigações, batia moeda com os versos, e despia-se do que lhe davam para vestir a miseria, com a mesma facilidade, como que aceitava o beneficio. Em Lisboa, em Santarem, nas festas e nos serões, esta existencia *folgada e milagrosa* como elle dizia nunca se desmentiu, nem lhe pareceu pesada. Tiradas poucas horas para a leitura, alcançado momentos antes o pão de cada dia, sentia o estro livre, e o espirito desassombrado. O futuro era para elle como o presente — um caso de confiança em Deus, em si, e na generosidade inexgotavel dos que o soccorriam.

Neste desasocegado e incerto viver, os impulsos ruins dos máus momentos achavam desgraçadamente entrada no seu animo, e a cegueira do amor proprio abria nelle ouvidos faceis aos pessimos conselhos dos aduladores. Sem ser mau timbrou algumas vezes em o parecer; sem ser impio não se envergonhou de o fingir; o amor da novidade, e o desejo de se tornar o idolo da turba, que o incensava, precipitaram-no pelo desregramento em aberrações indisculpaveis. As idéas, sustentadas pela eschola encyclopedista de França, por todos os meios de persuasão, que os mestres em impiedade sabiam empregar, principiaram a romper o cordão sanitario da censura; e os livros, cuja peçonha agradavel foi mais uma cillada contra as crenças, desejados com a curiosidade que a prohibição excita, entravam a furto, devoravam-se em segredo, e iam colhendo proselitos até nas classes nobres e nos claustros. As primeiras raizes do mal começaram a pegar por tanto na terra, e se não profundaram mais é porque a terra não as favoreceu!

A revolução franceza, os seus principios novos, o estrepito dos acontecimentos, e a gloria militar das suas armas, davam ás theses expostas nas obras dos phylosophos (donde em grande parte surgirá o facto triumphante) um valor e um alcance, hoje muito difficil de comprehender.

O povo reinando em logar do rei; uma nação moderna imitando as instituições e repetindo os feitos das antigas republicas; por toda a parte os seus exercitos vencedores; em todos os logares o nome da liberdade proclamado, co-

mo explicação de tantos prodigios, eram rasgos extraordinarios bem proprios para accender a imaginação dos homens, que não sequestravam o espirito á acção intellectual do mundo. Admirador de quanto se lhe representava grande, Bocage seduziu-se pelas apparencias ainda, mais do que pela verdade; e sonhou com a gloria de ser o introductor em Portugal das theorias, plantadas no seculo XVIII, e para elle assim como para os mais adiantados portuguezes, cheias de illusões, e inteiramente distinctas da pratica. A bellesa tentava-os; os horrores, preço da conquista social, viam-nos de longe; e o doce nome da liberdade escondia aos seus olhos a maior parte do sangue e das lagrimas, que a lucta derramára, desde que o filho de Luiz XV subiu ao cadafalso, mais a monarchia, em expiação dos erros de seus pais!

O risco e o receio, que acompanham a leitura, e muito mais a profissão das idéas irreligiosas e liberaes, augmentavam o sabor á infracção da lei, e davam quasi poetico aspecto ao delicto litterario, que sem os ferros e as censuras, perdida a importancia, cairia sob as varas do desprezo, pena fulminada não nos codigos, mas pelo maior dos legisladores humanos — a consciencia publica, que só por poucos e raros momentos se deprava! Eis em resumo as influencias, que provavelmente imperaram no animo de Bocage, excitando-o a entregar-se á composição de versos impios, forçando a tendencia devota e supersticiosa da sua alma. Excessivo ardor de imaginação; pessimas suggestões dos aulicos do Parnaso; e desvairado desejo de applausos, foram de certo os maus conselheiros, que escutou, e a que succumbiu. Vejamos agora os resultados.

A causa, que invocaram as auctoridades civis e ecclesiasticas para procederem contra elle, nasceu do conhecimento da epistola:

«Pavorosa illusão da eternidade»

da qual milhares de copias se espalharam, assim como de diversas outras producções reprehensiveis e anti-religiosas, inspiradas pelas musas obscenas de Parny e de Piron. Além

da aberração deploravel contra a fé e os costumes, Bocage era tambem accusado de ter composto alguns versos liberaes, em que as aspirações da alma livre, rompendo os vinculos da censura, podiam capitular-se de audaciosas liberdades de pensamento, em uma epocha, e com um regimen, que não admittia a tolerancia no seu codigo. Diante dos excessos da revolução franceza, terror perenne no animo dos governantes, e em presença da educação publica tão calculadamente claustral, tendendo tudo a sumir as perigosas luzes, que inquietavam a Europa, estas poesias deviam figurar-se aos olhos do poder como um attentado contra a veneração da monarchia, como um delicto monstruoso contra o principio catholico, mais ou menos abalado em toda a parte. Não admira, portanto, que as arguições dos phariseus da lei, e dos supersticiosos da religião, engrossassem todos os dias, e que os inimigos de um poeta, como elle proprio se apregoa.

«Inimigo de hypocritas e frades»

aproveitassem com prazer a occasião de trabalharem para a sua ruina.

Entre os versos, que se lhe attribuem, postos de parte mesmo os impios e licenciosos, havia bastantes capazes de provocarem o susto e o rancor dos que viviam do throno e do altar. Quem, celebrando a victoria de Bonaparte sobre os estados pontificios, não duvidava fechar um soneto, mais do que audaz, com o seguinte terceto:

> O rapido francez vae-lhe ás canellas;
> Dá, fere, mata;... ficam-lhe em despojo
> Tiaras, mitras, bullas, bagatellas.

não podia queixar-se de que a Inquisição lhe fizesse crime delle, e o tivesse recluso nos seus carceres. Meio seculo antes, o desgraçado Antonio José expirava nas chammas, sentenciado por muito menores culpas!

A denuncia destas composições imprudentes chegou ás mãos do intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pi-

na Manique, e este entendeu que era do seu dever passar immediatamente ordem de prisão contra o indigitado auctor das impiedades, que escandalisavam a crença dos verdadeiros fieis, e faziam ulular de raiva os falsos devotos. Elmano morava então em casa de André da Ponte do Quental e Camara, cadete do regimento denominado da Armada; e ignora-se quem o avisou da diligencia; mas é certo que o soube e que tractou de se evadir, fugindo para bordo da corveta *Aviso*, que estava para sair em poucos dias para a Bahia. Quando os beleguins o buscaram, não achando senão a André da Ponte, prenderam-n'o, e apoderaram-se logo dos livros e papeis, que não houve tempo de salvar, assim como faltou do mesmo modo para ser prevenido o companheiro. A 10 de agosto de 1797, sendo descoberto na embarcação, aonde se homisiava, a justiça lá foi, e trouxe a Bocage para a cadeia do Limoeiro, aonde entrou, e esteve de rigoroso segredo.

Na mesma data officiava o intendente Manique ao juiz do crime do bairro de Andaluz, mandando abrir devassa sobre o procedimento de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, suspeito de ser o auctor de alguns *papeis impios, sediciosos, e criticos*, espalhados nos ultimos tempos pela côrte e reino. O magistrado accrescentava, que as informações lhe representavam o poeta como desordenado de costumes, desconhecedor das obrigações religiosas, e remisso na pratica dos sacramentos, que os preceitos da igreja mandam guardar. Já se vê, que as culpas imputadas não eram nada leves, e que a opinião da auctoridade pouco tinha de favoravel. Manique neste officio mostrava se tão inclinado ao rigor, que não só ordena ao corregedor, que proceda á devassa para averiguação dos factos, mas que apprehenda todos os papeis, manuscriptos ou impressos de Bocage, mesmo em poder de terceiros, seus sequazes, devendo estes ser presos igualmente, e a sua vida examinada, a fim de se conhecer se imitavam na dissolução de costumes a Manoel Maria! (1)

(1) Tanto este, como os outros documentos que citamos, pertencem á collecção de documentos relativos a esta epocha da carrei-

Instaurou-se-lhe processo logo, sendo perguntado diversas vezes pelo desembargador Ignacio José de Moraes Brito, incumbido da instrucção. Contando já perto de mez e meio de prisão rigorosa, compoz com o titulo de «Trabalhos da vida humana» uma narração desleixada e bastante vulgar do seu infortunio, e não cessou depois de se lamentar quasi todos os dias em versos mais nobres do que a primeira producção. Parece que o ciume, exacerbando os outros padecimentos, lhos invenenava de suspeitas e de saudades, como indicam alguns sonetos inspirados por esta paixão, e mui expressivos na pintura della. Ao mesmo tempo nada esquecia para excitar o zêlo e a piedade dos seus amigos, e dos poderosos intercessores, que o talento lhe grangeára.

Os marquezes de Ponte de Lima, de Abrantes, e de Pombal, aos quaes dirigiu as bellas epistolas, que se lêem na collecção das suas obras, não o desampararam; compadecidos uniram os esforços, e conseguiram quebrar-lhe os ferros, e restituil-o á liberdade, dando-se ao processo a opportuna direcção para isso. Julga-se que José de Seabra da Silva, ministro de estado, e admirador de Elmano, teve neste accôrdo honrosa parte, devendo o poeta ao seu valimento com as auctoridades civis, e com os proprios inquisidores, a suavidade com que todos elles o castigaram. Mas não antecipemos.

Decorridos quasi tres mezes, o intendente da policia officiou ao inquisidor geral D. José Maria de Mello, em 7 de novembro, remettendo-lhe o preso, que foi transferido para os carceres da inquisição, donde passou para o Mosteiro de S. Bento da Saude. Ainda que a phrase do officio seja severa, vê-se que as iras tinham abrandado; e o que succedeu depois bastante o prova. A inquisição desarmada do antigo rigor, humana e clemente por convencimento ou

ra do poeta, fiel e integralmente copiados dos registos da antiga Intendencia da Policia (hoje archivo do Governo Civil de Lisboa) pelo sr. Innocencio Francisco da Silva, ao qual agradecemos o obsequio com que se prestou a communicar no-los. Damos a substancia delles no texto.

por necessidade, mostrou-se indulgente com o accusado, acceitando de boa mente os protestos do seu arrependimento. Nem lhe dilatou a reclusão, nem o sujeitou a nenhuma das expiações infamantes, usadas nos antigos tempos de severidade. Contentou-se com uma admoestação aspera; com a declaração de elle não tornar a dedicar a sua penna a assumptos irreligiosos; e com algumas semanas de custodia na companhia de varões doutos e tementes a Deus.

Em 22 de março de 1798 o intendente Manique dirigia-se de novo ao corregedor do crime do bairro dos Romulares, encarregando-o de passar ao Mosteiro de S. Bento da Saude para receber a Manoel Maria de Barbosa du Bocage e o conduzir ao hospicio das Necessidades, devendo ahi ficar recluso sem venia de saír até nova ordem, e sem ter communicação com pessoas de fóra; mas sendo-lhe licito andar em liberdade pelo hospicio, descer á cerca nas horas de recreação, e tratar com os religiosos conventuaes. O officio termina por uma exhortação, quasi paternal, do magistrado em nome do soberano, dizendo-se nella, que o principe regente esperava: «que por meio das correc«ções, que tinha soffrido Manoel Maria de Barbosa du Boca«ge, tornando a si e aos seus deveres, aproveitando os seus «distinctos talentos para servir a Deus, a elrei, e ao esta«do, seria util a si, e daria consolação aos seus verdadeiros «amigos e parentes, abandonados os vicios e a prostitui«ção, em que vivêra escandalosamente.»

Esta lição pesada, se não aproveitou tanto como os protectores esperavam, não foi esteril para o poeta. Ouvido em confissão geral pelo padre Joaquim de Foyos, e conservado em custodia entre os congregados, teve tempo de acalmar o espirito, e de socegar o coração. É deste periodo da sua vida que data uma das mais admiraveis tentativas, que ainda se ousaram na lingua portugueza, como nota o sr. Castilho, juiz competente, porque se mediu victorioso com as mesmas difficuldades. Foi então, que Elmano, a sós com o seu engenho, e concentrando no estudo e na reflexão todo o cabedal das faculdades, travou corpo a corpo com a musa de Ovidio um certamen, de que são tropheos

as versões, que nos legou. Neste monumento incompleto que a brevidade da existencia e as distracções do mundo não deixaram concluir, embora ficasse interrompido, está o testimunho glorioso do poder do seu talento. A poucos foi dado de um só passo chegar tão longe.

Os ferros e a tristeza do captiveiro, duro de mais para a impaciencia do seu caracter, não lhe offuscaram o brilho do estro. Entre prantos a sua voz nunca cessou de se ouvir; e na epistola ao marquez de Ponte de Lima (uma das numerosas composições desse periodo) achâmos descriptas por elle mesmo, em tercetos dignos do infortunio, as feições moraes, que os zoilos denegriam para vingarem os revezes do amor proprio, fingindo vingar a religião e o estado.

Bocage teve erros e defeitos; mas a raiz dos seus desvarios não estava no coração; nascia do venenoso applauso da turba anonyma, que o cegava com lisonjas, e o attraía com prazeres. Eram sombras, que lhe caiam de fóra, e que se desvaneciam em algumas horas de conversação com a sua alma, envergonhada então do que a seduzira antes! Nelle o homem era bom, compassivo e crente; o poeta é que foi agreste, ciumento, propenso á ira: capaz de esquecer a gratidão em um gracejo elogiado; e eternamente escravo de dous vicios, fataes ao genio e á felicidade: — a sensibilidade extrema do orgulho exaltado; e o horror da quietação e da existencia commum.

Escutemos-lhe as queixas, gemidas na solidão, quando, em pleito com os accusadores, olha sem disfarce para o espirito inclinado sob a dor, e cheio de nobre sinceridade, não duvida descobrir-se todo, arrancando o véu com a suprema persuasão, que nasce da verdade:

> O rumor, que me ultraja, é fraudulento;
> Senhor, meu coração não jaz corrupto,
> Corrupto não está meu pensamento.
>
> Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto;
> Do triste, do infeliz não olho ao damno,
> Com ferreo desamor, com rosto enchuto.

Vejo a copia de um Deus no Soberano;
Curvo-me ás aras; em silencio adoro
D'alta religião o eterno arcano.

Sim erros commetti, mas erros chóro,
Não com pranto sagaz, que a vista illude:
Da abjecta hypocrisia ardis ignoro.

Estes foram, como os retracta, os sentimentos verdadeiros da sua alma!

Mais do que devoto, supersticioso até, em um momento de allucinação, rompeu comsigo para poder romper com a fé, e teve a indisculpavel fraqueza de traçar a «Pavorosa illusão da eternidade!» Adorando a patria, cuja saudade chorou em magoados canticos ás margens do Ganges e nos trances das tempestades do oceano, o ardor da novidade, e o rasgo imprudente de um genio arrojado, levaram-no a tomar ás vezes a licença sanguinaria da revolução franceza, no periodo que a deshonra, pelo esforço heroico da liberdade, que apenas assistia com os exercitos, oppostos peito a peito nas fronteiras á invasão! Nascido trinta annos mais cedo, do que a epocha para que fôra talhado, vemos nelle a aspiração precedendo o exame; e a vontade reflectida atrás sempre do impeto!

Seria o primeiro dos poetas da eschola chamada romantica se vivesse com a nossa geração; adiante da sua, como esteve, foi assim mesmo o mais moderno dos poetas classicos pelas tendencias, e apesar das fórmas. Em um governo de instituições exaggeradas e oppressivas, o espectaculo da anarchia, e o ostracismo reciproco dos tribunos, hoje no throno, e ámanhã no cadafalso, viria irritar no seu animo o grito da justiça, e o horror da crueldade: o sangue innocente e a iniquidade triumphante far-lhe-iam exasperar a paixão no seio, e como André Chenier, por amor á razão livre, e á consciencia solta de vinculos, o iambo vingador sustentaria os foros da verdadeira liberdade em face da tyrannia hypocrita, coberta com as suas vestes!

Mas o seculo para nós ainda vinha longe! As idéas, que preparam os grandes acontecimentos, precisam de amadu-

recer primeiro a intelligencia antes de incarnarem na acção e de se traduzirem em factos; e as de fóra não passavam o mar e a fronteira senão a medo. A reacção começava sim; porém confusa, balbuciante, e sem discernir os meios nem os fins. Os abusos batiam mais na vista, do que a caducidade das formulas, de cuja degeneração se alimentavam; e era mais contra os abusos, do que em hostilidade ao systema, que os censores erguiam em segredo a voz, e concebiam virtuosas esperanças de remedio. O sceptro absoluto de D. João VI, principe regente, regia tão suave, e sentia-se tão ao de leve, graças á bondade natural de seu caracter, que tudo seria accusado menos o throno, e para tudo se fariam votos, menos para a mudança de imperante!

As classes medias, saíndo protegidas e estimadas do jugo firme, imposto pelo ministerio do Marquez de Pombal em nome da unidade monarchica, tinham ganho terreno todos os dias sem conflicto ou dissenção; a nobreza ferida na cabeça dos Tavoras, e advertida pelos exemplos atrozes da praça de Belem, contentava-se com os restos, ainda valiosos, dos bens, privilegios, e isenções, que tirava da corôa; e punha o alvo em disfructar, e não em combater. O reinado tolerante, politicamente, mas devóto, e estacionario na administração, com que a filha de D. José I, alliviu a reforma violenta e nada escrupulosa do primeiro ministro de seu pái, adormecêra o espirito, e a auctoridade tanto na côrte como no reino. Não havia portanto causas fortes para excitar a discussão; nem thema para facções. A paz era profunda. Eis em resumo, porque o echo da revolução franceza chegava tão amortecido ao Tejo! Eis, porque as innovações decretadas em Paris no meio das phrases da lucta, passavam quasi desapercebidas pelos olhos das classes, cujos interesses iravam a tribuna da convenção, e ensanguentavam os campos de batalha!

Portugal estava muito na infancia pelo seu atraso para entrar em communhão de idêas com o resto da Europa. O famoso tractado de Sieyès — «O que é o terceiro braço da nação?» — apenas faria meditar um ou outro pensador. O mais dos subditos, plebeos, fidalgos, e padres, ficaria no

meio sorriso, concedido ao livro engenhoso, cujas theorias entreteem o espirito pelo bello ideal, mas que ao senso pratico nem assusta nem cathequisa. Cousa notavel! Agitando-se na Europa os maiores problemas modernos da civilisação e da economia publica, parecia pela serena e negligente posição dos nossos governos, que os reis e os povos estavam no theatro vendo representar a utopia de Salento! Foi necessaria a invasão e a conquista; a guerra da independencia; e os gritos liberaes de Italia e de Hespanha para a commoção de 1820 accender aquella chamma fugaz, que um passeio de cavalheiros e de militares apagou em poucas horas, a meia jornada de Lisboa. Por isto se póde suppor, o que seriam os pensamentos mais temerarios dos liberaes portuguezes de 1797?

Este esboço foi-nos indispensavel para não se fazer de Bocage uma idéa falsa, tomando-o por um patriota, desses que se formam nos comicios e na practica das instituições republicanas, ou representativas. Acreditemos, que elle sonhasse com os Pelopidas e os Aristides amigos da sua infancia; e que pelos retratos de Plutarco e de Nepote, compozesse com elles o typo do perfeito cidadão antigo; mas d'ahi a entender e a preparar a reforma politica á imagem e similhança da constituição britannica, ou da renovação franceza, vai uma distancia immensa. Os seus sonetos liberaes do mesmo modo que as suas poesias impias, foram unicamente faiscas momentaneas que a gloria das armas de Bonaparte, e o odio dos frades e dos Tartufos lhe accenderam no estro: se procurassem mais adiante e mais do que isto, encontrariam sempre a musa, mas nunca a reflexiva e severa figura da sciencia dos estados!

Amigo de José de Seabra, e de alguns sabios jurisconsultos da eschola do marquez de Pombal, o auctor da cantata de «Leandro e Hero» colhêra no seu tracto as doutrinas do seculo mais robusto do regimen monarchico, depois de D. João II e D. Manoel. Sebastião José de Carvalho e Mello nas suas opiniões affectava uma certa independencia religiosa, devida á longa residencia no estrangeiro (Londres e Vianna d'Austria) que os jesuitas e os advogados da curia

tractavam de heretica, ou pelo menos de mal soante. As ordens monasticas em geral, e as praticas supersticiosas da ignorancia e do beaterio, encontraram sempre no conde de Oeiras mais severidade e desamor, do que era de esperar do primeiro ministro de um principe absoluto. Nas relações com a Santa Sé, e na extincção dos padres da Companhia, todos sabem a inteiresa e o desassombro com que sustentou sempre as prerogativas da corôa. Sem professar as theorias dos encyclopedistas a todos os respeitos, collige-se que não lhe foi indifferente a leitura das suas obras.

Os seus admiradores, decaído o protector, conservaram illesa a tradição. Riam-se das abusões e das momices fanaticas armadas á credulidade do vulgo; declamavam contra os frades com argumentos tirados da boa politica e do espectaculo da relaxação da sua disciplina; liam com gosto, ou sem remorso pelo menos, os tractados philosophicos da seita Voltairiana; e nem por isso aboliam a inquisição e a censura, ou admittiam a tolerancia das idéas novas, caso alguem as ensinasse. Bocage deve collocar-se, pois, no gremio escolhido e mais illustrado destes homens, que seriam muito ousados para o seu tempo, mas que diante dos actos mais simplices do actual atariam as mãos na cabeça, dando o throno e o altar por irremissivelmente perdidos na melhor boa fé, e com o mais profundo e sincero desalento.

Alexandre de Gusmão (o espirituoso brasileiro amigo de lord Tirowley) e D. Luiz da Cunha, um dos mais instruidos diplomatas que tivemos, já no reinado de D. João V, apontavam os abusos, e indicavam algumas reformas com notavel liberdade de pensamento; porém esta assustal-os-ia a elles proprios, se a vissem reproduzida pela estampa, ou posta em execução por ministros sabios em palavras, e decididos em acções!

Eis a explicação da lenidade, que houve no processo civil e ecclesiastico de Elmano, e o motivo porque não se tardou em lhe permittir a saída da sua reclusão das Necessidades, consentindo-se que voltasse aos braços dos seus amigos. Como já observámos, a indole do poeta, excellente quando entregue a si, era facil em recair nos erros, esque-

cendo até os avisos da adversidade apenas o circumdava a turba dos admiradores, ou o pungiam os tiros de inimigos atrabiliarios. Desta vez, porém, a lição aproveitou-lhe. Não só quebrou a penna, com que escrevêra contra a religião e os costumes, como roubou ás distracções e ao desregramento usual, algumas horas consagradas ao estudo e ao trabalho. Passado pouco tempo estabeleceu-se em casa propria, e chamou para a sua companhia sua irman D. Maria Francisca, cuja amizade carinhosa foi a consolação das attribulações e dôres dos ultimos mezes da sua vida. A verdade pede que se accrescente, que escravo dos deveres contraidos na qualidade de chefe de familia, não havia prazer nem diversão, que o seduzisse, em quanto não deixava segura e farta subsistencia áquella irman, que não tinha outro abrigo senão os extremos da sua piedade fraternal. A isso allude na satyra a Macedo, que estava muito longe de poder comparar-se-lhe em virtudes domesticas e em sentimentos generosos.

O mesmo homem, que rejeitára redondamente de José de Seabra a nomeação para um logar de official na Bibliotheca Publica, achando insupportavel a sujeição do emprego, melhor aconselhado pela necessidade não teve duvida em acceitar de Fr. José Marianno Velloso, religioso arrabido, e director então da officina chalcographica, creada pelo ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o partido que lhe propoz de se occupar em rever acuradamente as provas de obras appropriadas a diffundir a instrucção, applicando o resto do tempo ás versões de bons auctores e a composições originaes. O ajuste foi dos mais modestos. Vinte e quatro mil réis mensaes, ficando a primeira edição toda para a casa, eis o que obteve o grande poeta, e ao que se submetteu para grangear os soccorros, que a indigencia tornava preciosos. Sem este contracto, em que o padre Velloso se nos figura mais favorecido do que bemfeitor, como diz o Sr. Castilho, a litteratura portugueza contaria de menos algumas primorosas traducções. Homem de vasto saber, e amigo por natureza dos engenhos desvalidos, devemos suppor que o religioso arrabido offereceu quanto lhe permittiam as posses

do estabelecimento; e o reconhecimento de Elmano, conservado até á morte, assás o attesta. Pode inferir-se até, pela dedicatoria do drama «A Virtude Laureada», que a mão do protector discreto e liberal soube escolher as occasiões, acudindo com dadivas espontaneas aos maiores apuros de Manoel Maria. Da transacção com Velloso saíram as versões admiraveis dos «Jardins de Delille», das «Plantas de Castel», do «Consorcio das Flores de Lacroix», e do «Canto de Tripoli de Cardozo.» Em ferros, ou atado ao poste da indigencia, este espirito gentil tinha forças para erguer assim alto o canto. Seria a sua obra mais duravel e mais completa se o estimulo das precisões terrenas o não forçasse a romper os ocios? Se a sociedade fosse menos indifferente e o governo mais valedor; se um ministro, como Colbert ou Richelieu, medisse as honras e as pensões pelo merito, ousaria alguem prever o vôo rasgado desta aguia, que assim mesmo captiva, como a do capitolio, pousa sobre o raio de uma inspiração potente?

Bocage, lisongeado por aquelles de quem o louvor é tão doce, e empenhado em erguer um monumento, que fosse o eterno lustre de seu nome, preferiria ainda a licença das algasarras metricas, as palmas dos areopagos anonymos, e a independencia escrava de uma carreira de penuria e de fadigas mal retribuidas? Esperemos que não. O que lhe faltou foi a epocha e homens, que o podessem conhecer. Podendo como hoje mirar a tudo, seria tudo, porque no talento estava a sua força. Achando um Mecenas, que lhe désse a abundancia sem a servidão e lhe tornasse o lavor agradavel pela gloria, ainda seria muito, porque o estudo e a lima da reflexão expurgariam as impuresas, filhas da precipitação com que a idéa se funde no molde, ardendo ainda a lava no primeiro jacto. Desgraçadamente os amigos, e os grandes, cobrindo de applausos e de corôas ephemeras o repentista sublime, só tomavam a arte e o genio como instrumentos de deleite, esquecendo-se do cantor, apenas cessava o canto! Não admira, pois, se pelo habito de arrastar o seu grilhão, e de viver de milagres e de esforços, elle foi espalhando ao acaso, taes como nasciam, as flores mais es-

plendidas do seu engenho. Assim mesmo, abertas na amargura e na estreiteza, quantas dellas não ficaram immortaes?

No meio das occupações, a que se dava, acceza a guerra de novo com os emulos no Parnaso, e travado com José Agostinho de Macedo o famoso duello litterario, que nos valeu a mais vehemente e incisiva das satyras portuguezas, Bocage teve eminentes sobre si novas perseguições religiosas, que desta vez não provocou, e de que a sua innocencia o tirou sem incommodo pessoal.

Uma senhora, filha do administrador do Correio Geral, Roque Ferreira Lobo, metrificador vaidoso e menos que mediocre, com a caridade singular, que distingue o fanatismo, lembrou-se de o denunciar á Inquisição, como suspeito de ligações maçonicas, porque, diz ella, devia obedecer aos preceitos do Santo Officio! Em 23 de novembro de 1802 o tribunal mandou indagar ácerca dos fundamentos da denuncia pelo padre José dos Reis Marques, que respondeu a 28 de abril de 1803. Este zeloso executor das ordens secretas dirigiu-se á devota, e informou-se com toda a individuação a respeito do que ella já tinha escripto. Manuel Maria era apontado como pedreiro livre, em companhia de José Maria de Oliveira, escripturario do Correio, de um capitão Castro, e de Joaquim Manoel de Moura Leitão, escrivão do crime da côrte e casa. A respeitavel dama declara ter ouvido o que relata na habitação de uns visinhos, e descreve a scena com a fidelidade de memoria de uma beata, perita na grande arte de ver e escutar em proveito da fé. Bocage e José Maria de Oliveira (assegura ella) vieram áquella casa, e ahi o ultimo, sentando-se a uma banca em que havia papel, começou a desenhar um triangulo com um olho dentro, depois um sol e estrellas, e mais duas mãos dadas, ao passo que perguntava ao sr. Bocage se era amigo de pinturas. Elmano disse *que não*, e guardou o desenho a toda a pressa. De tudo isto concluiu a serva de Deus, que não podiam ser senão pedreiros livres, e entrou em escrupulos, acabando por participar o occorrido ao Santo Officio! O negocio, porém, não passou do principio. O tribunal poz-lhe pedra em cima, ao que parece, e Manoel Maria, vivendo ainda perto de tres

annos, não consta que tivesse nunca o menor dissabor por similhante causa. (1)

Os padecimentos physicos seguiram-se em breve ás inquietações moraes e ás fadigas do espirito. Obrigado a procurar cada manhã o pão da tarde para que a sua irman nada faltasse, o abuso de bebidas espirituosas (posto que sem embriaguez) e do tabaco de fumo, e os estragos do genero de vida desregrado a que se dava, foram-lhe minando a saude, e tornando cada vez mais debil a valetudinaria constituição. Despresando as dores habituaes, não guardando regimen nem cuidado, julgava-se fadado para viver seculos quando os dias dolorosos se apressavam na ampulheta! Uma dilatação das carotides converteu-se dentro em pouco em aneurisma, molestia para que não ha esperança, e prostrou-o no leito, que foi tambem o eculeo da sua expiação.

Como Molière os seus epigrammas contra os medicos não passavam dos labios; se a doença o visitava deixava de sorrir e obedecia cegamente ás prescripções da faculdade, procurando lêr nos olhos e no rosto do assistente a sentença da sua sorte. Nesta ultima e incuravel enfermidade, desenganado pelos doutos, entregou-se ás receitas empiricas dos charlatães, achando imaginario allivio nos remedios absurdos, que lhe inculcavam. A scena dos seus ultimos dias, tão fecunda em bellos rasgos de crença e de resignação christan, já a esboçámos.

A 21 de dezembro de 1805 fechou os olhos para sempre. Meia hora antes de fallecer, já depois de recebida a extrema uncção, e com a mente offuscada pelas sombras lethaes, dictou ainda o ultimo soneto, que o morgado de Assentis colheu dos seus labios tremulos, e escreveu todo de seu punho. Eis os tercetos finaes:

> Eu me arrependo: a lingua, quasi fria
> Brade, em alto pregão, á mocidade,
> Que atraz do som phantastico corria:

(1) O Sr. Innocencio Francisco da Silva nos communicou esta denuncia, cujo autographo existe no Archivo da Torre do Tombo, entre os papeis remettidos para alli em 1821, da extincta Inquisição. Da sua copia extrahimos a narração.

Outro Aretino fui! A sanctidade
Manchei...oh! se me creste, gente impia
Rasga meus versos! crê na eternidade!

O derradeiro suspiro foi portanto um grito de arrependimento! Quantos, envoltos ostentosamente no burel da penitencia, e espargindo cinzas sobre a cabeça na praça publica teriam de aprender na contricção final do poeta mundano perante a sepultura?

Como o cysne acabou em paz cantando!

Exclama Araujo Ribeiro em outro soneto principiado em quanto Bocage era ainda vivo, e terminado quando já subira á presença do Altissimo.

Eis o epitaphio catholico de Elmano. Nelle a fé e a melodia com a dôce luz que dão á alma, só expiram com o extremo alento da existencia!

Philinto Elysio, o velho Philinto, que lhe saudára o estro, e foi o ultimo vate desta geração poetica, sobrevivendo ao cantor de Ignez e de Leandro, fez-lhes as honras funebres em um epicedio, digno de ambos. Sentindo sobre os annos tão pesados de invernos a grande sombra da morte, o traductor dos «Martyres» inclina-se sobre a urna do mais novo dos filhos de Apollo, e os dedos convulsos fogem-lhe pela harpa, tirando sons, cujo echo melancolico, mas gracioso, não tem que invejar ao suspiro elegiaco da lyra hellenica:

Elmano; oh *vale!* A abelha em teu moimento
    Sempre o seu mel componha!
Manná dos céus e balsamos da Arabia
Ali distillem; louros inverdeçam
    Heras, nevados lyrios!
Basto rosal com mil botões o abrace!

Mangerona, tomilho, e a flôr vermelha,
    Que annuncia em queixumes
De Ajax a dor, n'um ai tincto em seu seio!
Do Sado as nymphas, nymphas do aureo Tejo,
    E as Indicas Nereas,
Com lagrimas a campa lhe humedeçam!

Depois o silencio do tumulo sobre os seus ossos, e o reverdecer do louro no chão sagrado, aonde a posteridade vem recordar-se, e suspender a corôa triumphal. (1)

(1) Pomos aqui termo á primeira parte deste estudo, tanto para não demorar a publicação do 1.º tomo das obras de Bocage, como porque, dados os traços biographicos essenciaes, nos pareceu o mais regular e methodico inserir a critica do gosto, invenção e estylo do poeta depois de conhecidas as composições, a que ella deve referir-se. É o que faremos no volume ultimo desta edição, esperando que o leitor approve os motivos litterarios, que recommendam a nossa deliberação.

SONETOS
LIVRO PRIMEIRO.

SONETOS EROTICOS.

I.

Proposição das rythmas do Poeta.

INCULTAS producções da mocidade
Exponho a vossos olhos, oh leitores:
Vede-as com magoa, vede-as com piedade,
Que ellas buscam piedade, e não louvores:

Ponderai da Fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lagrimas, e amores;
Notai dos males seus a immensidade,
A curta duração dos seus favores:

E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns, cuja apparencia
Indique festival contentamento,

Crêde, oh mortaes, que foram com violencia
Escriptos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependencia.

II.

O Auctor aos seus versos.

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem belleza, e sem brandura,
Urdidos pela mão da Desventura,
Pela baça Tristeza envenenados:

Vêde a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura;
Se os ditosos vos lerem sem ternura,
Ler-vos-hão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, oh versos, cobardia
Da satyra mordaz o furor louco,
Da maldizente voz a tyrannia:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco;
Que não póde cantar com melodia
Um peito, de gemer cançado e rouco.

III.

Sonho.

De suspirar em vão já fatigado,
Dando tregoa a meus males eu dormia;
Eis que junto de mim sonhei que via
Da Morte o gesto livido, e mirrado:

Curva fouce no punho descarnado
Sustentava a cruel, e me dizia:
« Eu venho terminar tua agonia;
Morre, não penes mais, oh desgraçado! »

Quiz ferir-me, e de Amor foi atalhada,
Que armado de cruentos passadores
Apparece, e lhe diz com voz irada:

Emprega n'outro objecto os teus rigores;
« Que esta vida infeliz está guardada
Para victima só de meus furores. »

IV.

Contra a ingratidão de Nize.

RAIOS não peço ao creador do mundo,
Tormentas não supplico ao rei dos mares,
Vulcões á terra, furacões aos ares,
Negros monstros ao barathro profundo:

Não rogo ao deus d'amor, que furibundo
Te arremesse do pé de seus altares;
Ou que a peste mortal vôe a teus lares,
E murche o teu semblante rubicundo:

Nada imploro em teu damno, ainda que os laços
Urdidos pela fé, com vil mudança
Fizeste, ingrata Nize, em mil pedaços;

Não quero outro despique, outra vingança,
Mais que ver-te em poder de indignos braços,
E dizer quem te perde, e quem te alcança.

V.

Insomnia.

JÁ sobre o coche d'ebano estrellado
Deu meio giro a noute escura e feia;
Que profundo silencio me rodeia
Neste deserto bosque, á luz vedado!

Jaz entre as folhas Zephyro abafado,
O Tejo adormeceu na lisa areia;
Nem o mavioso rouxinol gorgeia,
Nem piá o mocho, ás trevas costumado:

Só eu velo, só eu, pedindo á sorte
Que o fio, com que está minha alma preza
Á vil materia languida, me córte:

Consola-me este horror, esta tristeza;
Porque a meus olhos se affigura a morte
No silencio total da natureza.

VIII.

Celebra as perfeições de Marilia.

NÃO, Marilia, teu gesto vergonhoso,
A luz dos olhos teus, serena e pura,
Teu riso, que enche as almas de ternura,
Agora meigo, agora desdenhoso:

Tua candida mão, teu pé mimoso,
Tuas mil perfeições, crêr que a ventura
As guarda para mim, fôra loucura;
Nem sou digno de ti, nem sou ditoso:

E que mortal em fim, que peito humano
Merece os braços teus, oh nympha amada?
Que Narciso? Que heróe? Que soberano?

Mas que lê minha mente illuminada!....
Céos!... Penetro o futuro!.... Ah, não me engano;
De Jove para o thoro estás guardada.

IX.

Recordações de Filis.

A LOURA Filis, na estação das flores,
Comigo passeou por este prado
Mil vezes, por signal trazia ao lado
As Graças, os Prazeres, e os Amores.

Quantos mimos então, quantos favores,
Que innocente affeição, que puro agrado
Me não viram gozar (oh doce estado!)
Mordendo-se de inveja os mais pastores!

Porém, segundo o feminil costume,
Já Filis se esqueceu do amor mais terno,
E com Jonio se ri de meu queixume.

Ah! se nos corações fosses eterno,
Tormento abrasador, negro ciume,
Serias tão cruel como os do inferno!

X.

Louvando as graças de Marilia.

Marilia, nos teus olhos buliçosos
Os Amores gentís seu facho accendem;
A teus labios voando os ares fendem
Ternissimos desejos sequiosos:

Teus cabellos subtis e luminosos
Mil vistas cegam, mil vontades prendem;
E em arte aos de Minerva se não rendem
Teus alvos curtos dedos melindrosos:

Reside em teus costumes a candura,
Mora a firmeza no teu peito amante,
A razão com teus risos se mistura:

És dos céos o composto mais brilhante;
Deram-se as mãos Virtude e Formosura
Para crear tua alma, e teu semblante.

IX.

Sobre a sepultura de Tirsalia.

NEGRA fera, que a tudo as garras lanças;
Já murchaste, insensivel a clamores,
Nas faces de Tirsalia as rubras flores,
Em meu peito as viçosas esperanças:

Monstro, que nunca em teus estragos canças,
Vê as tres Graças, vê os nus Amores
Como praguejam teus crueis furores,
Ferindo os rostos, arrancando as tranças!

Domicilio da noute, horror sagrado,
Onde jaz destruida a formosura,
Abre-te, dá logar a um desgraçado:

Eis desço... eis cinzas palpo... Ah Morte dura!
Ah Tirsalia! Ah meu bem, resto adorado!...
Torna, torna a fechar-te, oh sepultura!

XII.

O Poeta distante da sua Amada.

Olhos suaves, que em suaves dias
Vi nos meus tantas vezes empregados;
Vista, que sobre esta alma despedias
Deleitosos farpões, no céo forjados:

Sanctuarios de amor, luzes sombrias,
Olhos, olhos da côr de meus cuidados,
Que podeis inflammar as pedras frias,
Animar os cadaveres mirrados:

Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,
Cuja verde arrogancia as nuvens toca,
Cuja horrisona voz perturba os ares:

Troquei-vos pelo mal, que me suffoca;
Troquei-vos pelos ais, pelos pezares:
Oh cambio triste! oh deploravel troca!

XIII.

Recordando-se da inconstancia de Gertruria.

DÁ perfida Gertruria o juramento
Parece-me que estou inda escutando,
E que inda ao som da voz suave e brando
Encolhe as azas, de encantado, o vento:

No vasto, infatigavel pensamento
Os mimos da perjura estou notando....
Eis Amor, eis as Graças festejando
Dos ternos votos o feliz momento.

Mas ah!... Da minha rapida alegria
Para que accendes mais as vivas cores,
Lisonjeiro pincel da phantasia?

Basta, céga paixão, loucos amores;
Esqueçam-se os prazeres de algum dia,
Tão bellos, tão duraveis como as flores.

XIV.

Venus protege Elmira contra a vingança d'Amor

De Paphos o menino ardendo em ira,
Porque uma ingrata as suas leis detesta,
Tão grave insulto despicar protesta,
E a domar-lhe a altivez, teimoso, aspira:

Dormindo encontra a desdenhosa Elmira,
Sobre a mão reclinada a nivea testa:
«Teu genio (diz) amansarei com esta
Farpa subtil» — e do carcaz a tira:

Mas a bella Acidalia, a quem sómente
Rende o travesso infante vassallagem,
Lhe apparece, e lhe grita: «Amor, detem-te!

«Tu, filho, que não soffres que me ultrajem,
Elmira vens ferir, irreverente!
N'ella de tua mãe não vês a imagem?»

XV.

V nus excedida por Marilia em formosura.

Oh tranças, de que Amor prisões me tece,
Oh mãos de neve, que regeis meu fado!
Oh thesouro! oh mysterio! oh par sagrado,
Onde o menino aligero adormece!

Oh ledos olhos, cuja luz parece
Tenue raio do sol! Oh gesto amado,
De rosas e assucenas semeado,
Por quem morrêra esta alma, se podesse!

Oh labios, cujo riso a paz me tira,
E por cujos dulcissimos favores
Talvez o proprio Jupiter suspira!

Oh perfeições! oh dons encantadores!
De quem sois?... Sois de Venus? — É mentira;
Sois de Marilia, sois de meus amores.

XVI.

Convite a Marilia.

Já se afastou de nós o Hynverno agreste
Envolto nos seus humidos vapores;
A fertil Primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o subtil Nordeste
Os torna azues; as aves de mil cores
Adejam entre Zephyros, e Amores,
E toma o fresco Tejo a côr celeste:

Vem, oh Marilia, vem lograr comigo
D'estes alegres campos a belleza,
D'estas copadas arvores o abrigo:

Deixa louvar da corte a van grandeza:
Quanto me agrada mais estar comtigo
Notando as perfeições da Natureza!

XVII.

A Gertruria ausente.

Por fofos escarcéos arremessado
Ora aos abysmos, ora ao firmamento,
Escutando o furor, e o som violento
Do rispido Aquilão, de Noto irado:

Aberto o peito, o coração rasgado
Pelo agudo punhal do apartamento,
Qual pombinho, que foi de açor cruento
Pelas garras mortaes atravessado;

Assim n'um cégo amor já cégo e louco,
Envio, alma querida, envio aos ares
De quando em quando um ai trémulo e rouco;

Mas tantas afflicções, tantos pezares
Tudo é pouco, Gertruria, tudo é pouco,
Se inda eu vir os teus olhos singulares.

XVIII.

Á mesma, receoso da sua constancia.

Qual o avaro infeliz, que não descança,
Volvendo os olhos d'um para outro lado,
Por cuidar que ao thesouro idolatrado
Cubiçosa vontade as mãos lhe lança:

Tal eu, meu doce amor, minha esperança,
De suspeitas crueis atormentado,
Receio que a distancia, o tempo, o fado
Te arranquem meus carinhos da lembrança:

Receio que, por minha adversidade,
Novo amante sagaz, e lisonjeiro
Macule de teus votos a lealdade:

Ah! crê, bella Gertruria, que o primeiro
Dia, em que eu chore a tua variedade,
Será da minha vida o derradeiro.

XIX.

Esperança amorosa.

Grato silencio, trêmulo arvoredo,
Sombra propicia aos crimes, e aos amores,
Hoje serei feliz! — Longe, temores,
Longe, phantasmas, illusões do medo.

Sabei, amigos Zephyros, que cedo
Entre os braços de Nize, entre estas flores
Furtivas glorias, tacitos favores
Hei de emfim possuir: porém segredo!

Nas azas frouxos ais, brandos queixumes
Não leveis, não façais isto patente,
Que nem quero que o saiba o pae dos numes:

Cale-se o caso a Jove omnipotente,
Porque se elle o souber, terá ciumes,
Vibrará contra mim seu raio ardente.

XX.

A Gertruria, escripto durante uma viagem.

Em quanto os bravos, formidaveis Notos,
Por entre os cabos tremulos zunindo,
O fendente baixel vão sacudindo
A climas, do meu clima tão remotos:

Em quanto de Nerêo continuos motos
Na vacillante pôpa estou sentindo,
Ao meu idolo amado, ausente, e lindo,
Formo nas mãos d'Amor sagrados votos:

Mordaz tristeza o coração me corte,
Soffra tudo, oh Gertruria, por amar-te,
Farte-se embora a cholera da sorte:

Mas talvez (ai de mim!) que se não farte.
Que ou tua variedade, ou minha morte
Me roube as esperanças de lograr-te.

XXI.

Receios de mudança no objecto amado.

Temo que a minha ausencia e desventura
Vão na tua alma, docemente acceza,
Apoucando os excessos da firmeza,
Rebatendo os assaltos da ternura:

Temo que a tua singular candura
Leve o Tempo fugaz nas azas preza,
Que é quasi sempre o vicio da belleza
Genio mudavel, condição perjura:

Temo; e se o fado mau, fado inimigo,
Confirmar impiamente este receio,
Spectro perseguidor, que anda comigo,

Com rosto, alguma vez de magoa cheio,
Recorda-te de mim, dize comtigo:
«Era fiel, amava-me, e deixei-o.»

XXII.

Achando-se avassallado pela formosura de Jonia.

Em quanto o sabio arreiga o pensamento
Nos phenomenos teus, oh Natureza,
Ou solta arduo problema, ou sobre a meza
Volve o subtil geometrico instrumento:

Em quanto, alçando a mais o entendimento,
Estuda os vastos céos, e com certeza
Reconhece dos astros a grandeza,
A distancia, o logar, e o movimento:

Em quanto o sabio, em fim, mais sabiamente
Se remonta nas azas do sentido
Á côrte do Senhor omnipotente:

Eu louco, eu cégo, eu misero, eu perdido
De ti só trago cheia, oh Jonia, a mente;
Do mais, e de mim mesmo ando esquecido.

XXIII.

Presagios de desventura propinqua.

USURPANDO um minuto a meu lamento
Amigo somno os olhos me occupava,
E em quanto o debil corpo descançava,
Velava amor, velava o pensamento;

Eis que em deserto e lugubre aposento,
Que semimorta luz mais afeiava,
Cri, Gertruria (ai de mim!) que te avistava
Já sem côr, já sem voz, já sem alento:

Subito acórdo em lagrimas banhado,
E, das trevas palpando o véo medonho:
Em vão busco teu corpo delicado:

Mas inda em ancias trêmulo supponho
Que me vaticinou meu negro fado
Dos males o peor no horrivel sonho.

XXIV.

Incitando-se a ganhar pela ousadia a posse da sua amada.

Afflicto coração, que o teu tormento,
Que os teus desejos tacito devoras,
E ao doce objecto, ás perfeições que adoras,
Só te vás explicar c'o pensamento:

Infeliz coração, recobra alento,
Sécca as inuteis lagrimas, que choras;
Tu cevas o teu mal, porque demoras
Os vôos ao ditoso atrevimento.

Inflamma surdos ais, que o medo esfria;
Um bem tão suspirado, e tão subido,
Como se ha de ganhar sem ousadia?

Ao vencedor affoute-se o vencido;
Longe o respeito, longe a cobardia;
Morres de fraco? Morre de atrevido.

XXV.

Recordações de Marilia ausente.

Por esta solidão, que não consente
Nem do sol, nem da lua a claridade,
Ralado o peito já pela saudade
Dou mil gemidos a Marilia ausente:

De seus crimes a mancha inda recente
Lava Amor, e triumpha da verdade;
A belleza, apezar da falsidade,
Me occupa o coração, me occupa a mente:

Lembram-me aquelles olhos tentadores,
Aquellas mãos, aquelle riso, aquella
Boca suave, que respira amores....

Ah! Trazei-me, illusões, a ingrata, a bella!
Pintai-me vós, oh sonhos, entre flores
Suspirando outra vez nos braços d'ella!

XXVI.

Descrevendo os encantos de Marilia.

MARILIA, se em teus olhos attentara,
Do estellifero solio reluzente
Ao vil mundo outra vez o omnipotente,
O fulminante Jupiter baixara:

Se o deus, que assanha as Furias, te avistara
As mãos de neve, o colo transparente,
Suspirando por ti, do cahos ardente
Surgira á luz do dia, e te roubara:

Se a ver-te de mais perto o sol descêra,
No aureo carro veloz dando-te assento
Até da esquiva Daphne se esquecêra:

E se a força egualasse o pensamento,
Oh alma da minha alma, eu te off'recêra
Com ella a terra, o mar, e o firmamento.

XXVII.

Lamenta solitario a perda da sua amada.

O corvo grasnador, e o mocho feio
O sapo berrador, e a ran molesta,
São meus unicos socios na floresta,
Onde carpindo estou, de angustia cheio:

Perdi todo o prazer, todo o recreio....
Ah malfadado amor, paixão funesta!
Urselina perdi, nada me resta;
Madre terra! Agasalha-me em teu seio:

Da vibora mordaz permitte, oh Sorte,
Que nos mattos asperrimos que piso
As plantas me envenene o tenue corte!

Ah! Que é das graças? Que é do paraiso?
A minha alma onde está? Quem logra... oh Morte,
Quem logra de Urselina o doce riso?

XXVIII.

O Templo do Ciume.

Guiou-me ao templo do lethal Ciume
A Desesperação, que em mim fervia;
O cabello de horror se me arripia
Ao recordar o formidavel nume:

Fumegava-lhe aos pés tartareo lume,
Crespa serpe as entranhas lhe roia;
Eram ministros seus a Aleivosia,
O Susto, a Morte, a Chólera, o Queixume:

«Cruel! (grito em phrenetico transporte)
Dos socios teus, no barathro gerados,
Dá-me um só, que te invejo, a Morte, a Morte:

—«Cessa (diz) os teus rogos são baldados:
Querem ter-te no mundo Amor, e a Sorte,
Para consolação dos desgraçados.»

XXIX.

Pungido da realidade, procura allivio nas illusões.

Ancias terriveis, intimos tormentos,
Negras imagens, horridas lembranças,
Amargosas, mortaes desconfianças,
Deixai-me socegar alguns momentos,

Soffrei que logre os vãos contentamentos
Que sonham minhas doudas esperanças;
A posse de alvo rosto, e louras tranças,
Onde presos estão meus pensamentos:

Deixai-me confiar na formosura,
Crueis! Deixai-me crer n'um doce engano,
Blasonar de phantastica ventura.

Que mais mal me quereis, que maior damno
Do que vagar nas trevas da loucura,
Aborrecendo a luz do desengano?

XXX.

Recreios campestres na companhia de Marilia.

Olha, Marilia, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zephyros brincar por entre as flores?

Vê como alli beijando-se os Amores
Incitam nossos osculos ardentes!
Eil-as de planta em planta as innocentes,
As vagas borboletas de mil côres!

N'aquelle arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha pára,
Ora nos ares susurrando gira:

Que alegre campo! Que manhan tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

XXXI.

Desenganado do Amor. e da Fortuna.

FIEI-ME nos sorrisos da ventura,
Em mimos feminis, como fui louco!
Vi raiar o prazer; porém tão pouco
Momentaneo relampago não dura:

No meio agora d'esta selva escura,
Dentro d'este penedo humido e ouco,
Pareço, até no tom lugubre, e rouco
Triste sombra a carpir na sepultura:

Que estancia para mim tão propria é esta!
Causais-me um doce, e funebre transporte,
Aridos matos, lobrega floresta!

Ah! não me roubou tudo a negra sorte:
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a solidão e a morte.

XXXII.

A constancia de Dido.

Arde em vão por Elisa, em vão porfia
Contra a constancia da heroina augusta
O barbaro senhor d'Africa adusta,
Que do sangue de Jove se gloria:

Em vão lhe off'rece a vasta monarchia,
Aonde a espadoa atlantica robusta
Sustenta os ceos, o caminhante assusta,
E horridos monstros indomaveis cria:

Não cede Elisa; e vendo que furioso
Usa da força o lybico tyranno,
Ella intrepida escolhe um fim glorioso.

Mentes, mentes, injusto mantuano!
Dido infeliz foi victima do esposo,
Foi victima da fé, não do troyano.

XXXIII.

Aos annos da senhora D. Maria Joaquina de Mello.

Ha pouco a mãe das Graças, dos Amores,
Gerada pela espuma cristalina,
Baixou da etherea região divina
Nas azas dos Favonios voadores:

«Oh das margens do Tejo habitadores!
Hoje torna a luzir (disse Ericina)
O ledo instante em que nasceu Marina,
Inclito fructo de inclitos maiores:

«Do céo, do mar, da terra os soberanos
Inprimindo-lhe encantos a milhares,
Crearam n'ella a gloria dos humanos:

«Eia, cantai-lhe os dotes singulares,
Louvai seus olhos, applaudi seus annos,
Queimai-lhe aromas, erigi-lhe altares.

XXXIV.

Volvendo a amar de novo uma dama despresada

A TEUS mimosos pés, meu bem, rendido,
Confirmo os votos, que a traição manchára;
Fumam de novo incensos sobre a ara,
Que a vil ingratidão tinha abatido:

'De novo sobre as azas de um gemido
Te off'reço o coração, que te aggravára;
Saudoso torno a ti, qual torna á chara
Perdida patria o misero banido:

Renovemos o nó por mim desfeito,
Que eu já maldigo o tempo desgraçado
Em que a teus olhos não vivi subjeito;

Concede-me outra vez o antigo agrado;
Que mais queres? Eu chóro, e no meu peito
O punhal do remorso está cravado.

XXXV.

Celébra as graças de Elmira.

Os suaves effluvios, que respira
A flor de Venus, a melhor das flores,
Exhalas de teus labios tentadores,
Oh doce, oh bella, oh desejada Elmira:

A que nasceu das ondas, se te vira,
A seu pezar cantára os teus louvores;
Ditoso quem por ti morre d'amores!
Ditoso quem por ti, meu bem, suspira!

E mil vezes ditoso o que merece
Um teu furtivo olhar, um teu sorriso,
Por quem da mãe formosa Amor se esquece!

O sacrilego atheu, sem lei, sem siso,
Contemple-te uma vez, que então conhece
Que é força haver um Deus, e um paraiso.

XXXVI.

Antepõe o amor de Jonia ás honras e riquezas.

Esses thesouros, esses bens sagrados
Para os cegos mortaes, bens de que abunda
Asia guerreira, America fecunda,
Filhos da terra, pelo sol gerados:

Honras, grandezas, titulos inchados
Servil incenso, adulação jocunda,
Não quero, não, que sobre mim difunda
Amiga dextra de risonhos Fados:

Quero que as Furias horridas m'escoltem,
Quero que contra mim, que em vão deliro,
Os racionaes e irracionaes se voltem:

Quero da morte o formidavel tiro,
Com tanto, oh Jonia, que meus labios soltem
N'esses teus labios o final suspiro.

XXXVII.

Oraculo de Amor.

Alva Gertruria minha, a quem saudoso
Mando tremulos ais enternecidos;
Gertruria, que encantaste os meus sentidos
Co'um meigo riso, co'um olhar piedoso:

Amor, o injusto Amor, nume doloso,
Insensivel penedo a meus gemidos,
Me exhala sobre os timidos ouvidos
Estas vozes crueis em tom raivoso:

«Tu, que já desfructaste os meus favores,
Tu, que na face de Gertruria bella
Nectar bebeste, mitigaste ardores,

Não tornarás, não tornarás a vel-a:
Lamenta, desgraçado, os teus amores,
Accusa, desgraçado, a tua estrella.»

XXXVIII.

Feito na prisão.

Não sinto me arrojasse o duro fado
N'esta abobada feia, horrenda, escura,
N'esta dos vivos negra sepultura,
Onde a luz nunca entrou do sol dourado:

Não me consterna o ver-me traspassado
Com mil golpes crueis da desventura,
Porque bem sei que a fragil creatura
Raramente é feliz no mundo errado:

Não choro a liberdade, que enleiada
Tenho em ferreas prisões, e a paz ditosa,
Que voou da minh'alma attribulada:

Só sinto que Marilia rigorosa
Entre os braços de Aonio reclinada
Zombe da minha sorte lastimosa.

XXXIX.

Visão nocturna.

(Feito na India)

Meia noute sería; eu passeando
No meu palmar chorava o meu destino;
Eis que ao som de um gemido repentino
Ólho, e vejo uma sombra no ar girando:

Quem és, Guirá? (pergunto-lhe arquejando)
Quem és, quem és, oh Lemure maligno?... —
«Sou o espirito (diz) de Saladino,
De quem já lèste o caso miserando:

«De Grisalda as traições inda lamento
Da solitaria noute entre os horrores,
E os olhos, mortal cego, abrir-te intento:

«Não soltes por Natercia mais clamores;
Sepulta a desleal no esquecimento:
Olha o tragico fim de meus amores!»

XL.

Consolações na tyrannia de uma ingrata.

Meu fragil coração, para que adoras,
Para que adoras, se não tens ventura?
Se uns olhos, de que ardes na luz pura,
Folgando estão das lagrimas que choras?

Os dias vês fugir, voar as horas
Sem achar n'elles visos de ternura;
E inda a louca esperança te figura
O premio dos martyrios, que devoras!

Desfaze as trevas de um funesto engano,
Que não has de vencer a inimisade
De um genio contra ti sempre tyranno:

A justa, a sacro-sancta divindade
Não fórça, não violenta o peito humano,
E queres constranger-lhe a liberdade?

XLI.

Ventura sonhada.

Sonhei que nos meus braços inclinado
Teu rosto encantador, Gertruria, via;
Que mil ávidos beijos me soffria
Teu niveo collo, para os mais sagrado:

Sonhei que era feliz por ser ousado,
Que o siso, a força, a voz, a côr perdia
N'um extasis suave, em que bebia
O nectar nem por Jove inda libado:

Mas no mais doce, no melhor momento
Exhalando um suspiro de ternura
Acórdo, acho-te só no pensamento:

Oh destino cruel! Oh sorte escura!
Que nem me dure um vão contentamento!
Que nem me dure em sonhos a ventura!

XLII.

Despedindo-se da patria, ao partir para a India

Eu me ausento de ti, meu patrio Sado,
Mansa corrente deleitosa, amena,
Em cuja praia o nome de Filena
Mil vezes tenho escripto, e mil beijado:

Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena,
A cujo som descias mais serena,
Mais vagarosa para o mar salgado:

Devo em fim manejar por lei da sorte
Cajados não, mortiferos alfanges
Nos campos do cholerico Mavorte;

E talvez entre impavidas phalanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

XLIII.

Á morte de uma formosa dama.

Os garços olhos, em que Amor brincava,
Os rubros labios, em que Amor se ria,
As longas tranças, de que Amor pendia,
As lindas faces, onde Amor brilhava:

As melindrosas mãos, que Amor beijava,
Os niveos braços, onde Amor dormia,
Foram dados, Armania, á terra fria,
Pelo fatal poder que a tudo aggrava:

Seguiu-te Amor ao tacito jazigo,
Entre as irmans cubertas de amargura;
E eu que faço (ai de mim!) como os não sigo!

Que ha no mundo que ver, se a formosura,
Se Amor, se as Graças, se o prazer comtigo
Jazem no eterno horror da sepultura?

XLIV.

Queixumes contra um rival preferido.

NÃO disfarces, Marilia; por Josino
Já nos teus olhos a paixão flammeja;
E em que parte estará, que se não veja
O tenro deus, o aligero menino?

Inda que ostentes de animo ferino,
Ha quem teu niveo peito abraze, e reja;
Porém, Marilia, dize-me qual seja
A causa justa de um amor tão fino?

N'esse, que as esquivanças te suavisa,
Encontras uma férvida ternura,
Um coração brioso, uma alma lisa?

Seus meritos quaes são?...Mas oh loucura!
Quem é feliz, que meritos precisa?
Que dons ha de mister quem tem ventura?

XLV.

A Urselina distante.

URSELINA gentil, benigna, e pura,
Eis nas azas subtis de um ai cansado
A ti meu coração vôa alagado
Em torrentes de sangue, e de ternura:

Põe-lhe os olhos, meu bem; vê com brandura
Seu miseravel, doloroso estado;
Que nas garras da morte já cravado
A fé, que te jurava, inda te jura:

Põe-lhe os olhos, meu bem, suavemente,
Põe-lhe os mimosos dedos na ferida,
Palpa de Amor a victima innocente:

E por milagre d'elles, oh querida,
Verás cerrar-se o golpe, e de repente
Em ondas de prazer tornar-lhe a vida.

XLVI.

Queixas contra a ingratidão de Marilia.

Em veneno lethifero nadando
No roto peito o coração me arqueja;
E ante meus olhos horrido negreja
De mortaes afflicções espesso bando:

Por ti, Marilia, ardendo, e delirando
Entre as garras asperrimas da Inveja,
Amaldiçôo Amor, que ri, e adeja
Pelos ares, c'os Zephiros brincando:

Recreia-se o traidor com meus clamores, —
E meu cioso pranto...oh Jove, oh nume
Que vibras os coriscos vingadores!

Abafa as ondas do tartareo lume,
Que para os que provocam teus furores
Tens inferno peor, tens o ciume.

XLVII.

Descreve as suas desventuras, longe da patria e de Gertruria.

Do Mandovi na margem reclinado
Chorei debalde minha negra sina,
Qual o misero vate de Corina
Nas tomitanas praias desterrado:

Mais duro fez ali meu duro fado
Da vil calumnia a lingua viperina;
Até que aos mares da longinqua China
Fui por bravos tufões arremessado:

Atassalhou-me a serpe, que devora
Tantos mil, perseguiu-me o gran'gigante
Que no terrivel promontorio mora:

Por barbaros sertões gemi vagante;
Falta-me inda o peor, falta-me agora
Vêr Gertruria nos braços d'outro amante!

XLVIII.

Offerenda a Nize.

Do arbusto, oh Nize, a Venus consagrado
Envisquei hoje um trêmulo raminho;
Pousou n'elle este incauto passarinho,
E pelos tenros pés ficou pegado:

Então, depois de o ter na mão fechado,
Corri, dizendo alegre: — Eu adivinho
Que ha de Nize estimar, que o meu carinho
Lhe dedique este musico do prado.

Disse; e no mesmo instante a simples ave
Desata a linda voz, e principia
Um canto harmonioso, agudo, e grave:

Ah! Por ser tua, entendo que dizia
Que a prisão mais gostosa, e mais suave
Que a propria liberdade encontraria!

XLIX.

Achando-se prestes a ausentar-se da sua amada.

PRAIAS de Sacavem, que Lemnoria
Orna c'os pés nevados e mimosos,
Gotejantes penedos cavernosos,
Que do Tejo cubris a margem fria:

De vós me desarreiga a tyrannia
Dos asperos Destinos poderosos;
Que não querem que eu logre os amorosos
Olhos, aonde jaz minha alegria:

Oh funesto, oh penoso apartamento!
Objecto encantador de meus sentidos,
A sorte o manda assim, de ti me ausento:

Mas inda lá de longe os meus gemidos
Guiados por Amor, cortando o vento,
Virão, nympha querida, a teus ouvidos.

L.

Insomnia.

Oh retrato da morte, oh Noute amiga
Por cuja escuridão suspiro ha tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretaria antiga!

Pois manda Amor, que a ti sómente os diga;
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumas, ouve, em quanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vós, oh cortezãos da escuridade,
Phantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.

LI.

A Camões, comparando com os d'elle os seus proprios infortunios.

Camões, grande Camões, quam similhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez perdendo o Tejo
Arrostar c'o sacrilego gigante:

Como tu, junto ao Ganges susurrante
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante:

Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao céo, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:

Modelo meu tu és....Mas, oh tristeza!...
Se te imito nos trances da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

LII.

Festejando o dia natalicio de Anarda.

VINDE, Prazeres, que por entre as flores
Nos jardins de Cythéra andais brincando,
E vós, despidas Graças, que dançando
Trinais alegres sons encantadores:

Deusa dos gostos, deusa dos amores,
Ah! dos filhinhos teus ajunta o bando,
E vem nas azas de Favonio brando
Dar força, dar belleza a meus louvores.

Da linda Anarda minha voz aspira
A cantar o natal; tu, por clemencia,
O teu fiel cantor, deidade, inspira:

Do thracio vate empresta-me a cadencia,
E faze que mereça a minha lyra
Os candidos sorrisos da innocencia.

LIII.

Lastimando-se da ingratidão de Nize.

Canta ao som dos grilhões o prisioneiro,
Ao som da tempestade o nauta ousado,
Um, porque espera o fim do captiveiro,
Outro, antevendo o porto desejado:

Exposta a vida ao tigre mosqueado
Gira sertões o sofrego mineiro,
Da esperança dos lucros encantado,
Que anima o peito vil, e interesseiro:

Por entre armadas hostes destemido
Rompe o sequaz do horrifico Mavorte,
Co' o triumpho, co'a gloria no sentido:

Só eu (tyranno Amor! tyranna sorte!)
Só eu por Nize ingrata aborrecido
Para ter fim meu pranto espero a morte.

LIV.

O Ciume.

Entre as tartareas fórjas, sempre accezas.
Jaz aos pés do tremendo, estygio nume,
O carrancudo, o rabido Ciume.
Ensanguentadas as corruptas prezas:

Traçando o plano de crueis emprezas,
Fervendo em ondas de sulphureo lume,
Vibra das fauces o lethal cardume
De horridos males, de horridas tristezas;

Pelas terriveis Furias instigado
Lá sai do inferno, e para mim se avança
O negro monstro, de aspides toucado:

Olhos em braza de revêz me lança ;
Oh dôr! Oh raiva! Oh morte!... Eil-o a meu lado
Ferrando as garras na viperea trança.

LV.

Á esquivança de Armia.

PELA porta de ferro, onde ululando
O cão trifauce está perpetuamente,
Entraste, Orphêo, co'a cythara eloquente
Os monstros infernaes domesticando:

Penedos com teus sons amontoando
Lá ergues Thebas, Amphion cadente;
Pulsa Arion a lyra, e de repente
Vê delphins, vê tritões no mar dançando:

Tu, linguagem do céo, tu, melodia,
A tudo encantas, para tudo és forte,
Menos para aplacar a ingrata Armia:

Mais facil te ha de ser, domando a sorte,
Ir de novo á tartarea monarchia
Vêr outra vez o carcere da morte!

LVI.

Desengano de Amor.

TRISTE quem ama, cego quem se fia
Da feminina voz na van promessa!
Aspira a vel-a estavel! Mais depressa
O facho apagará, que espalha o dia:

Alada exhalação, que na sombria
Tacita noute os ares atravessa,
Foi comigo a paixão voluvel d'essa
Que o peito me afagava, e me feria:

Do desengano o balsamo lhe applico,
E a teus laços, Amor, sem medo exponho
Dos beneficos céos o dom mais rico:

Vejo mil Circes placido, risonho;
E se fé me promettem, ouço, e fico
Como quem despertou de aereo sonho.

LVII.

Saudades de Gertruria.

Adeja, coração, vae ter aos lares,
Ditosos lares, que Gertruria pisa;
Olha, se inda' te guarda a fé mais lisa,
Vê, se inda tem pezar dos teus pezares:

No fulgor de seus olhos singulares
Crestando as azas, tua dor suavisa,
Amor de lá te chama, te divisa,
Interpostos em vão tão longos mares:

Dize-lhe, que do tempo o leve giro
Não faz abalo em ti, não faz mudança,
Que ainda lhe és fiel n'este retiro:

Sim, pinta-lhe immortal minha lembrança;
Dá-lhe teus ais, e pede-lhe um suspiro,
Que alente, coração, tua esperança.

LVIII.

Ao partir para a India, deixando em Lisboa a sua amada.

Ah! que fazes, Elmano? Ah! Não te ausentes
Dos braços de Gertruria carinhosa:
Trocas do Tejo a margem deleitosa
Por barbaro paiz, barbaras gentes?

Um tigre te gerou, se dó não sentes
Vendo tão consternada, e tão saudosa
A tagide mais linda, e mais mimosa;
Ah! Que fazes, Elmano? ah, não te ausentes.

Teme os duros cachopos, treme, insano,
Do enorme Adamastor, que sempre vela
Entre as furias, e os monstros do Oceano.

Olha nos labios de Gertruria bella
Como suspira Amor!... Vê, vê, tyranno,
As Graças a chorar nos olhos d'ella!

LIX.

Amor triumphando da Magia.

Busquei n'um ermo Algania feiticeira,
Que de abrazado feixe a par jazia;
Fui ver se atro conjuro me extorquia
Do laço antigo esta alma prisioneira:

Expuz-lhe minha fé, minha cegueira,
Tracei meus males, e a rugosa estria
Cedendo ás ternas magoas, que me ouvia;
Cuspiu tres vezes na voraz fogueira:

Trêmulas preces murmurou, e eu mudo;
Eis que as melenas em signal d'espanto
Erriça com semblante carrancudo:

«Meu rito é vão (me diz) e é vão teu pranto,
O poderoso Amor zomba de tudo,
Não vence encanto algum d'Amor o encanto.»

LX.

A Razão dominada pela Formosura.

Importuna Razão. não me persigas;
Cesse a rispida voz que em vão murmura;
Se a lei de Amor, se a força da ternura
Nem domas, nem contrastas, nem mitigas:

Se accusas os mortaes, e os não abrigas,
Se (conhecendo o mal) não dás a cura,
Deixa-me apreciar minha loucura,
Importuna Razão, não me persigas.

É teu fim, teu projecto encher de pejo
Esta alma, fragil victima d'aquella
Que, injusta e varia, n'outros laços vejo:

Queres que fuja de Marilia bella,
Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo
É carpir, delirar, morrer por ella.

LXI.

Queixumes contra os desprezos da sua amada.

Oh trevas, que enlutais a natureza,
Longos cyprestes d'esta selva annosa,
Mochos de voz sinistra, e lamentosa,
Que dissolveis dos fados a incerteza:

Manes, surgidos da morada acceza
Onde de horror sem fim Plutão se gosa,
Não aterreis esta alma dolorosa,
Que é mais triste que vós minha tristeza:

Perdi o galardão da fé mais pura,
Esperanças frustrei do amor mais terno,
A posse de celeste formosura:

Volvei pois, sombras vans, ao fogo eterno;
E lamentando a minha desventura
Movereis a piedade o mesmo inferno.

LXII.

Visão amorosa.

No carro de marfim sentada a Lua
Da antiga mãe das sombras triumphava,
Quando a furtivos gostos me guiava
Amor, a quem me entrega a sorte crua:

«Hoje (me disse o nume) ha de ser tua
A nympha mais gentil, que o Tejo lava;
Não deram tanta gloria á minha aljava
Nem Venus a carpir, nem Thetis nua:

«Ali dorme o teu bem.... vê, que momento!...»
Olho, corro anhelante, aos pés lhe caio,
Mas tentando abraçal-a, abraço o vento:

Meu peito arqueja em subito desmaio;
Eis que sôa esta voz de horrendo accento:
«Profano! Expia o crime, e teme o raio!»

LXIII.

Recordações de uma ingrata.

INDA em meu fragil coração fumega
A cinza d'esse fogo em que elle ardia;
A memoria da tua aleivosia
Meu socego inda aqui desassocega:

A vil traição, que as almas nos despega,
Não tem cabal poder na sympathia;
Gasta o mar importuno a rocha fria,
Melhor que o desengano a paixão cega:

Bem como o flavo sol, que a terra abraça,
Por mais que o veja densamente opposto,
Attrahido vapor fere, e repassa:

Tal, para misturar gosto e desgosto,
Na sombra de teus crimes brilha a graça,
Com que o prodigo céo creou teu rosto.

LXIV.

Desejos da presença do objecto amado.

JÁ o Hynverno, espremendo as cans nevosas,
Geme, de horrendas nuvens carregado;
Luz o aereo fuzil, e o mar inchado
nveste ao pólo em serras escumosas;

Oh benignas manhans! tardes saudosas,
Em que folga o pastor, medrando o gado,
Em que brincam no hervoso e fertil prado
Nymphas, e Amores, Zephyros e Rosas!

Voltai, retrocedei, formosos dias:
Ou antes vem, vem tu, doce belleza
Que n'outros campos mil prazeres crias;

E ao ver-te sentirá minha alma acceza
Os perfumes, o encanto, as alegrias
Da estação, que remoça a natureza,

LXV.

Conjuros a Anarda, para que retribua o seu amor.

Mimosa, linda Anarda, attende, attende
Ás doces magoas do rendido Elmano;
Co'um meigo riso, co'um suave engano
Consola o triste amor, que não te offende:

De teus cabellos ondeados pende
Meu coração, fiel para seu damno;
Co'a luz dos olhos teus Cupido ufano
Susteuta o puro fogo, em que me accende:

Causa gentil das lagrimas que choro,
A tudo te antepõe minha ternura,
E quanto adoro o céo, teu rosto adoro:

O gôlpe, que me déste, amima e cura....
Mas ai! Que em vão suspiro, em vão te imploro:
Não pertence a piedade á formosura.

LXVI.

Delirio amoroso.

Meus olhos, attentai no meu jazigo,
Que o momento da morte está chegado;
Lá soa o corvo, interprete do fado;
Bem o entendo, bem sei, fala comigo:

Triumpha, Amor, gloria-te inimigo;
E tu, que vês com dor meu duro estado,
Volve á terra o cadaver macerado,
O despojo mortal do triste amigo:

Na campa, que o cubrir, piedoso Albano,
Ministra aos corações, que Amor flagella,
Terror, piedade, aviso, e desengano:

Abre em meu nome este epitaphio n'ella:
«Eu fui, ternos mortaes, o terno Elmano;
Morri d'ingratidões, matou-me Isbella.»

LXVII.

Deplorando a morte de Nize

JÁ no calado monumento escuro
Em cinzas se desfez teu corpo brando;
E pude eu vêr, oh Nize, o dôce, o puro
Lume dos olhos teus ir-se apagando!

Horridas brenhas, solidões procuro,
Grutas sem luz phrenetico demando,
Onde maldigo o fado acerbo e duro,
Teu riso, teus affagos suspirando:

Darei da minha dor continua prova,
Em sombras cevarei minha saudade,
Insaciavel sempre, e sempre nova:

Té que torne a gosar da claridade
Da luz, que me inflammou, que se renova
No seio da brilhante eternidade.

LXVIII.

Emprega o poder da magia para domar a resistencia da sua amada.

Oleno, meia-noute está cahindo:
Acende a véla azul, queima as verbenas,
Torra os ossos de ran, chamusca as pennas
Da esquerda gralha, que apanhei dormindo:

C'o pé, co'a vara o ar, e o chão ferindo
Em quanto o philtro portentoso ordenas,
Eu irei, e a meu brado ouvido apenas
Virão do inferno as Gorgonas surgindo:

Eia, avante o prestigio, não cessemos
Da irresistivel magica porfia,
Contra quem vê sem dó nossos extremos;

Que se hoje o fel tragâmos da agonia,
Ámanhan doce nectar libaremos
Tu nos braços de Nize, eu nos de Armia.

LXIX.

Imprecações contra uma ingrata.
(Improvisado.)

VAE-TE, fêra cruel, vae-te, inimiga,
Horror do mundo, escandalo da gente,
Que um ferreo peito, uma alma que não sente,
Não merece a paixão, que me affadiga:

O céo te falte, a terra te persiga,
Negras furias o inferno te apresente,
E da baça tristeza o voraz dente
Morda o vil coração, que Amor não liga:

Disfarçados, mortiferos venenos
Entre liquor suave em aurea taça
Mão vingativa te prepare ao menos:

E seja, seja tal tua desgraça,
Que ainda por mais leves, mais pequenos
Os meus tormentos invejar te faça.

LXX.

Protestos de constancia eterna.

Não temas, oh Ritalia, que o choroso,
O desvelado Elmano a fé quebrante,
Não desconfies do singelo amante,
Que tu podes, tu só, fazer ditoso:

Serena o coração terno e cioso,
Que inda minh'alma te ha de ser constante
Se, primeiro que a tua, andar errante
Pelas margens do Lethes preguiçoso:

N'aquella ao sol inaccessivel parte,
Dos manes taciturnos entre o bando
Ao negro esquecimento hei de furtar-te:

E o pensamento aligero voando
Por abafados ares, visitar-te
D'ali virá, meu bem, de quando em quando.

LXXI.

Invocação á Noute.

Oh deusa, que proteges dos amantes
O destro furto, o crime deleitoso,
Abafa com teu manto pavoroso
Os importunos astros vigilantes:

Quero adoçar meus labios anhelantes
No seio de Ritalia melindroso;
Estorva que os máus olhos do invejoso
Turbem d'amor os sofregos instantes:

Thetis formosa, tal encanto inspire
Ao namorado sol teu niveo rosto,
Que nunca de teus braços se retire!

Tarde ao menos o carro á Noute opposto,
Até que eu desfaleça, até que expire
Nas ternas ancias, no ineffavel gosto.

LXXII.

Venus reconhecendo a superioridade da belleza de Nize.

Aquella, que na esphera luminosa
Precedendo a manhan, qual astro brilha,
Mãe dos Amores, das espumas filha,
Que o mar na concha azul passeia airosa:

Apenas viu sorrir Nize formosa,
A quem dos corações o deus se humilha,
Do cinto desatando a aurea presilha,
No regaço lh'o poz, leda, e mimosa:

«Não te é, bem sei (lhe diz) não te é preciso;
Para attrahir vontades á ternura
Basta-te um gésto, basta-te um sorriso:

«Mas deves possuil-o, oh nympha pura,
Como trophéo, que dê ao mundo aviso
De que Venus te cede em formosura.»

LXXIII.

Visão realisada.

Sonhei que a mim correndo o gnideo nume
Vinha co'a Morte, c'o Ciume ao lado,
E me bradava: — «Escolhe, desgraçado,
Queres a Morte, ou queres o Ciume?

«Não é peor d'aquella fouce o gume,
Que a ponta dos farpões, que tens provado;
Mas o monstro voraz, por mim creado,
Quanto horror ha no inferno em si resume.»

Disse;—e eu dando um suspiro: «Ah! não m'espantes
Co'a vista d'essa furia!...Amor, clemencia!
Antes mil mortes, mil infernos antes!»

N'isto acordei com dôr, com impaciencia;
E não vos encontrando, olhos brilhantes,
Vi que era a minha morte a vossa ausencia!

LXXIV.

O poeta assetteado por Amor.

Oh céos! Que sinto n'alma! Que tormento!
Que repentino phrenesi me ancêa!
Que veneno a ferver de vêa em vêa
Me gasta a vida, me desfaz o alento!

Tal era, doce amada, o meu lamento;
Eis que esse deus, que em prantos se recrèa,
Me diz: — «A que se expõe quem não recêa
Contemplar Urselina um só momento!

«Insano! Eu bem te vi d'entre a luz pura
De seus olhos travessos, e co'um tiro
Puni tua sacrilega loucura:

«De morte, por piedade hoje te firo:
Vae pois, vae merecer na sepultura
Á tua linda ingrata algum suspiro.»

LXXV.

Retrato de huma formosura esquiva.
(Improvisado.)

Da minha ingrata Flérida gentil
Os verdes olhos esmeraldas são;
É de candida prata a lisa mão,
Onde eu d'um beijo passaria a mil:

A trança, côr do sol, rede subtil
Em que se foi prender meu coração,
É d'ouro, o páe da tumida ambição,
Prole fatal do calido Brasil:

Seu peito delicado e tentador
É porção de alabastro, a quem jámais
Penetraram farpões do deus traídor:

Mas como ha de a tyranna ouvir meus ais,
Como ha de esta cruel sentir amor,
Se é composta de pedras, e metaes!

LXXVI.

Predicção cumprida.

TRAGADO o peito de crueis pezares,
Em doloroso e rabido transporte,
Contra Amor, de quem pende a minha sorte,
Voavam meus queixumes a milhares:

Eis que, desde os azues serenos ares,
Me grita o deus: — «Tua alma se conforte,
Que nem sempre o Furor, o Estrago, a Morte
Ministros hão de ser dos meus altares:

«Aquella paz, aquelle gosto, aquella
Ventura, que até agora te hei negado,
Guardei nos olhos de Ritalia bella.»

Disse, e limpando o rosto amargurado,
Corro da nympha aos pés, encontro n'ella
Quanto Amor pode dar, e o Céo, e o Fado.

LXXVII.

Pretendendo abrandar a esquivança de Urselina.

Desprega ás azas, timida Esperança,
Minha consolação, não desanimes:
Adeja, vôa; os cultos não são crimes,
Nem Jove a quem o adora os raios lança:

Com ais de um coração que não descança,
Terno, benigno dó vae vêr se imprimes
Na formosa Urselina, ou se reprimes
Tenue porção de rispida esquivança:

Chorosas preces, trêmulo respeito
Exercita com ella; e tu, mimoso
Candido Amor, que escravo me tens feito,

Para adoçar-lhe o genio desdenhoso
Deixa-lhe os olhos, salta-lhe no peito,
Não perdes nada, e fazes-me ditoso.

LXXVIII.

Insomnia amorosa.

JÁ com tenue clarão, já quasi escura
A nocturna Diana o céo voltêa,
E sobre o Tejo azul, que mal pratêa,
Vai duplicando a trémula figura:

Aura subtil nas arvores murmura,
No lago adormecido a ran vozéa,
Mocho importuno agouros mil semêa,
D'entre as umbrosas moutas da espessura:

Lethargico vapôr Morphéo derrama,
Com que insinuá um doce desalento
No livre coração de quem não ama:

Triste de mim! Se repousar intento
Os olhos me abre Amor, Amor me inflamma,
E Analia me persegue o pensamento.

LXXIX.

Recordações da amada, jazendo no carcere.

N'esta, do feio opprobrio estancia fêa,
Que abafas, mãe das trevas, com teu manto,
Muda tristeza, carrancudo espanto
O amotinado espirito me ancêa:

Das sombras abrigada a fragil têa
Urde Arachne sagaz de canto em canto,
Minha imaginação faz outro tanto,
Mil tristes pensamentos forma, enlêa:

Minha imaginação de algoz me serve,
Forçando-me a que os gostos d'algum dia
Submersos d'este horror no abysmo observe:

D'encontradas visões na phantasia
Baralhado tropel me cáe, me ferve,
E n'esta confusão reluz Armia.

LXXX.

Na solidão do carcere.

Quando na rosea nuvem sobe o dia
De risos esmaltando a natureza,
Bem que me aclare as sombras da tristeza
Um tempo sem-sabor me principia:

Quando por entre os véos da noute fria
A machina celeste observo acceza,
D'angustia, de terror a imagens preza
Começa a devorar-me a phantasia.

Por mais ardentes preces, que lhe faço,
Meus ais não ouve o numen somnolento,
Nem prende a minha dôr com tenue laço:

No inferno se me troca o pensamento;
Céos! Porque hei de existir, porque, se passo
Dias d'enjôo, e noutes de tormento?

LXXXI.

Desesperança.

NIZE, das Graças e de Amor thesouro,
Voto implorado me firmava um dia,
Na face meiga a candida alegria,
Aos ventos derramada a trança d'ouro:

Eis que junto de nós ave de agouro
Tres vezes esvoaça, pousa, e pia;
Os ares prenhe sombra enlucta, esfria,
E o raio estragador cáe sobre um louro.

No repentino horror, que a scena altera,
Quereria talvez dizer-me o fado
Que não tinha o meu bem alma sincera?

Ah! Só quiz persuadir um desgraçado
Que de o felicitar capaz não era
Nem a gloria de ser por Nize amado,

LXXXII.

GLOSANDO O MOTTE:

«Morte, Juizo, Inferno e Paraiso.»

Em que estado, meu bem, por ti me vejo,
Em que estado infeliz, penoso, e duro!
Delido o coração de um fogo impuro,
Meus pezados grilhões adoro e beijo:

Quando te logro mais, mais te desejo,
Quando te encontro mais, mais te procuro,
Quando m'o juras mais, menos seguro
Julgo esse doce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus fados
Me desarreigam d'alma a paz, e o riso,
Sendo só meu sustento os meus cuidados:

E, de todo apagada a luz do siso,
Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados
«Morte, Juizo, Inferno e Paraiso.»

LXXXIII.

GLOSANDO O MOTTE:

«Os roubos, que me fez a má ventura.»

Eu deliro, Gertruria, eu desespero
No inferno de suspeitas e temores;
Eu da morte as angustias, e os horrores
Por ti mil vezes sem morrer tolero:

Pelo ceo, por teus olhos te assevero
Que ferve esta alma em candidos amores;
Longe o prazer de illicitos favores!
Quero o teu coração. mais nada quero.

Ah! Não sejas tambem qual é comigo
A céga divindade, a Sorte dura,
A varia deusa, que me nega abrigo!

Tudo perdi; mas valha-me a ternura,
Amor me valha, e pague-me comtigo
«Os roubos, que me fez a má ventura.»

LXXXIV.

GLOSANDO O MOTTE:

«Nada se pode comparar comtigo.»

O LEDO passarinho, que gorgêa
D'alma exprimindo a candida ternura,
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpentêa:

O sol, que o céo diaphano passêa,
A lua, que lhe deve a formosura,
O sorriso da aurora alegre e pura,
A rosa, que entre os zephyros ondêa:

A serena, amorosa primavera,
O doce auctor das glorias que consigo,
A deusa das paixões, e de Cythéra:

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,
Tudo em tua presença degenera,
«Nada se póde comparar comtigo.»

LXXXV.

GLOSANDO O MOTTE:

«Refinado veneno em taça d'ouro.»

FOLHEANDO os annaes dá antiguidade,
Lendo n'elles, oh Pyramo, o teu fado,
Vendo o peito d'Elisa atravessado
Do ferro, que empunhou cruel saudade:

Chamado pela voz da Liberdade,
Do Desengano pela mão guiado,
Fui jurar da Razão no altar sagrado
Rancor eterno á çéga divindade:

Mas o traidor, que aos mesmos céos se atreve
Notando no meu voto o seu desdouro,
De fazer-me perjuro astucias teve:

Mostrou-me de mil graças um thesouro,
E obrigou-me a beber por mãos de neve
«Refinado veneno em taça d'ouro.»

LXXXVI.

GLOSANDO O MOTE:

«O desmentido oraculo terrivel.»

Idosa fada, que nos astros lia,
Mil males me agourou com turvo aspecto;
Mil males me agourou, mas indiscreto
Tractei de falsa a negra prophecia:

Depois d'aquelle brusco, infausto dia
Sempre velando as noutes inquieto,
Gransnar sinistro corvo sobre o tecto,
Piar afflicto mocho á porta ouvia:

Vi d'um loureiro o tronco fulminado,
Vi d'um cometa o resplendor temivel,
Vi feias sombras voltejar-me ao lado:

E vejo-te nas mãos da morte horrivel,
Oh minha Filis! — Eis verificado
«O desmentido oraculo terrivel.»

LXXXVI.

GLOSANDO O MOTTE:

«A morte para os tristes é ventura.»

QUEM se vê maltractado, e combatido
Pelas crueis angustias da indigencia
Quem soffre de inimigos a violencia,
Quem geme de tyrannos opprimido:

Quem não póde ultrajado, e perseguido
Achar nos céos, ou nos mortaes clemencia,
Quem chora finalmente a dura ausencia
De um bem, qne para sempre está perdido:

Folgará de viver, quando não passa
Nem um momento em paz, quando a amargura
O coração lhe arranca e despedaça?

Ah! Só deve agradar-lhe a sepultura,
Que a vida para os tristes é desgraça,
«A morte para os tristes é ventura.»

LXXXVIII.

GLOSANDO O MOTTE:

«O livro annoso do fatal destino.»

Do velho Ertilio, magico afamado,
Meus passos dirigi ao antro escuro,
Bradei-lhe: «—Oh semi-deus, que em teu conjuro
Tens dom, que fôrça o barathro inflammado!

Se hei de ser com Tirsalia desgraçado,
Me dize; pois que lendo no ether puro,
Alças o véo do turbido futuro,
Sopras a nevoa, que rodêa o fado.»

Eis n'isto o mago vezes tres menêa
A veneravel fronte, e em tom divino
D'esta arte as esperanças me cercêa:

«Pesquizar o vindouro é desatino;
Rogas-me em vão: só Jupiter folhêa
«O livro annoso do fatal destino.»

LXXXIX.

Encarecendo as perfeições d'Armania.

Oh terra, onde os seus dons, os seus favores
Derrama de aureo cofre a Natureza,
Que na estação do gelo, e da tristeza
Borda teus prados de verdura, e flores:

Oh clima dos heróes, e dos amores,
Esmalte e perfeição da redondeza,
Tu, que abrigas em ti tanta belleza,
Tantos olhos gentis, e encantadores:

Tu, que do grego errante e cauteloso,
Da mão que ao nada reduziu Dardania,
Tens em teus campos monumento honroso:

D'elles todos, oh patria, oh Lusitania,
O do Tejo é mais ledo, é mais viçoso;
Graças ao riso da celeste Armania.

XC.

Convicios a um seductor interesseiro, e a uma belleza ingrata.

PERVERSO estragador da formosura,
Alma corrupta, desleal, impía,
Onde interesse, amor, e aleivosia
Jazem com feia, e sordida mistura:

O fructo que produz tua ternura
São (que assombro!) a vileza, a tyrannia;
Sacrificas a tua idolatria
Com tuas proprias mãos em ara impura:

Que bruto coração, que torpe amante
Vende o seu gosto? Ah misera belleza,
Eu te choro, eu te choro, outrem te cante:

Excedeu-se em formar-te a Natureza;
Divina te julguei pelo semblante,
Humana vejo que és pela fraqueza.

CXI.

O poeta avassallado pelos olhos de Corina.

Vendo o suberbo Amor, que eu resistia
Ao seu poder com animo arrogante,
Mostrou-me um doce, angelico semblante,
Que a propria Venus invejar devia:

Minha nescia altivez, minha ousadia
Em submissão troquei no mesmo instante;
E o deus tyranno, achando-se triumphante,
Com voz insultadora me dizia:

«Tu, que escapar ás minhas settas queres,
Vil mortal, satisfaze o teu desejo,
Vê, vê Corina, e foge, se poderes.»

«Amor, (lhe respondi) rendido a vejo;
Adoro os olhos seus, com que me feres,
Venero as tuas leis, teus ferros beijo.»

XCII.

Prefere aos bens do mundo os agrados de Marilia.

Honroso lauro o capitão valente
Ganhe embhora na férvida peleja;
Seu nome a fama espalhe, e geralmente
Com pasmo, e com respeito ouvido seja:

Embhora o torpe avaro, o vil demente,
Que para os ferrolhar mil bens deseja,
De ricas peças de metal fulgente
Seus amplos cofres atulhados veja:

Embhora de lisonjas incensado
Tenha o monarcha ás suas leis subjeito
O povo mais feliz, mais afamado:

Que a mim, para que viva satisfeito,
Me basta possuir teu doce agrado,
Ter logar, oh Marilia, no teu peito.

XCIII.

Uma esquivança vencida pelo poder de Amor.

Deitado sobre a rêlva Amor estava
Dormindo ao pé d'uma arvore sombria,
E n'um dos troncos pendurado havia
Prenhe de settas a damnosa aljava:

Flora então, que d'exempta blasonava,
E do infeliz Dorindo escarnecia,
Com suberba, sacrilega ousadia,
Quiz partir os farpões, que detestava:

Mas apenas lhe toca, a mão ferindo
No bico de um dos ferros penetrantes,
Grita, lavado em pranto o gêsto lindo:

«Ai de mim! Firme exemplo dos amantes,
Onde estás? Vem, não temas, Dorindo,
Que eu já não sou cruel como era d'antes.»

XCIV.

Ás mãos de Marilia.

De cima d'estas penhas escabrosas,
Que pouco a pouco as ondas têm minado,
Da lua c'o reflexo prateado
Distingo de Marilia as mãos formosas:

Ah! Que lindas que são, que melindrosas!
Sinto-me louco, siuto-me encantado;
Ah! Quando ellas vos colhem lá no prado,
Nem vós, lyrios, brilhais, nem vós, oh rosas!

Deuses! Céos! Tudo o mais que tendes feito
Vendo tão bellas mãos, me dá desgosto;
Nada, onde ellas estão, nada é perfeito,

Oh quem podéra unil-as ao meu rosto!
Quem podéra apertal-as no meu peito!
Dar-lhe mil beijos, e expirar de gosto!

XCV.

Ao ver o semblante da sua amada annuveado de tristeza.

Antes eu visse matador cutelo
Por mão ferina contra mim vibrado,
Ou perecesse o peito esmigalhado
Pelos golpes de rigido martelo :

Antes das Furias o infernal flagello
Sentisse, como Orestes malfadado,
E não das sombras d'afflicção turbado
O céo, Marilia, de teu rosto bello!

Das faces orvalhada a neve pura,
Rouca a voz, e na terra a vista preza,
Te observo, sem que morra d'amargura!

Tu d'esta sorte, angelical belleza ?
Ai de mim! Quem terá prazer, ventura,
Se até pode no céo caber tristeza?

XCVI.

O Tempo offerece ao poeta seu auxilio contra Amor.

De emmaranhadas cans o rosto cheio,
De assacalada fouce armado o braço,
Gigantêa estatura, aspecto baço,
Um velho em sonhos vi, medonho e feio:

«Não tenhas, oh mortal, de mim receio;
O Tempo sou (me diz) eu despedaço
Os collossos, os marmores desfaço,
Prostro a vaidade, a formosura afeio:

«Mas sabendo a razão de teus pezares,
Pela primeira vez enternecido,
A falar-te baixei dos tenues ares:

«Soffre, por ora, o jugo de Cupido;
Que eu farei, quando menos o cuidares,
Que te escape Natercia do sentido.»

XCVII.

Goso phantastico.

DEBALDE um véo cioso, oh Nize, encobre
Intactas perfeições ao meu desejo;
Tudo o que escondes, tudo o que não vejo
A mente audaz e aligera descobre:

Por mais e mais que as sentinellas dobre
A sisuda Modestia, o cauto Pejo,
Teus braços logro, teus encantos beijo,
Por milagre da idéa affouta, e nobre:

Inda que premio teu rigor me negue,
Do pensamento a indomita porfia
Ao mais doce prazer me deixa entregue:

Que póde contra Amor a tyrannia,
Se as delicias, que a vista não consegue,
Consegue a temeraria phantasia?

XCVIII.

O Auctor aos seus versos.

Vós, que de meus extremos sois a historia,
Versos, por negro zoilo em vão roubados,
Nascidos da Ternura, e restaurados
C'o prompto auxilio de fiel memoria:

Da Inveja conseguindo alta victoria
Ide, meus versos, em Amor fiados,
Que d'elle só dependem vossos fados,
Que n'elle só demando a minha gloria:

Não vos importe o publico juizo;
Da voz, que pelo mundo se derrama,
Os vivas caprichosos não preciso.

Voai aos olhos, cuja luz me inflamma:
Tereis de Anarda approvador sorriso,
Um sorriso de Anarda é mais que a Fama.

XCIX.

Cedendo a seu pezar á violencia do Destino.

DAS faixas infantis despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente;
Meu tenro coração inda innocente,
Iam ganhando as placidas Camenas:

Faces gentis, angelicas, serenas,
De olhos suaves o volver fulgente,
Da idéa me extraiam de repente
Mil simples, maviosas cantilenas.

O Tempo me soprou fervor divino,
E as Musas me fizeram desgraçado,
Desgraçado me fez o deus menino:

A Amor quiz esquivar-me, e ao dom sagrado:
Mas vendo no meu genio o meu destino,
Que havia de fazer? Cedi ao fado.

C.

Queixumes contra a mudança de Marilia.

Em quanto muda jaz, e jaz vencida
Do somno, que a restaura, a Natureza,
Augmento de meus males a graveza,
Eu, desgraçado, que aborreço a vida.

Velando está minha alma escurecida
Envolta nos horrores da tristeza,
Qual tocha, que entre tumulos acceza,
Espalha feia luz amortecida:

Velando está minha alma, estão com ella
Velando Amor, velando a Desventura,
Algozes com que a Sorte me flagella:

Preside ao acto acerbo a formosura,
Marilia desleal, Marilia, aquella
Que tão branda me foi, que me é tão dura.

CI.

As graças de Felisa preferiveis ás honras e riquezas.

Incense da Fortuna os vãos altares
Destra venal de astuto lisonjeiro:
Raios vibrando intrepido guerreiro
De nuvens de atro fumo assombre os ares:

Domando a furia de assanhados mares
Sagaz commerciante interesseiro,
Pejado o bojo do baixel veleiro
Opulento saùde os patrios lares:

A deusa, que por bocas cem respira
Acclame o sabio que medita, e véla,
Fertil em producções que o mundo admira:

Minha alma só se apraz, só se desvela
Na gloria de cantar ao som da lyra
Os olhos de Felisa, as graças d'ella,

CII.

Pede a Marilia consolações contra a rudeza dos Fados.

MINHA alma se reparte em pensamentos
Todos escuros, todos pavorosos;
Pondero quam terriveis, quam penosos
São, existencia minha, os teus momentos:

Dos males que soffri, crueis, violentos,
A Amor, e aos Fados contra mim teimosos,
Outros inda mais tristes, mais custosos
Deduz com fataes presentimentos.

Rasgo o véo do futuro, e lá diviso
Novos damnos urdindo Amor, e os Fados,
Para roubar-me a vida apoz do siso.

Ah! Vem, Marilia, vem com teus agrados,
Com teu sereno olhar, teu brando riso
Furtar-me a phantasia a mil cuidados.

CIII.

Queixando-se dos desdens de uma ingrata.

Por industria de uns olhos, mais brilhantes
Que o refulgente sol dos céos no cume,
Jaz prezo entre os grilhões do idalio nume
O mais terno e sensivel dos amantes:

Uma ingrata, exemplar das inconstantes,
Por genio, por systema, ou por costume,
Todo o fel da tristeza, e do ciume
Lhe verte sobre os miseros instantes:

Se com piedoso affago lhe suavisa,
Lhe engana alguma vez a dor, que o mata,
Mil vezes com desdens o tyrannisa:

O laço aperta, e subito o desata...
Ah doce encanto meu, gentil Felisa,
O desgraçado eu sou, tu és a ingrata.

CIV.

O Ciume, e Filena conjurados em damno do poeta.

Em sonhos na escaldada phantasia
Vi, que torvo dragão de olhos fogosos
Com afiados dentes sanguinosos
As tepidas entranhas me rompia:

Alva nympha louçan, que parecia
A mãe dos Amorinhos melindrosos,
Raivosa contra mim, c'os pés mimosos
Mais o drago faminto embravecia:

De marmore a meu pranto, a meu queixume,
D'este mal, d'este horror sem dó, sem pena,
Via dos olhos meus sumir-se o lume:

Ah! Não foi illusão tão triste scena:
O monstro devorante era o Ciume,
A cruel, que o pungia, era Filena.

CV.

Anhelando ver a imagem da amada ausente.

Doce nume d'amor, se á bella Armia
Consagrei por teu mando a liberdade,
Doce nume d'amor, se tens piedade
Do coração, que Elmano em ais te envia:

Entre o calado horror da noute fria
A minha amada, a minha divindade,
(Com seus olhos dourando a escuridade)
Pinta-me em ledo sonho á phantasia:

Assome tão risonha, e tão brilhante
Como a rosea manhan no céo jocundo,
E as lagrimas enxugue ao triste amante.

Contarei ao meu bem meu mal profundo,
E que vivo sem ella absorto, errante,
Perdido, amargurado, e só no mundo.

CVI.

Assegurando Analia da sua firmeza.

DISTRÁE, meu coração, tua amargura,
Os ma'es que te assanha a phantasia:
Provêm da formosura essa agonia?
Seja o seu lenitivo a formosura ;

Por mil objectos adoçar procura
O ardor, que lavra em ti de dia em dia;
Mas oh fatal poder da sympathia!
Oh molestia d'amor, que não tem cura!

Astucia exercitar que te resista
Minha Analia, meu bem, debalde intento,
Está segura em mim tua conquista.

Como hei de minorar-te o vencimento,
Coarctar o imperio teu, se as mais á vista
Valem menos que tu no pensamento?

CVII.

A paixão triumphante apezar do raciocinio.

O céo não te dotou de formosura,
De attractivo exterior, e a Natureza
Teu peito inficionou co'a vil torpeza
De ingrata condição, falaz, e impura:

Influiu-me os extremos da ternura
A constancia, o fervor, e a singeleza,
Esses dons mais gentis que a gentileza,
Dons, que o tempo fugaz não desfigura:

A pezar da traição, do fingimento
Que te infama, e desluz, se enleva e pára
Em ti, alma infiel, meu pensamento:

Nas paixões a razão nos desampara;
Se a razão presidisse ao sentimento,
Tu morrêras por mim, eu não te amara.

CVIII.

Na ausencia de Tirséa.

As margens do Regaça cristalino
Nos olhos de Tirséa ardi contente,
Brandos olhos gentis, dos quaes pendente
Estava o meu prazer, e o meu destino:

O tenro deus, o candido menino
Pagava meu fervor puro, innocente;
Mas cedo me impelliu sorte inclemente
Para vós, tristes margens, que abomino:

Aqui desde que aponta a luz phebêa
De logar em logar deliro, e corro,
Com suspeitas nutrindo a turva idéa.

Não posso contra Amor achar soccorro;
Perdi todo o meu bem, perdi Tirséa,
Ella vive sem mim, sem ella eu morro.

CIX.

Insufficiencia dos dictames da razão contra o poder de Amor.

Sobre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vai carcomendo,
Me estão negras paixões n'alma fervendo
Como fervem no pego as crespas vagas:

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás n'elle (ai de mim!) palpando, e vendo
De agudas ancias venenosas chagas:

Cego a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objectos de horror co'a idêa eu corro,
Sôlto gemidos, lagrimas derramo:

Razão, de que me serve o teu soccorro?
Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;
Dizes-me que socegue, eu peno, eu morro.

CX.

«Como é no mundo Amor quinto elemento,
Que tem dos gostos uma e outra chave.»

Pereira, Ullyss.

DEBALDE contra Amor seu fel derrama
Genio feroz á natureza opposto;
Crua sphinge infernal de humano rosto,
Ou furia acceza na tartarea flamma.

Esse, a que astuto engano um vicio chama,
Benigno sentimento em nós disposto,
Brota o desejo percursor do gosto,
Cria o preciso ardor, que a tudo inflamma:

Doura a negra existencia ao desgraçado,
Do peito arranca as serpes da tristeza,
A que inda o mais feliz não foi vedado:

Ventura, ao doce Amor tu andas preza;
É de todo o vivente instincto, e fado,
É teu quinto elemento, oh Natureza!

CXI.

Amor triumphando da ausencia, e do tempo.

Tu, que na fouce de sanguineo gume
Tens fera, estragadora omnipotencia,
Como soffres de Amor a resistencia,
Oh Tempo devorante, oh impio nume?

E tu, que apagas da ternura o lume,
Que tornas o desvelo em somnolencia,
Filha do Lethes, esquecida Ausencia,
Onde está teu poder, e o teu costume?

Nos outros c'o prazer morre a firmeza,
Arrefece a paixão de dia em dia,
Longe dos olhos porque fora acceza:

Mas em mim terno ardor jâmais esfria;
Por gloria da constancia, ou da belleza,
Triumpham no meu peito Amor e Armia.

CXII.

Insensatez dos ciumes.

Que idéa horrenda te possue, Elmano?
Que ardente phrenesî teu peito inflamma?
A razão te allumie, apaga a chamma,
Reprime a raiva do ciume insano:

Esperanças consome, ou vive ufano,
Ah! Foge, ou cinge da victoria a rama;
Ama-te a bella Armia, ou te não ama?
Seus ais são da ternura, ou são do engano?

Se te ama, não consternem teus queixumes
Os olhos de que estás enfeitiçado,
Do puro céo de Amor benignos lumes:

Se outro n'alma d'Armia anda gravado,
Que fructo has de colher dos vãos ciumes?
Ser odioso, alem de desgraçado.

CXIII.

Lamenta um desengano inesperado.

TENTA em vão temeraria conjectura
Sondar o abysmo do invisivel Fado,
Que, de umbrosos mysterios enluctado,
Some aos olhos mortaes a luz futura:

Presumia (ai de mim!) vendo a ternura
D'aquella, que me trouxe enfeitiçado,
Presumia que Amor tinha guardado
Nos braços do meu bem minha ventura:

Oh terra! Oh céo! Mentiram-me os brilhantes
Olhos seus, onde achei suave abrigo;
Quam faceis de enganar são os amantes!

Humanos, que seguis as leis que sigo,
Vós, corações, que ao meu sois similhantes,
Ah! Comigo aprendei, chorai comigo.

CXIV.

Incertezas sobre a fidelidade de Analia ausente.

Amor, que o pensamento me saltêas
C'as memorias d'Analia a cada instante;
Tyranno, que vaidoso e triumphante
Me apertas mais e mais servis cadêas:

Doces as afflicções com que me ancêas,
Se ao ver-se de meus olhos tão distante
Soltasse Analia um ai do peito amante,
E o fogo antigo lhe inflammasse as vêas!

Mas é talvez o exemplo das perjuras,
Outro amima talvez, em quanto eu choro,
Morrendo de saudosas amarguras;

E pelo ardente excesso com que adoro,
Ao clarão de medonhas conjecturas
Vejo o phantasma da traição que ignoro.

CXV.

Dictado para a campa.

Sobranceiro ao poder, e ás leis da sorte,
Amor ouviu meus ais, cumpriu meu gosto:
Já, já sinto nos olhos, peito, e rosto
A nevoa, as ancias, o suor da morte:

Á terra mão piedosa me transporte,
E depois que em sepulchro mal composto
Der ao frio cadaver frio encosto,
Estes versos por dó na pedra córte:

«Aqui se esconde Elmano; alegre estado
Algum tempo deveu á amiga estrella,
Foi de Armia amador, de Armia amado:

«Desuniu duro caso o triste, e a bella;
Viver sem ella lhe ordenava o fado;
Quiz antes o infeliz morrer por ella.»

CXVI.

A memoria de Marilia.

Aureo fio subtil, que teve unida
A corpo immaculado uma alma pura,
De mimoso estalou, e a sepultura
Ficou do teu despojo enriquecida:

De mil graças lustrosa a doce vida
Subiu ao cume da immortal ventura;
Dous numes — Innocencia, e Formosura —
Vão dando ao mundo eterna despedida:

Lá onde a morte, e a terra te devoram,
Na 'estancia do silencio, e da tristeza,
Inda, Marilia, corações te adoram:

Longe da tua divinal belleza
Aos olhos que te viram, que te choram,
Um tumulo parece a natureza.

CXVII.

Escripto no carcere.

Accezo no almo ardor, que a mente inflamma,
Vivo de Amor, de Amor suspiro e canto;
Na face agora o riso, agora o pranto,
D'arvore tua, oh Phebo. eu cinjo a rama:

Prézo a doce moral, na voz da fama
Meu nome pouco a pouco aos céos levanto:
Mas turba vil, que abato, anceio, e espanto,
Urde em meu damno abominavel trama:

Réo me delata de horrida maldade,
Projecta anniquilar-me o bando rude,
Envolto na lethêa escuridade:

Que falsa idêa, oh zoilos, vos illude?
Furtais-me a paz? Furtais-me a liberdade?
Fica-me a gloria, fica-me a virtude.

CXVIII.

A Armia ausente.

Vem, suspirada, carinhosa Armia,
Remir o escravo, consolar o amante,
Que afflicto, que saudoso a cada instante
Te envia um pensamento, um ai te envia,

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
E flores mais gentis em teu semblante
Que a flor de cytheréa, a flor brilhante,
Que o mesmo Abril prefere a quantas cria:

Inimiga de Amor ê a tardança :
Não tardes, não, meu bem, que me flagellas
Em prolongar-me a sofrega esperança:

Vem olhar n'este rio as faces bellas,
Vem, por doce illusão da similhança,
Ver enganar-se os Zephyros com ellas.

CXIX.

O Poeta encadeado a seu pezar em novos laços.

Do carcere materno em hora escura,
Em momento infeliz, triste, agourado,
Me desaferrolhou terrivel Fado,
Meus dias commetendo á Desventura:

Perigosas sementes de ternura
Havia o deus feroz em mim lançado;
Que mil azedos fructos tem brotado,
Regadas pelos prantos da amargura.

Escravo da despotica belleza,
Remìr-me de impia lei, que me domina,
Tento, e desmaio ao começar a empreza:

Oh poder da paixão, que me hallucina!
Oh cego Amor! Oh fragil Natureza!
N'alma busco a razão, e encontro Alcina.

CXX.

Exprobrando a Alcina a' sua ingratidão.

EGUAL ingratidão, e egual vileza
Poucos hão de encontrar entre as ruinas
Que Amor prepára: prodiga de Alcinas
Não é (graças aos céos!) a natureza:

Genio de furia, monstro de torpeza,
Que o pejo afogas, que a traição refinas,
São as Julias, as Lais, as Messalinas
A par de ti modelos de pureza.

Não temas, infiel, que á terra chame
O raio, que reluz na mão do Eterno,
Para que em negras cinzas te derrame:

Rasguem-te as garras do remorso interno
O coração corrupto, o peito infame;
Lá tenho um vingador, lá tens o inferno.

CXXI.

A Estancia do Ciume.

HA um medonho abysmo, onde baquêa
A impulsos das paixões a humanidade;
Impéra ali terrivel divindade,
Que de torvos ministros se rodêa:

Rubro facho a Discordia ali menêa,
Que a mil scenas de horror dá claridade;
Com seus socios, Traição, Mordacidade,
Range os dentes a Inveja escura e fêa:

Vê-se a Morte cruel no punho alçando
O ferro de sanguento hervado gume,
E a toda a natureza ameaçando:

Vê-se arder, fumegar sulphureo lume...
Que estrondo! Que pavor! Que abysmo infando!...
Mortaes, não é o inferno, é o Ciume!

CXXII.

Queixas contra Ismene na solidão.

Ás aguas, e ás arêas d'este rio
Ás flores, e aos Favonios d'este prado,
Meus damnos conto, minhas magoas fio,
Dou queixas contra Ismene, Amor, e o Fado:

A paz do coração posta em desvio,
O gosto em desenganos suffocado,
Lagrimas com lembranças desafio,
E pela tarda morte ás vezes brado;

Tão maviosos são meus ais mesquinhos,
Tanto pode a paixão que em mim suspira,
Que se esquecem das mães os cordeirinhos:

O vento não se meche, nem respira;
Deixam de namorar-se os passarinhos,
Para me ouvir chorar ao som da lyra.

CXXIII.

O suspiro.

Voai, brandos meninos tentadores,
Filhos de Venus, deuses da ternura,
Adoçai-me a saudade amarga, e dura,
Levai-me este suspiro aos meus amores:

Dizei-lhe que nasceu dos dissabores
Que influe nos corações a formosura;
Dizei-lhe que é penhor da fé mais pura,
Porção do mais leal dos amadores:

Se o fado para mim sempre mesquinho,
A outro off'rece o bem de que me affasta,
E em ais lhe envia Ulina o seu carinho:

Quando um d'elles soltar na esphera vasta,
Trazei-o a mim, torcendo-lhe o caminho;
Eu sou tão infeliz, que isso me basta.

CXXIV.

Persuadindo Armia á que recompense a sua ternura.

NÃO dês, encanto meu, não dês, Armia,
Ternas lamentações ao surdo vento;
Se amorosa impaciencia é um tormento,
Com ledas esperanças se allivía:

A rigorosa mãe, que te vigia,
Em vão nos prende o lucido momento
Em que solto, adejando o pensamento,
Sobe ao cume da gloria, e da alegria:

As fadigas d'Amor não valem tanto
Como a doce, a furtiva recompensa
Que outorga, inda que tarde, aos ais, e ao pranto:

Amantes estorvar, que astucia pensa?
Tem azas o desejo, a noute um manto,
Obstaculos não ha, que Amor não vença.

CXXV.

Luctando em vão com as memorias d'uma ingrata.

FATAES memorias da traidora Alcina,
D'aquella que encantou meu pensamento;
Se vos quero sumir no esquecimento,
Não o consente Amor, que me domina.

Que é da razão, que as almas illumina?
Porque não põe limite a meu tormento?
Ah! que mal que a definem, se exp'rimento
Que não pode evitar-nos a ruina!

Do que estorvar não sabe ella murmura;
Deixando-me os effeitos perigosos
De amorosa, phrenetica amargura:

E inda são para mim menos penosos
Os horrores da minha desventura,
Que a vista, que o prazer dos venturosos.

CXXVI.

Descrevendo uma noute tempestuosa.

O céo, de opacas sombras abafado,
Tornando mais medonha a noute fêa;
Mugindo sobre as rochas, que saltêa,
O mar, em crespos montes levantado:

Desfeito em furacões o vento irado,
Pelos ares zunindo a solta arêa,
O passaro nocturno, que vozêa
No agoureiro cypreste alem pousado;

Formam quadro terrivel, mas acceito,
Mas grato aos olhos meus, grato á fereza
Do ciume, e saudade, a que ando affeito:

Quer no horror egualar-me a natureza;
Porém cança-se em vão, que no meu peito
Ha mais escuridade, ha mais tristeza.

CXXVII.

Á memoria de Ulina.

SONHO, ou vélo? Que imagem luminosa,
Esclarecendo o manto á noute escura,
A meus olhos pasmados se affigura,
Sobpêa a tua dor, alma saudosa!

De mais vistoso objecto o céo não gosa,
A clareza do sol não é mais pura...
Que encanto! Que esplendor! Que formosura!...
Caíu-te um astro, abobada lustrosa!...

Sorrisos da purpurea madrugada,
Vós tão gratos não sois... Ah! Como inclina
A face para mim branda, apiedada!

Refulgente visão, tu és de Ulina;
Tu és copia fiel da minha amada,
Ou reflexo talvez da luz divina.

CXXVIII.

Receando ser supplantado por um rival.

Em verso torneado ao som da lyra
Eu canto amor, a formosura eu canto;
Por teus olhos gentis, que podem tanto,
Arde meu coração, treme, suspira:

Audaz competidor, esse que aspira
De teus carinhos ao celeste encanto,
Grosseiro e carrancudo infunde espanto,
Da bruta estupidez nas sombras gira.

Ao vel-o assim, e ao ver minha amargura,
Mal que elle a ti dirige a vista acceza,
Todos ao meu temor chamam loucura;

Ah! Vem d'alta razão minha tristeza:
Não receio o rival, temo a Ventura,
Porque o pode vingar da Natureza.

CXXIX.

O Ciume reinando ainda no sepulchro.

SE, victima da ingrata, e do tyranno
Que fazem lastimosa a tua sorte,
Ao pezo de phrenetico transporte
Ceder teu coração, misero Elmano:

Se áquelle que o teu mal contempla ufano
Quizer teu fado que o prazer lhe aborte;
Se nas garras tambem da turva morte
Conhecer que a ventura é doce engano:

Se o seu despojo em fim se unir comtigo,
Para que nem, oh triste, a paz possuas
Entre as eternas sombras do jazigo;

Zelosas despertando as cinzas tuas,
Revoltas pelo horror, pelo odio antigo,
Hão, de em negro montão fugir das suas.

CXXX.

Á memoria de Anarda.

Voaste, alma innocente, alma querida,
Foste vêr outro sol de luz mais pura,
Falsos bens d'esta vida, que não dura,
Trocaste pelos bens da eterna vida:

Por Deus chamada, para Deus nascida
Já de vans illusões vives segura:
Feliz a fé te crê; mas a ternura
C'o punhal da saudade está ferida.

Desgraçado o mortal, insano, insano
Em dar seu pranto aos fados de quem mora
No palacio do eterno soberano!

Perdoa, Anarda, ao triste que te adora:
Tal é a condição do peito humano;
Se a Razão se está rindo, Amor te chora.

CXXXI.

Conseguindo libertar-se de uma paixão mal correspondida.

JÁ de novo a meus olhos apparecem
A graça, o riso, as flores da alegria;
Já na minha teimosa phantasia
Cuidados que velavam adormecem:

Co'a verdade illusões se desvanecem,
Qual foge o triste mocho á luz do dia;
Providente Razão, porém tardia,
Já sobre esta alma teus auxilios descem.

Como, céga paixão, nos persuades!
Quando em Marcia não vi senão belleza
Julguei que dava gloria ás divindades:

Mas de sacro fulgor co'a mente acceza
Noto-lhe o coração, e as falsidades,
Vejo que faz injuria á Natureza.

CXXXII.

Variedade dos effeitos d'Amar.

NASCEMOS para amar; a humanidade
Vai tarde, ou cedo aos laços da ternura;
Tu és doce attractivo, oh formosura,
Que encanta, que seduz, que persuade:

Enleia-se por gosto a liberdade;
E depois que a paixão n'alma se apura,
Alguns então lhe chamam desventura,
Chamam-lhe alguns então felicidade:

Qual se abysma nas lobregas tristezas,
Qual em suaves jubilos discorre,
Com esperanças mil na idéa accezas:

Amor ou desfalece, ou pára, ou corre;
E, segundo as diversas naturezas,
Um porfia, este esquece, aquelle morre.

CXXXIII.

Notando insensibilidade na sua amada.

A FROUXIDÃO no amor é uma offensa,
Offensa que se eleva a grau supremo;
Paixão requer paixão; fervor, e extremo
Com extremo e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que diff'rença!
Eu descóro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo;
Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo,
Em sombras a razão se me condensa:

Tu só tens gratidão, só tens brandura,
E antes que um coração pouco amoroso
Quizera ver-te uma alma ingrata, e dura:

Talvez me enfadaria aspecto iroso;
Mas de teu peito a languida ternura
Tem-me captivo, e não me faz ditoso.

CXXXIV.

Vendo-se prezo nos laços de uma dama venal.

Nos torpes laços de belleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento;
E forçada ao servil abatimento
Contra os sentidos a razão murmura:

Eu, que outr'hora incensava a formosura
Das que enfeita o pudor gentil, e exemplo,
A já corrupta idéa hoje apascento
Nos falsos mimos de venal ternura:

Se a vejo repartir prazer, e agrado
Áquelle, a este, co'a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado;

Céos! Quem me reduziu a tal baixeza?
Quem tão cégo me poz?...Ah! Foi meu fado,
Que tanto não podia a natureza.

CXXXV.

Disposto a acompanhar ao jazigo a sua amada.

Perdi tudo (ai de mim!) perdi Marfida,
Marfida, a gloria minha, a minha amada;
Tenra flor, a esperança mallograda
Do mimoso matiz caiu despida:

Pede meu coração mortal ferida,
Só aos ditosos a existencia agrada;
Vida entre angustias equivale ao nada,
No risonho prazer consiste a vida.

Eia, amante infeliz, teu fim procura!
Phantastico terror não te reporte,
Nos tumulos não reina a formosura.

Diga triste letreiro a minha sorte;
Dai-me piedosa sombra á sepultura
Teixos, ciprestes, arvores da morte.

CXXXVI.

Á morte de Armia.

Da rama escura de lethal cypreste
Em sonhos vi c'roada a bella Armia;
Alvas, mimosas carnes lhe envolvia
Da negra morte a luctuosa veste:

Vagueava o meu bem n'um ermo agreste,
Onde o mocho agoureiro se carpia,
Não tão meiga e gentil como algum dia,
Mas inda conservava um ar celeste:

«Esta que vês (me disse em tom magoado)
Que não creste mortal, mas divindade,
É sombra van, phantasma inanimado.»

Eis ferido de amor, e de saudade,
Grito, acórdo, e seguiu-se (oh duro fado!)
Á funesta visão fatal verdade.

CXXXVII.

A Marilia, em seu dia natalicio.

LÁ onde o Fado impenetravel mora,
Vôa o menino Amor entre os Amores;
Loureja a trança, que matizam flores,
Scintila o facho, que a Razão devora:

Entra, saúda o nume, ao nume implora
Que de Marilia os olhos tentadores
Vejam sempre ante as Graças, e os Louvores
De seus annos gentis surgir a aurora:

Fronte rugosa vezes tres sacode
O deus, cujo poder tudo atropella,
E ás supplicas d'Amor d'est'arte acode:

«Escape ás minhas leis Marilia bella,
Seja, seja immortal; durar não pode
O mundo sem amor, amor sem ella.»

CXXXVIII.

Reflectindo sobre a instabilidade da condição humana.

Quantas vezes, Amor, me tens ferido?
Quantas vezes, Razão, me tens curado?
Quam facil de um estado a outro estado
O mortal sem querer é conduzido!

Tal, que em grau venerando, alto e luzido,
Como que até regîa a mão do fado,
Onde o sol, bem de todos, lhe é vedado
Depois com ferros vîs se vê cingido:

Para que o nosso orgulho as azas corte,
Que variedade inclue esta medida,
Este intervalo da existencia á morte!

Travam-se gosto, e dor; socego, e lida;
É lei da natureza, é lei da sorte
Que seja o mal e o bem matiz da vida.

CXXXIX.

Desejo amante.

Elmano, de teus mimos anhelante,
Elmano em te admirar, meu bem, não erra;
Incomparaveis dons tua alma encerra,
Ornam mil perfeições o teu semblante:

Grangêas sem vontade a cada instante
Claros triumphos na amorosa guerra:
Thesouro que do céo vieste á terra,
Não precisas dos olhos de um amante.

Oh! Se eu podesse, Amor, oh! se eu podesse
Cumprir meu gosto! Se em altar sublime
Os incensos de Jove a Lilia désse!

Folgára o coração quanto se opprime;
E a Razão, que os excessos aborrece,
Notando a causa, relevara o crime.

CXL.

A infidelidade de Nize.

De nocturno, horroroso pezadêlo
Fui na mente sombria atormentado;
Inda palpito, da visão lembrado,
Esfria o sangue, irriça-se o cabello:

Vi d'um lado a Desgraça impondo o sello
Ás leis, que em damno meu creára o Fado;
Meus Males em tropel vi d'outro lado
Ais dirigindo a corações de gelo.

Co'a patria, mundo, e céo me vi malquisto,
Ao longe a Gloria laureada, e bella,
Ouvi dizer-me:—De te honrar desisto!»—

Tive a Morte ante mim torva, amarella;
Furias, Manes:—O horror não parou n'isto,
Vi Nize, e o meu rival nos braços d'ella.

CXLI.

A Nize, escripto do carcere.

NIZE mimosa, como as Graças pura,
Amavel Nize como as Graças bella,
Se inda em teus olhos me pertence aquella
Maviosa affeição, que fere, e cura:

Um ai, penhor de candida ternura,
Envia ao triste, que esmorece, anhela;
Que em ti cuidando solitario véla
No seio antigo de masmorra escura:

Manda-lhe um ai, meu bem; com elle afaga
Do ancioso amante o coração ferido,
A quem mordaz saudade assanha a chaga:

Das minhas afflicções compadecido
Nas azas côr de neve Amor o traga;
Pago será com mil um só gemido.

CXLII.

A Morte unico refugio contra as perseguições da Sorte.

Nas horas de Morphêo vi a meu lado
Pavoroso gigante, enorme vulto:
Tinha na mão sinistra, e quasi occulto,
Volume em ferrea pasta enquadernado:

—Ah! Quem és (lhe pergunto arripiado)
Mereces o meu odio, ou o meu culto?
«Sou (me diz) o que em sombras te sepulto,
Sou teu preseguidor, teu mal, teu Fado.

«Corres, triste mortal, por minha conta;
Mas ha de a meu despeito haver quem córte
A serie de tormentos, que te affronta:

«Poder vem perto, que te mude a sorte:
Lá tens o teu regresso...»—E n'isto aponta,
Ólho rapidamente, e vejo a Morte.

CXLIII.

Agradecendo a Morphêo um sonho feliz.

Bem hajas, oh Morphêo! Á phantasia
Que scena divinal me déste agora!
Nize, qual sáe da noute a grata aurora,
Surgiu-me d'entre as sombras da agonia.

Mais bello inda a saudade me fingia
O gésto encantador, que os céos namora;
Cuido que inda me afaga, que inda chora
Pranto, que morta flor viver faria.

Graças, oh nume, de meus ais magoado!
Alta mercê meu coração te deve,
Por este acinte, que fizeste ao fado:

Só tua divindade a tal se atreve;
Mas ah! Que eras prazer de um desgraçado
Sempre mostraste, oh sonho, em ser tão breve.

CXLIV.

Recordações da sua amada no carcere.

NA acceza phantasia estou medindo
Os passos, e as acções da minha amada;
Noto-lhe o puro collo, a mão nevada,
Os olhos divinaes, o gesto lindo:

Vejo-a com doces lagrimas sentindo
Minha acerba oppressão de horror cercada,
E em torno da belleza amargurada
As Graças soluçando, Amor carpindo:

A tudo quanto a vê, quanto a rodêa
Té mesmo irracional e inanimado,
Obriga a suspirar, commove, ancêa:

E de a ter com meus males consternado
Talvez lá na profunda estancia fêa
Dê tambem algum ai meu duro fado.

CXLV.

Deplorando a crueldade de Nize.

Excedo lustros seis por mais tres annos,
Mas bem que juvenis meus annos sejam,
Já murcham de agonia, e já me alvejam
Não raros na cabeça os desenganos.

Os fados, meus verdugos, meus tyrannos,
Que de Pandora o cofre em mim despejam,
Folgam de que os mortaes nas cans me vejam
Tristes amostras de frequentes damnos.

Parece que devia a formosura
Vingar-me dos crueis comigo irados,
E da ternura o premio ser ternura:

Mas Nize (oh vãos extremos desgraçados!)
Na trança infausta branquear procura
O resto escuro, que escapou aos fados.

CXLVI.

Ao Somno, para que lhe represente a imagem da amada.

Oh tu, consolador dos malfadados,
Oh tu, benigno dom da mão divina,
Das magoas saborosa medicina,
Tranquillo esquecimento dos cuidados:

Aos olhos meus, de prantear cançados,
Cançados de velar, teu vôo inclina;
E vós, sonhos d'amor, trazei-me Alcina,
Dai-me a doce visão de seus agrados:

Filha das trevas, frouxa somnolencia,
Dos gostos entre o férvido transporte
Quanto me foi suave a tua ausencia!

Ah! findou para mim tão leda sorte;
Agora é só feliz minha existencia
No mudo estado, que arremeda a morte.

CXLVII.

Á inconstancia de Inalia.

QUANDO á que me rendeu jurava ufano
Gostar por ella do funereo instante,
Dizia a doce amada ao terno amante:
«Inalia morrerá, se morre Elmano!»

O Tempo, das paixões, dos bens tyranno,
Tornou ferino o divinal semblante,
E nos labios gentis voz fulminante
Vibrou, vibrou-me um raio;—o desengano!

Esperanças, murchai; tu, lisongeiro
Sonho adoravel, com que o ser mantive,
Desfaze-te em meu ponto derradeiro:

Mas as cinzas do amante Amor não prive
Dos ais d'escravos seus: triste letreiro
Diga:—«Elmano morreu, e Inalia vive.»

CXLVIII.

O sorriso de Analia.

QUANDO Analia, o meu bem, que o céo namora,
Meigo sorriso de outro céo desprende,
Geme, e o que é vida n'um gemido aprende
Peito, que amor, e que a existencia ignora:

Quando Analia, o meu bem, suspira, ou chora,
A doce magoa doce fogo accende;
Na estancia divinal com Jove entende,
Quasi tenta imploral-a o ser que implora;

Sente um Deus como sente a natureza
Aquella, em cujos dons adorno o canto,
Aquella, que a meus versos dá grandeza:

Mas (se posso antepôr encanto a encanto)
Amo-lhe o riso, adoro-lhe a tristeza;
De Venus a chorar tal era o pranto!

CXLIX.

A mesma.

Se é doce no recente, ameno estio
Vêr toucar-se a manhan d'ethereas flores,
E, lambendo as arêas, e os verdores,
Molle e queixoso deslisar-se o rio:

Se é doce no innocente desafio
Ouvirem-se os volateis amadores,
Seus versos modulando, e seus ardores
D'entre os aromas de pomar sombrio:

Se é doce mares, céos ver anilados
Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que experta os corações, florêa os prados:

Mais doce é ver-te de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida.

CL.

Ao partir da patria para Lisboa, no intento de ausentar-se para terras longinquas.

DEIXAR, amado bem, teu rosto lindo,
Teus afagos deixar, tua candura,
Tanto me opprime, que da morte escura
Sobre mim negras sombras vem caindo:

Eu parto, e vou teu nome repetindo,
Porque dê desafogo á magoa dura;
Meus tristes ais, suspiros de amargura
Áquem dos mares ficarás ouvindo:

Mas se me cercam no cruel transporte
Quantas furias o barathro vomita,
Se meu mal é peor que a mesma morte:

O fado em me aterrar em vão cogita!
Com todo o seu poder não pode a sorte
Tua imagem riscar d'esta alma afflicta.

CLI.

A uma dama, que lhe pedia quizesse retratal-a

(IMPROVISADO)

Pode o tosco pincel, que mal sustento,
Pintar ousado divinal belleza?
Oh! Quanto fora temeraria empreza!
Pagára icaria sorte o louco intento.

Não pinta humana penna um tal portento,
Milagre da sublime natureza;
Tens mais alto pintor, que não despreza
Pintar-te... a mão, que fez o firmamento:

Tanto não posso, oh d'entre as bellas bella:
E baixará dos céos fiel soccorro
P'ra traçar-te a paixão, que me flagella?

Deliro, amavel Jonia; em vão discorro:
Confunde-me a afflicção que me atropella,
Mal sei balbuciar que por ti morro.

CLII.

GLOSANDO O MOTTE:

«Da lembrança riscar-te, ah quem podera!»

Em fragil lenho o pelago cruzando,
Nos turbilhões das vàgas envolvido,
A razão se me esvae, perco o sentido,
Na triste vida minha imaginando:

Cêdo a Morphêo:—a mente fluctuando
Põe ante mim o deus, que impera em Gnido,
Do arco aguda setta enfurecido
Vai ao peito de Analia disparando:

Tremulo, insano, exhausto, delirante,
Brado ao numen feroz: — «Espera, espera,
Não firas, poupa um coração constante.»

N'isto o deus mostra o coração da fera;
Vi-te, perfida, e disse agonisante:
«Da lembrança riscar-te, ah quem podéra!»

CLIII.

A Marilia, no seu dia natalicio.

Quiz, Marilia gentil, cantar teu dia,
Teu dia grato a Amor, grato á ventura,
Pintar-te a graça, o riso, a formosura,
Principios de ineffavel sympathia:

Ao páe da claridade, e da harmonia
Roguei canções de singular brandura;
Mas sempre mais e mais a mente escura
N'um tumulto de idéas se perdia:

Eis o deus, que da aurora aviva os lumes,
Me diz:—«Porque tens nome entre os humanos,
Objectos divinaes cantar presumes?

«Subjuga dentro d'alma os sons profanos;
Muda em culto o louvor; celebrem numes,
Mortaes adorem de Marilia os annos.»

CLIV.

A Marcia, pedindo-lhe a confirmação do seu amor.

Tu és meu coração, tu és meu nume;
Não vive para mim do mundo o resto;
A morte, a vida, os céos, meu fado attesto,
Meu fado, que em teus olhos se resume.

Mas com frequente, rispido queixume
Os mimosos ouvidos te molesto;
Dias d'ouro, e de amor (ah!) toldo, empésto
Co'as trevas mais que horriveis do ciume.

Olho-te as graças, olho-te a belleza,
E cuido que enfeitiças por meu damno
Quantos entes abrange a natureza!

Soccorre, doce Marcia, o triste Elmano;
Oh! Que infernal tormento o da incerteza!
Ao menos é só morte o desengano.

CLV.

Á memoria de Armia.

Quando meu coração de Amor vivia,
(Ufana a liberdade em vêr-se escrava)
E quando para mim se variava
O céo n'um riso, o céo n'um ai d'Armia:

Das escuras irmans a mais sombria,
E que mais com seu pezo o mundo aggrava,
Na vista divinal, que me encantava,
Roubou luz á minha alma, e luz ao dia:

Não mais, Dòr, fado meu, Dôr, meu costume;
Cedo a paz gosarei, que o peito anhela,
Nos olhos do meu bem, do céo ja lume:

Junto á nympha immortal na estancia bella
Os dias perennaes, que vive um nume,
Irei (nume em ser seu) viver com ella.

CLVI.

Aguardando uma entrevista promettida.

Noute, amiga de Amor, calada, escura,
Eia engrossa os teus véos, os teus horrores:
Em quanto vou gosar de mil favores
Sobre o doce theatro da ternura:

Marilia, mais gentil, e até mais pura
Que as ledas Graças, que as mimosas flores,
Velando ás mudas horas dos Amores
Recêa o casto pejo, que murmura:

Em deleitoso e tacito retiro,
Suspensa entre o temor, entre o desejo,
Fluctua a bella, a cuja posse aspiro:

Ah! já nos braços meus a aperto e beijo!
Já, desprendendo um languido suspiro,
No seio do prazer se absorve o pejo.

CLVII.

As illusões do desejo desfeitas pela realidade.

Desejo illuso, e vão! Para que traças
Quadro, que imagens divinaes off'rece?
A terna ausente amada me apparece,
Em céo d'amores eclypsando as Graças:

Ante a doce visão com que me enlaças,
Já murcho, esteril já, meu ser florece:
Mas subito phantasma eis desvanece
Chusma d'encantos, que em teu sonho abraças:

C'roado de cypreste o Desengano
O meu nada me agoura... Oh dôr mais forte
Do que em seu grau supremo o esforço humano!

Chorai, Piedade, e Amor, tão triste sorte,
Chorai: longe de Analia expira Elmano;
Os que a ternura uniu, desune a morte.

CLVIII.

Sobre o mesmo assumpto do precedente.

Planta mimosa de louções verdores,
De amorosos perfumes! Planta bella,
Fade-te o nome do meu bem, d'aquella
Que é céo nos olhos, nectar nos favores!

Gravado apenas, te dará mil flores,
Depois mil fructos, que o desejo anhela:
Subito irás medrando, e vós com ella,
E vós com ella crescereis, amores!

Encantava-me assim Morphêo risonho:
Elysia, recendente amenidade,
Jardim celeste respirar supponho:

Eis desperto na dôr, na escuridade:
Um relampago foi tão lindo sonho:
Tu só tens duração, cruel verdade!

CLIX.

As lagrimas de Analia.

(ESCRIPTO NO ULTIMO PERIODO DA SUA FINAL MOLESTIA.)

De um nume aos ais d'Elmano oh dom mimoso!
Thesouros meus! Aljofares de Amores!
Ao ver-vos deslisar, caír nas flores
De um gesto, como os deuses, milagroso;

Orvalho pareceis do céo piedoso,
Que meigo allivio influe em agras dores,
Que humedece estes aridos vapores,
Este halito da morte infesto, ancioso;

Sentindo o coração por ti regado,
Comtigo, oh nectar, a existencia encanto,
E brando para mim se ri meu fado:

Amada! Jove, e tu, só podem tanto!
Meu mal dorme, repousa embriagado
Das mil delicias, que me dá teu pranto.

CLX.

Á mesma Analia.

Oh nympha, que das graças melindrosas
Tens na face a lindeza, o riso, as côres,
Na face mimos toda, e toda flores,
Que é metade jasmins, metade é rosas!

Nympha suave, para quem saudosas
Dou magoas mil aos Zephyros, e Amores!
Tu gosas de meus ais, e dos louvores
D'estremado cantor, meu bem, tu gosas.

Em sons (pinceis phebêos) em sons copîa
Teu rosto, um céo; do original o encanto
Eis, eis n'alma em tumulto a imagem crîa:

Eu vate, eu amador não logro tanto;
Amor fogo me dá, Phebo harmonia,
E és mais no coração do que és no canto.

CLXI.

Á mesma.

Comtigo, alma suave, alma formosa,
Celeste imagem, de que o céo me priva,
Que eu vivesse não quiz, não quer que eu viva
Lei (sendo ethérea) ao coração penosa:

Vendo sumir-me por morada umbrosa,
Ah! Não desmaies, a constancia aviva,
E por artes de amor, de amor oh diva,
Do não-gosado amante os manes gosa:

Mais doce orvalho de teus olhos desça,
Á linda (como tu) melhor das flores,
Que em torno á campa se abotoe, e cresça;

Passêa entre os meninos voadores,
Une a mãe aos filhinhos, e pareça
Da morte a solidão jardim de amores.

CLXII.

Despedidas ao Tejo.

Não mais, oh Tejo meu, formoso e brando,
Á margem fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulysséa um dos cantores
Suspiros no aureo metro modulando:

Rindo não mais verá, não mais brincando
Por entre as nymphas, e por entre as flores,
O côro divinal dos nús Amores,
Dos Zephyros azues o affavel bando:

Co'a fronte já sem myrtho, e já sem louro,
O arrebata de rojo a mão da Sorte
Ao clima salutar, e á margem d'ouro:

Eil-o em fragas de horror, sem luz, sem norte,
Sôa d'aqui, d'ali piado agoûro;
Sois vós, desterro eterno, ermos da morte!

CLXIII.

Ultimos cantos.

CANTOR, que a fronte erguîa engrinaldada
Comvosco, idalias c'rôas, myrtho, e rosas,
Que viu por mão das tagides formosas
D'aljofares a lyra, e d'ouro ornada:

Mente, d'ethereos dons abrilhantada,
Que solta em producções, louçans, pomposas,
Surgiu, voou com azas luminosas
Ante o bando, que vai de rojo ao nada:

Estro, opulento do phebêo thesouro
(Já dos epicos sons talvez no ensaio)
Ouviu saîr das trevas triste agouro:

Seu fado o fulminou, bateu-lhe o raio
Á sombra tua (ai dôr!) lá mesmo, oh louro!
Chorai-o, Amores! Tagides, chorai-o!

CLXIV.

A uma donzella de extrema belleza, e de rar virtude, morta na flor dos annos.

De homens e numes suspirado encanto,
Lilia, innocente como virgem rosa,
Lilia mais branda, Lilia mais formosa
Que a nympha etherea, de puniceo manto;

Eu, e os Amores, que perderam tanto,
Damos-te ás cinzas oblação mimosa;
Curva goteje minha dor saudosa
Na molle offrenda, que requer meu pranto:

Em teu sagrado, perennal retiro,
Disponho ao som de languidas querélas,
A rosa, o cravo, a tulipa, o suspiro:

Medrai no chão de amor, florinhas bellas...
Ah! Lilia, eu goso o céo!...Lilia, eu respiro
Tua alma pura na fragrancia d'ellas!

SONETOS

LIVRO SEGUNDO.

SONETOS MORAES E DEVOTOS.

I.

Á constancia do sabio superior aos infortunios.

Em sordida masmorra aferrolhado,
De cadêas asperrimas cingido,
Por ferozes contrarios perseguido,
Por linguas impostoras criminado:

Os membros quasi nus, o aspecto honrado
Por vil boca, e vil mão roto, e cuspido,
Sem ver um só mortal compadecido
De seu funesto, rigoroso estado:

O penetrante, o barbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitavel morte
Olhando já na mão do algoz cruento:

Inda assim não maldiz a iniqua sorte,
Inda assim tem prazer, socego, alento,
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

II.

Vendo-se longe da patria, e perseguido pela Fortuna.

Já por barbaros climas entranhado,
Já por mares inhospitos vagante,
Victima triste da fortuna errante,
Té dos mais despresiveis despresado:

Da fagueira esperança abandonado,
Lassas as forças, pallido o semblante,
Sinto rasgar meu peito a cada instante
A magoa de morrer expatriado:

Mas ah! Que bem maior, se contra a sorte
Lá do sepulchro no sagrado hospicio
Refugio me promette a amiga Morte!

Vem pois, oh nume aos miseros propicio,
Vem livrar-me da mão pèzada e forte,
Que de rastos me leva ao precipicio!

III.

Tentativa de suicidio, combatida pelas lembranças da eternidade.

AQUELLE, a quem mil bens outorga o Fado,
Deseje com razão da vida amigo
Nos annos egualar Nestor, o antigo,
De tresentos hynvernos carregado:

Porem eu sempre triste, eu desgraçado,
Que só n'esta caverna encontro abrigo,
Porque não busco as sombras do jazigo,
Refugio perduravel, e sagrado?

Ah! bebe o sangue meu, tosca morada;
Alma, quebra as prisões da humanidade,
Despe o vil manto, que pertence ao nada!

Mas eu tremo!... Que escuto!... É a Verdade,
É ella, é ella que do cêo me brada:
Oh terrivel pregão da eternidade!

IV.

Contradicções do Atheismo.

QUAL novo Orestes entre as Furias brada,
Infeliz, que não crês no Omnipotente;
Com systema sacrilego desmente
A razão luminosa, a fé sagrada:

Tua barbara voz eguale ao nada
O que em todas as cousas tens presente;
Basta que o sabio, o justo, o pio, o crente
Louve a mão, contra os maus do raio armada.

Mas vê, blasphemo atheu, vê, monstro horrendo
Que a bruta opinião, que cégo expressas,
A si mesma se está contradizendo:

Pois quando de negar um Deus não cessas,
De tudo o inerte Acaso auctor fazendo,
No Acaso, a teu pezar, um Deus confessas!

V.

Abandonando-se aos azares da Fortuna.

Se a minha lastimosa desventura
Irreparavel é, se trago escripto
No rosto côr da morte o meu delicto,
Que louca idéa os passos me segura?

Ah! Some te, infeliz, foge, e procura
Margens quaes as do livido Cocytho,
Brenhas, mattos, sertões, errante, afflicto,
Até que vás parar na sepultura:

Oh nume enganador, nume falsario!
Oh lubrica Fortuna de quem rêgo
Em vão com triste pranto o sanctuario!

Já sem violencia em tuas mãos me entrego;
Sim, varia, aqui me tens inda mais vario,
Cêga, a ti me abandono, inda mais cêgo!

VI.

Deprecação feita durante uma tempestade.

Oh Deus, oh rei do céo, do mar, da terra,
(Pois só me restam lagrimas, clamores)
Suspende os teus horrisonos furores,
O corisco, o trovão, que a tudo aterra:

Nos subterraneos carceres encerra
Os procellosos monstros berradores,
Que enchendo os ares de infernaes vapores
Parece que entre si travaram guerra.

Para nós compassivo os olhos lança,
Perdoa ao fraco lenho, attende ao pranto
Dos tristes, que em ti põem sua esperança!

Ás densas trevas despedaça o manto,
Faze, em signal de proxima bonança,
Brilhar no ethereo tope o lume sancto!

VII.

Conformando-se com os revezes da Sorte.

Se o Destino cruel me não consente
Que o ferro nu brandindo irado, e forte,
Lá nos horrendos campos de Mavorte
De louros immortaes guarneça a frente:

Se prohibe que em solio refulgente
Faça os povos felices, de tal sorte
Que o meu nome apezar da negra morte
Fique em padrões e estatuas permanente:

Se as suas impias leis inexhoraveis
Não querem que os mortaes em alto verso
Contem de mim façanhas memoraveis:

Submisso á má ventura, ao fado adverso,
Ao menos por desgraças lamentaveis
Terei perpetua fama no universo.

VIII.

Vendo-se accommettido de grave enfermidade.

Pouco a pouco a lethifera Doença
Dirige para mim tremulos passos;
Eis seus caidos, macilentos braços,
Eis a sua terrifica presença:

Virá pronunciar final sentença,
Em meu rosto cravando os olhos baços,
Virá romper-me á vida os tenues laços
A fouce, contra a qual não ha defensa:

Oh! Vem, deidade horrenda, irman da Morte,
Vem, que esta alma avezada a mil conflictos,
Não se assombra do teu, bem que mais forte:

Mas ah! Mandando ao céo meus ais contrictos,
Espero que primeiro que o teu corte
Me acabe viva dor dos meus delictos.

IX.

O Poeta luctando contra o infortunio.

Apenas vi do dia a luz brilhante
Lá de Tubal no emporio celebrado,
Em sanguineo caracter foi marcado
Pelos Destinos meu primeiro instante:

Aos dous lustros a morte devorante
Me roubou, terna mãe, teu doce agrado;
Segui Marte depois, e emfim meu fado
Dos irmãos, e do pae me poz distante:

Vagando a curva terra, o mar profundo,
Longe da patria, longe da ventura
Minhas faces com lagrimas innundo:

E em quanto insana multidão procura
Essas chiméras, esses bens do mundo,
Suspiro pela paz da sepultura.

X.

Feito na India.

No ethereo prado a lua apascentava
Das estrellas o nitido rebanho,
Quando o misero Almeno em clima extranho
De negro bosque as sombras penetrava:

«Silencio, em cujo horror, que a vista aggrava,
Qual phantasma noctivago me entranho!
Soffre (dizia) os prantos, com que banho
De um crime a nodoa, que o chorar não lava.

«Soffre os gritos... mas ai! que sem piedade
Por entre folha e folha a luz procura
Furtar-me o triste bem da escuridade!

Onde te hei de escapar, oh sorte dura,
Oh cruel, insoffrivel claridade?
Já sei onde, já sei—na sepultura!»

XI.

Desengano aos viciosos.

Tu, que em torpes desejos atolado
Vergonhosos prostibulos frequentas;
Tu, que os olhos famintos alimentas
No cofre, de thesouros atulhado:

Tu, que do ouro e da purpura adornado
Quasi d'egual a Jupiter ostentas,
Bebendo as phrases vís, e peçonhentas
De bando adulador, que tens ao lado:

Monstros, que deshonraes a humanidade,
Despresando a pobreza atribulada,
E transgredindo a lei da charidade:

O Desengano ouvi, que assim vos brada:
«Tremei, da pavorosa eternidade,
Tremei, filhos do pó, filhos do nada!»

XII.

A existencia de Deus, provada pelas obras da creação.

Os milhões de aureos lustres coruscantes
Que estão d'azul abobada pendendo;
O sol, e a que illumina o throno horrendo
D'essa, que amima os avidos amantes:

As vastissimas ondas arrogantes,
Serras d'espuma contra os céos erguendo,
A lede fonte humilde o chão lambendo,
Lourejando as searas fluctantes:

O vil mosquito, a próvida formiga,
A rama chocalheira, o tronco mudo,
Tudo que ha Deus a confessar me obriga:

E para crer n'um braço, auctor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da fé, mas da razão me ajudo.

XIII.

Deprecatorio, em occasião de tempestade.

Filho, Espirito, e Páe, tres e um somente,
Que extraíste do cahos, do pó, do nada
O sol dourado, a lua prateada,
O racional, e irracional vivente:

Eterno, justo, immenso, omnipotente,
Que occupas essa abobada estrellada,
Gran'Ser, de cuja força illimitada
A machina do mundo está pendente:

Tu, que, se queres, furacão violento,
Sumatra feia, tempestade escura
Desatas, e subjugas n'um momento:

Creador, que remiste a creatura,
Quebra o furor do tumido elemento,
Que nos abre no inferno a sepultura!

XIV.

Affectos de um coração contrito.

Oh rei dos reis, oh arbitro do mundo,
Cuja mão sacro-sancta os maus fulmina,
E a cuja voz terrifica, e divina
Lucifer treme no seu cahos profundo!

Lava-me as nodoas do peccado immundo,
Que as almas cega, as almas contamina:
O rosto para mim piedoso inclina,
Do eterno imperio teu, do céo rotundo:

Estende o braço, a lagrimas propicio,
Solta-me os ferros, em que choro e gemo
Na extremidade já do precipicio:

De mim proprio me livra, oh Deus supremo!
Porque o meu coração propenso ao vicio
É, senhor, o contrario que mais temo.

XV.

Conselhos a um Preceptor austero.

Se te adornas de san philosophia,
E pio coração, porque o desmentes,
Mantendo contra as lindas innocentes
Perante a séria mãe tenaz porfia?

Se um caracter ingenuo desafia
Tua voz a dizer tudo o que sentes,
Considera tambem que tens presentes
A virtude, a belleza, a fidalguia.

Despindo a magistral severidade
Confessa que de uns olhos a brandura
É carta de favor, que persuade:

Sê digno preceptor, mas com doçura:
Mil desculpas merece a tenra edade,
E mil adorações a formosura.

XVI.

Á Paixão de Jesus-Christo.

O FILHO do gran'rei, que a monarchia
Tem lá nos céos, e que de si procede,
Hoje mudo e submisso á furia cede
De um povo, que foi seu, que á morte o guia:

De trevas, de pavor se veste o dia,
Inchado o mar o seu limite excede,
Convulsa a terra por mil bocas pede
Vingança de tão nova tyrannia:

Sacrilego mortal, que espanto ordenas,
Que ignoto horror, que lugubre apparato!...
Tu julgas teu juiz!... Teu Deus condemnas!

Ah! Castigae, Senhor, o mundo ingrato;
Caiam-lhe as maldicções, chovam-lhe as penas,
Tambem eu morra, que tambem vos mato.

XVII.

Sentimentos de conformidade, colhidos na religião.

Se considero o triste abatimento
Em que me faz jazer minha desgraça,
A desesperação me despedaça
No mesmo instante o fragil soffrimento:

Mas subito me diz o pensamento
Para applacar-me a dôr, que me traspassa,
Que este, que trouxe ao mundo a lei da graça,
Teve n'um vil presepe o nascimento:

Vejo na palha o redemptor chorando,
Ao lado a mãe, prostrados os pastores,
A milagrosa estrella os reis guiando:

Vejo-o morrer depois, oh peccadores,
Por nós, e fecho os olhos adorando
Os castigos do céo como favores.

XVIII.

Contraste entre a vida campestre, e a das cidades.

Nos campos o villão sem sustos passa,
Inquieto na corte o nobre móra:
O que é ser infeliz aquelle ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça:

Aquelle canta e ri; não se embaraça
Com essas cousas vans que o mundo adora:
Este (oh cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça:

Aquelle dorme em paz no chão deitado,
Este no eburneo leito precioso
Nutre, exaspera velador cuidado:

Triste, sáe do palacio majestoso;
Se has de ser cortezão, mas desgraçado,
Antes ser camponez, e venturoso!

XIX.

Contra a Inveja.

Tu de quantos dragões o inferno encerra
És o peor, Inveja pestilente!
Morde a virtude, ao merito faz guerra
Teu detestavel, teu maligno dente:

Athenas por teu mando iniquamente
O defensor Themistocles desterra;
O gran' Pacheco, o raio do Oriente,
Por ti cruel. sem funeraes se enterra:

Lividas gotas de infernal peçonha
Cuspiste sobre o nectar, que a ventura
Por mãos de neve me off'receu risonha:

E depois de tragar-me a Parca dura,
Ha de ir ainda a tua voz medonha
Minha cinza affrontar na sepultura.

XX.

Invocando o amparo da Virgem Sanctissima.

Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das virgens, tu, que do assanhado
Tártareo monstro com teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entumecida:

Doce abrigo, sanctissima guarida
De quem te busca em lagrimas banhado,
Corrente com que as nodoas do peccado
Lava uma alma, que geme arrependida:

Virgem, d'estrellas nitidas c'roada,
Do Espirito, do Pae, do Filho eterno
Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:

Valha-me o teu poder, e amor materno;
Guia èste cego, arranca-me da estrada,
Que vai parar ao tenebroso inferno!

XXI.

GLOSANDO O MOTTE:

«Morte, Juizo, Inferno e Paraiso.»

SENHOR, que estás no céo, que vês na terra
Meu fragil coração desfeito em pranto,
Pelas ancias mortaes, o ardor, o encanto
Com que lhe move Amor terrivel guerra:

Já poder immenso em ti se encerra,
Já que aos ingenuos ais attendes tanto,
Soccorre-me, entre os sanctos sacro-sancto,
Criminosas paixões de mim desterra:

Fugir aos laços de um gentil semblante
Não posso eu só: da tua mão preciso,
Com que prostrou David o atroz gigante:

Fira-me a contrição, torne-me o siso,
Acode-me, senhor, põe-me diante
«Morte, Juizo, Inferno e Paraiso.»

XXII.

Contando-se por victima de accusações calumniosas.

Miseranda Innocencia és nome abstrato,
És um titulo vão da humanidade;
Quando se envolve em sombras a verdade,
Quando soffres do crime o duro tracto:

Que importa que eu conserve o peito intacto
Das peçonhentas fezes da maldade;
Que em cumprir tuas leis, oh probidade,
Fosse meu coração fiel e exacto?

Que importa, se a calumnia m'o desmente,
Se o ser do parecer é tão diverso,
E em vão se oppõe o interno ao apparente?

Opinião, rainha do universo,
Ante o teu tribunal omnipotente
Socrates impio foi, e eu sou perverso!

XXIII.

Deplorando a solidão do carcere.

N'ESTE horrivel sepulchro da existencia
O triste coração de dôr se parte;
A mesquinha razão se vê sem arte,
Com que dóme a phrenetica impaciencia:

Aqui pela oppressão, péla violencia
Que em todos os sentidos se reparte,
Transitorio poder quer imitar-te,
Eterna, vingadora omnipotencia!

Aqui onde o que o peito abrange, e sente,
Na mais ampla expressão acha estreiteza,
Negra idéa do abysmo assombra a mente.

Differe acaso da infernal tristeza
Não ver terra, nem céo, nem mar, nem gente,
Ser vivo, e não gosar da natureza?

XXIV.

Ao despertar d'um sonho terrivel.

Sonho cruel o espirito inquieto
Me arrebatou a incognita morada:
Era de bronze a temerosa entrada,
De bronze o pavimento, o muro, o tecto:

Ente disforme, de rugoso aspecto,
D'alto assento me diz com voz pezada:
«Té que do meu furor te abrigue o nada,
Fulminei contra ti este decreto:

«Os foros perderás da humanidade,
Teus flagellos serão teus similhantes,
Hão de extorquir-te a gloria e a liberdade:»

N'isto acordo c'os membros titubantes:
Assim temeste, ouvindo, oh ferrea Edade,
A queda horrenda, que esmagou gigantes.

XXV.

Contenda entre a Desesperação e o Soffrimento.

Minh'alma quer luctar com meu tormento;
Contenda inutil! É por elle o Fado:
Apenas de opprimir-me está cançado
Eterna força lhe refaz o alento:

Mais vale que delire o pensamento
Té agora co'a Razão debalde armado;
É menos triste, menos duro estado
A Desesperação, que o Soffrimento:

A Desesperação soluça e chora,
A Desesperação mil ais desata,
Parte do mal nas queixas se evapora:

O Soffrimento azeda o que recata;
Prende suspiros, lagrimas devora,
Tyrannisa, consome, e ás vezes mata.

XXVI.

Contra os que negam o livre arbitrio nas acções humanas.

Vós, crédulos mortaes, hallucinados
De sonhos, de chimeras, de apparencias,
Colheis por uso erradas consequencias
Dos acontecimentos desastrados:

Se á perdição correis precipitados
Por cegas, por fogosas impaciencias,
Indo a cair; gritais que são violencias
D'inexhoraveis céos, de negros fados:

Se um celeste poder tyranno, e duro,
Ás vezes extorquisse as liberdades,
Que prestava, oh Razão, teu lume puro?

Não forçam corações as divindades;
Fado amigo não ha, nem fado escuro:
Fados são as paixões, são as vontades.

XXVII.

A philosophia prestes a ceder aas golpes da adversidade.

Tenho assás conservado o rosto enxuto
Contra as iras do Fado omnipotente;
Assás comtigo, oh Socrates, na mente
Á dor neguei das queixas o tributo:

Sinto engelhar-se da constancia o fructo,
Cáe no meu coração nova semente;
Já me não vale um animo innocente;
Gritos da Natureza! Eu vos escuto.

Jazer mudo entre as garras da Amargura,
D'alma estoica aspirar á van grandeza,
Quando orgulho não for, será loucura.

No spirito maior sempre ha fraqueza,
E, abafada no horror da desventura,
Cede a Philosophia á Natureza.

XXVIII.

Vendo-se exposto a tribulações immerecidas.

NÃO sou vil delator, vil assassino,
Impio, cruel, sacrilego, blasphemo;
Um Deus adoro, a eternidade temo,
Conheço que ha vontade, e não destino;

Ao saber, e á virtude a fronte inclino;
Se chora e geme o triste, eu chóro, eu gemo;
Chamo á beneficencia um dom supremo;
Julgo a doce amisade um bem divino:

Amo a patria, amo as leis, precisos laços
Que mantêm dos mortaes a convivencia,
E de infames grilhões ouço ameaços!

Vejo-me exposto á rigida violencia,
Mas folgo, e canto, e durmo nos teus braços,
Amiga da Razão, pura Innocencia.

XXIX.

Alludindo á prophecia de Isaias nos cap. VII e XI. etc.

Queimando o véo dos seculos futuros
O vate, accezo em divinaes luzeiros,
Assim cantou (e aos ecchos pregoeiros
Exultaram, Sion, teus sacros muros)

«O justo descerá dos astros puros
Em deleitosos, candidos chuveiros,
As féras dormirão com os cordeiros,
Soarão doce mel carvalhos duros;

A virgem será mãe; vós dareis flores,
Brenhas intonsas, em remotos dias;
Porás fim, torva guerra, a teus horrores.»

Não, não sonhou o altisono Isaias;
Oh reis, ajoelhai, correi, pastores!
Eis a prole do Eterno, eis o Messias!

XXX.

O Remorso.

(ESCRIPTO NA PRISÃO)

AQUELLE, que domina os céos brilhantes,
Artifice da machina estrellada,
Ante cuja grandeza os reis são nada,
Átomo a terra, os seculos instantes:

O Deus, que contra os vicios negrejantes
Pela voz dos trovões ao homem brada,
Da misera virtude atropelada
Vinga os tristes suspiros penetrantes:

Sem que o mortal com lagrimas o peça,
Juiz imparcial, juiz superno
Na causa do innocente se interessa:

Manda-te resurgir do horror eterno,
Devorante remorso! Em ti começa
O supplicio dos maus, dos maus o inferno.

XXXI.

Conformidade com os decretos da Providencia.

A frente, que de louro ergui cingida,
Ufana do louvor, e da innocencia,
Jaz por effeito d'horrida apparencia,
Curvada pelo opprobrio, e denegrida:

De mil gratos objectos guarnecida
Rutilava a meus olhos a existencia;
Hoje, amavel Prazer, na tua ausencia
Parece aos olhos meus um ermo a vida.

De quantas cores se matiza o Fado!
Nem sempre o homem ri, nem sempre chora,
Mal com bem, bem com mal é temperado;

Os estados variam de hora em hora;
Sabio o mortal, que em um, que em outro estado
(Disposto a tudo) a Providencia adora!

XXXII.

Vendo-se encarcerado e solitario.

Aqui, onde arquejando estou curvado
Á lei, pezada lei, que me agrilhôa,
De lugubres idéas se povôa
Meu triste pensamente horrorisado:

Aqui não brama o Noto annuveado,
O Zephyro macio aqui não vôa,
Nem zune insecto aligero, nem sôa
Ave de canto alegre, ou agourado:

Expelliu-me de si a humanidade,
Tu, astro bemfeitor da redondeza,
Não despendes comigo a claridade:

Só me cercam phantasmas da tristeza:
Que silencio! Que horror! Que escuridade!
Parece muda, ou morta a natureza.

XXXIII.

Ao mesmo assumpto.

Tão negro como a turba que vaguêa
Na margem do Cocytho á luz odioso,
O bando de meus males espantoso
No sepulchro dos vivos me rodêa.

Qual me aballa os fuzis da vil cadêa,
Qual me affigura um rotulo afrontoso,
Qual me diz (ai de mim!) que fui ditoso;
Eis d'elles todos o que mals me ancêa.

Tomara reforçar pela amargura
Meu ser, que anda c'os fados tão malquisto,
Tomara costumar-me á desventura:

Esquecer-me do bem gosado, e visto,
Pensar que a natureza é sempre escura,
Que é geral este horror, que o mundo é isto.

XXXIV.

Aos amigos, dando-lhes a saber que ainda vive

Oh vós que lamentaes d'Elmano a sorte,
Crendo na escura terra o corpo frio,
E os manes já sulcando o mudo rio,
Na barca immensa de geral transporte:

Sabei que o doce, inevitavel corte
Lhe foge da existencia ao tenue fio;
E que seria em vós dever mais pio
Chorar-lhe a vida, que chorar-lhe a morte:

Existindo agonisa um desgraçado;
Quem lagrimas nas cinzas lhe derrama
Parece que o queria atormentado;

Vive, mas pela morte Elmano chama,
Com suspiros Elmano implora ao fado
Que seja voz de agouro a voz da fama.

XXXV.

Descreve os seus tormentos no carcere.

Meus dias, que já foram tão luzentes,
Hoje da noute opacá irmãos parecem;
Meus dias miséraveis emmurchecem
Longe do gosto, e longe dos viventes:

Horror das trevas, pezo das correntes
Olhos, forças me abatem, me entorpecem:
E apenas por momentos me apparecem
Rostos sombrios de intractaveis entes:

Pagam-se da rugosa austeridade;
Antolha-se-lhe um crime, um attentado
Soffrer nos corações a humanidade:

Voai, voai do céo para meu lado,
Ah! Vinde, doce Amor, doce Amisade,
Sou tam digno de vós, quam desgraçado.

XXXVI.

Lenitivos do soffrimento contra as perseguições da desventura.

Victima do rigor, e da tristeza,
Em negra estancia, em carcere profundo,
O mundo habito sem saber do mundo,
Como que não pertenço á natureza:

Em quanto pela vasta redondeza
Vai solto o crime infesto, o vicio immundo,
Eu (não perverso) em pranto a face innundo,
Do grilhão supportando a vil dureza:

Mas no bojo voraz da desventura,
Monstro por cujas faces fui tragado,
Em parte um pensamento a dor me cura:

O infeliz (não por culpa, só por fado)
N'aquelles corações em que ha ternura,
É mais interessante, é mais amado.

XXXVII.

Sobre o mesmo assumpto.

PARA as sombras da morte aqui me ensaio
Na habitação da culpa e do desdouro;
Lendo no mal presente o mal vindouro,
Aqui choro, aqui trêmo, aqui desmaio:

Por imagens fataes a idéa expraio,
Negreja n'uma, e n'outra infausto agouro;
Phebo! Oh Phebo! Ai de mim! Teu sacro louro
A fronte não me escuda contra o raio.

Sou victima de asperrima violencia,
Sem ter quem dos meus males se lastime
N'este horrivel sepulchro da existencia:

Mas pêzo dos remorsos não me opprime;
A susurrante, a vil Maledicencia
D'erros dispersos me organisa o crime.

XXXVIII.

No seu dia natalicio.

Do Tempo sobre as azas volve o dia,
O ponto de meu triste nascimento;
Vedado á luz do sol este momento,
Furias, com vossos fachos se allumîa!

Nascido apenas, pavorosa harpia
Ao berço me voou de immundo alento;
Empestando o miserrimo aposento,
Eis me roga esta praga horrenda, impîa:

«Esteja sempre o bem de ti remoto,
Vivas sempre choroso, amargurado,
Damne teus dias o destino immoto.»

Caiu-me a imprecação do monstro alado,
Curto mil males, e entre sombras noto
Outros com que me espera ao longe o fado.

XXXIX.

Protesto pela sua innocencia, aggredida por detractores invejosos.

NESCIA, vil ignorancia, injuriada
Dos vivas, que meu estro me grangêa,
Desce aos infernos, e a calumnia feia
Bramindo extráe da lobrega morada:

Do monstro de cem bocas escoltada
Por aqui, por ali corre, vaguêa,
Em meu nome de lar em lar semêa
Agro dicterio, satyra damnada:

Em cynico furor me finge accezo,
Venenoso, mordaz, impio me chama,
Diz que o jugo de um rei, de um Deus desprezo.

Mas sempre, sobranceiro á baixa trama,
Das patrias justas leis me é doce o pezo,
Amo a religião, e aspiro á fama.

XL.

Alentos d'esperança durante o periodo da molestia final.

Se na que, morna e lugubre, murmura,
Corrente averna, como as sombras densa,
Der queda enorme a sofrega Doença
Que á vida quer sorver-me a fonte impura:

De eleitos vegetaes sagaz mistura
Não foi rigido estorvo á morte intensa;
Só pode aos olhos meus virtude immensa
A do horror ferrolhar morada escura:

Arde, oh estro! fulmina o monstro humano,
Que origem vil ao mundo, a si presume,
E á causa divinal repugna, insano:

Salve, principio d'alma, ethereo lume!...
Se um Deus não fora, que seria Elmano!
Existe o vate, porque existe o nume.

XLI.

Hymno a Deus.

Pela voz do trovão corisco intenso
Clama, que á natureza impera um ente,
Que cinge do aureo dia o véo ridente,
Que veste d'atra noute o manto denso:

Pasmar na immensidade, é crer o immenso,
Tudo em nós o requer, o adora, o sente;
Provam-te olhos, ouvidos, peito e mente?
Numen, eu ouço, eu ólho, eu sinto, en penso!

Tua idéa, oh gran'Ser, oh Ser divino,
Me é vida, se me dão mortal desmaio
Males que soffro, e males que imagino:

Nunca impiedade em mim fez bruto ensaio;
Sempre (até das paixões no desatino)
Tua clemehcia amei, temi teu raio.

XLII.

Confiança na misericordia divina.

Lá quando a tua voz deu ser ao nada,
Fragil creaste, oh Deus, a natureza;
Quizeste que aos encantos da belleza
Amorosa paixão fosse ligada:

Ás vezes em seus gostos desmandada,
Nos excessos desliza-se a fraqueza;
Fingem-te então com impeto, e braveza
Erguendo contra nós a dextra armada:

Oh almas sem acordo, e sem brandura,
Falsos orgãos do Eterno! Ah!... Profanai-o,
Dando-lhe condição tyranna e dura!

Trovejai, que eu não tremo, e não desmaio,
Se um Deus fulmina os erros da ternura,
Uma lagrima só lhe apaga o raio.

XLIII.

O retrato de Deus, desfigurado por ministros embusteiros.

Um Ente, dos mais entes soberano,
Que abrange a terra, os céos, a eternidade;
Que difunde annual fertilidade,
E aplana as altas serras do oceano:

Um numen só terrivel ao tyranno,
Não á triste mortal fragilidade;
Eis o Deus, que consola a humanidade,
Eis o Deus da razão, o Deus d'Elmano:

Um despota de enorme fortaleza,
Prompto sempre o rigor para a ternura,
Raio sempre na mão para a fraqueza:

Um creador funesto á creatura;
Eis o Deus, que horrorisa a natureza,
O Deus do fanatismo, ou da impostura.

XLIV.

Insufficiencia das doctrinas do Estoicismo.

Dura philosophia audaz forceja
Por dar-me essencia nova ao pensamento;
De bronze diz, que forre o soffrimento,
E em brazas, como em flores, manso esteja:

Diz que, oh leis de Zenon, por vós me reja,
Que sae do alto systema alto portento;
«Os orgãos vivem, morre o sentimento,
E mudo, e frio, o coração caleja.»

Mas ai! Mais sabio que Zenon o Eterno
Fonte ás lagrimas deu, deu fonte ao riso;
Co'a lei das sensações meu ser governo:

Se eu folgasse entre o mal que em mim diviso,
Na mente ousara unir o horror do inferno
Aos sóes, de que se esmalta o paraiso.

XLV.

Por occasião de uma poesia, em que seu auctor (N. A. P. Pato-Moniz) propugnava os mesmos dictames.

Ás rigidas lições do ferreo Zeno
Se torce o coração, se enruga o rosto;
Falaz systema, e de aridez composto,
Que ás fecundas paixões secca o terreno!

Por timbre em metro d'ouro o doura Óleno,
E, á doce natureza o nunca opposto
(Rindo entre flores, vicejando em gosto)
Genio desliza d'Epicuro ameno:

Elle (bem que o difame o vulgo rude)
De almos Prazeres pela mão nevada
D'espinhos despe o trilho á san virtude;

Veste de rosas a macia estrada,
A moral formosêa, e não me illude
Querendo que de um Deus ostente um Nada.

XLVI.

Il n'est de malhereux que les coeurs detrompés.
Voltaire, Trag. Merope.

Em vão, para tecer-me nm ledo engano,
Philosopho ostentoso industrias cança:
Diz-me em vão, que exhalando-se a esperança,
Repousa na apathia o peito humano:

O nauta a soçobrar no pégo insano
Vê rir-se ao longe a cérula bonança;
A mente esperançosa enfrêa, amansa
Os roncos, e as bravezas do oceano:

Se nos miseros cáe da mão dos fados
O negro desengano, eil-os anciosos,
E á desesperação, e á furia dados!...

Dourai-nos o porvir, oh céos piedosos!
Justos céos! Dêem sequer jardins sonhados
As flores da ventura aos desditosos!

XLVII.

Aballado por funestos presentimentos, colhidos em alheios successos.

No abysmo tragador da Humanidade
(D'ella, d'ella não só, de quanto existe)
Co'a mesma rapidez, Elmano, ah! viste
Sumir-se a florescente, e a murcha edade!

Olha em muros, que veste a escuridade,
Olha a côr de teu fado, a côr mais triste:
Talvez (agora!... agora!...) elle te aliste
No volume, em que lê a eternidade!

Oh tochas funeraes! Clarão medonho!
Da morte oh mudas, solitarias scenas!
Em vós arripiado os olhos ponho!...

Ah! Porque tremes, louco? Ah! Porque penas?
Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
Em climas d'ouro, em regiões amenas.

XLVIII.

Vendo-se indeciso ácerca do termo da sua enfermidade.

Se o grande, o que nos orbes diamantinos
Tem curvos a seus pés dos reis os fados,
Novamente me der ver animados
Dê modesta ventura os meus destinos:

Se acordarem na lyra os sons divinos,
Que dormem (já da gloria não lembrados)
Ao coro eterno candidos, e alados
Honrar com elle um Deus ireis, meus hymnos:

Mas, da humana carreira inda no meio,
Se a debil flor vital sentir murchada
Por lei que envolta na existencia veiu;

Co'a mente pelos céos toda espraiada,
Direi, d'eternidade ufano e cheio:
«Adeus, oh mundo! Oh natureza! Oh nada!»

XLIX.

Sentimentos de contrição, e arrependimento da vida passada.

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! Cego eu cría, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana:

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia falaz me não dourava!
Mas eis soccumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:

Deus, oh Deus!... Quando a morte á luz me roube
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

L.

Dictado entre as agonias do seu transito fina

JÁ Bocage não sou!... Á cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos céos ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quam van figura
Em prosa e verso fez meu louco intento;
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a lingua quasi fria
Brade em alto pregão á mocidade,
Que atraz do som phantastico corria:

Outro Aretino fui!... A sanctidade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

SONETOS

LIVRO TERCEIRO.

SONETOS HEROICOS, GRATULATORIOS ETC.

I.

Á restauração de Portugal em 1640.

Cesarões, Viriatos, Apimanos,
Vós, que brandindo vingadora espada,
Tentastes sacudir da patria amada
O vil, o ferreo jugo dos romanos:

Surgi, vede-a no sangue de tyrannos
Inda peores outra vez banhada,
E a nossa liberdade edificada
No estrago dos intrusos castelhanos:

Aos senhores do mundo armipotentes
Arrancastes em bellica porfia
Parte do louro, que lhe honrava as frentes;

Porém com milagrosa valentia
Os vossos memoraveis descendentes
Fizeram mais—livraram-se n'um dia!

II.

Offerecido em Macau á Excellentissima Senhora D. Maria de Saldanha Noronha e Menezes, e suas filhas.

MUSA chorosa, que por terra extranha
Tão longe de teu patrio ninho amado
Andas errante, suspirando ao lado
Da Saudade fiel, que te acompanha:

Do chão, onde a lançaste, a lyra apanha,
E seja em brando som por ti cantado
Um peito de virtudes adornado,
A piedosa, a magnanima Saldanha:

Louva os dons d'aquella alma excelsa e pura,
Que as tuas gastará magoas penosas,
Como a aurora desfaz a noute escura:

Depois ás lindas filhas melindrosas,
Rivaes da mãe d'Amor na formosura,
Tece capellas e festões de rosas.

III.

Nos faustos annos do Senhor Antonio José Bernardo da Gama Faria e Barros, em Setubal.

Da fria habitação, da vitrea gruta
Alça o Calipo a fronte salitrosa;
E risonho pentêa a nunca enxuta
Alva melena, rispida, e limosa:

Em torno d'elle a modular se escuta
Chusma de nymphas candida, e formosa;
Dos ventos o tropel bramindo lucta
Lá na eolia masmorra cavernosa:

Dando lascivos osculos nas flores
Gratos effluvios Zephyro derrama,
Desfaz do hynverno os madidos vapôres:

Almo prazer os corações inflamma,
Tudo respira amor, tudo louvores
Ao festivo natal do illustre Gama.

IV.

Em louvor do grande Camões.

Sobre os contrarios o terror e a morte
Dardeje embhora Achilles denodado,
Ou no rapido carro ensanguentado
Leve arrastos sem vida o Teucro forte:

Embhora o bravo Macedonio corte
Co'a fulminante espada o nó fadado,
Que eu de mais nobre estimulo tocado,
Nem lhe amo a gloria, nem lhe invejo a sorte:

Invejo-te, Camões, o nome honroso;
Da mente creadora o sacro lume,
Que exprime as furias de Lyêo raivoso:

Os ais de Ignez, de Venus o queixume,
As pragas do gigante procelloso,
O céo de Amor, o inferno do Ciume.

V.

GLOSANDO O MOTTE:

«Das almas grandes a nobreza é esta.»

Ser prole de varões assignalados,
Que nas azas da fama e da victoria
Ao templo foram da immortal Memoria
Pendurar mil trophéos ensanguentados:

Ler seus nomes nas paginas gravados
D'alta epopéa, d'elegante historia,
Não, não vos serve d'esplendor, de gloria,
Almas suberbas, corações inchados!

Ouvir com dôr o miseravel grito
De innocentes, que um barbaro molesta,
Prezar o sabio, consolar o afflicto;

Prender teus vôos, Ambição funesta,
Ter amor á virtude, odio ao delicto,
«Das almas grandes a nobreza é esta.»

VI.

Ao grande Affonso d'Albuquerque, tomando Malaca em vingança da perfidia do rei do paiz para com os portuguezes.

Em bando espesso, em numero infinito,
Defende a ponte o barbaro malaio;
Eis que entre horrores, emulo do raio,
Albuquerque immortal vôa ao conflicto:

Assim que assoma o claro chefe invicto,
Terror da prole do feroz sabaio,
Gèla os netos de Agar frio desmaio,
Os lusos soltam da victoria o grito:

Victima são do portuguez Mavorte
Inda aquelles, que mal na fuga alcança,
Leva no ferro transmigrada a morte:

Mas já sobre tropheos o heróe descança,
Havendo por seu braço illustre, e forte,
A patria, a natureza, os céos vingança.

VII.

A D. João de Castro, soccorrendo e salvando a fortaleza de Diu.

BLASPHEMA Rumecão, jura vingança
Aos manes infernaes, ao pae maldicto,
E contra Diu em pertinaz conflicto
As industrias esgota, as forças cança:

Munido de magnanima esperança
O portentoso chefe, o luso invicto,
Dos veneraveis muros infinito
E barbaro tropel mil vezes lança:

Feminina caterva as armas mede;
Encurtando ás do Rhodope a memoria
Sobre hostil multidão raios despede:

E quando finalmente a lysia gloria
Vê o extremo fatal, e inda não cede,
Eis Castro, eis a virtude, eis a victoria!

VIII.

Ao Dr. José Thomás Quintanilha, que descrevera na excellente glosa de uma quadra o desastre de Leandro e Hero.

Eurindo, charo ás Musas, e aos Amores,
Das tagides louçans cantor mimoso,
Não damnes o almo verso deleitoso,
Não sôe o lasso Elmano em teus louvores:

Exprime d'Hero as lagrimas, as dôres,
Do audaz d'Abydo o transito afanoso,
E em fofos escarcéos Neptuno iroso
Mugindo, suffocando-lhe os clamores:

Pinta os males d'Amor, de Ignez os fados,
Canta as glorias d'Amor, canta de Alzira
Os olhos, as madeixas, e os agrados:

Em vez de aviventar co'a maga lyra
Musa infeliz, que em ancias, em cuidados,
Em soluços, em ais arqueja, expira.

IX.

GLOSANDO O MOTTE:

«Extráe da Gloria alhêa o seu desdouro.»

Eis da Virtude o templo rutilante;
Sacerdote ancião, de rubra veste,
Compassa pelo cantico celeste
Meneado thuribulo fumante:

Do pio aroma, do vapôr fragrante
O giro salutar consome a peste
Do vicio, que debalde encara, investe
Turba d'heróes ás aras circumstante:

No solio majestoso a deusa abrindo
Aos alumnos fieis almo thesouro,
Dobra o preço a seus dons em dar sorrindo:

E á porta, que voltêa em quicios d'ouro,
A Inveja prenhe d'aspides, bramindo,
«Extráe da gloria alhêa o seu desdouro.»

X.

Na morte do senhor D. José, Principe do Brasil

LOUCA, céga, illudida Humanidade,
Miseravel de ti! Não consideras
Que o barro te gerou, como que esperas
Evadir-te á geral fatalidade!

Pó, que levanta o sopro da vaidade,
Homem caduco e fragil, não ponderas
Que teus bens, teus brazões, tuas chimeras
Nenhum valor terão na eternidade?

Ah! Volta, volta os olhos mais sisudos;
Ali na majestade anniquilada
Te faz o desengano aviso mudo:

Attenta de José na cinza amada;
Que serás, se elle é já, se ha de ser tudo
Pasto da Morte, victima do nada?

XI.

Sobre o mesmo assumpto.

José, sangue d'heróes, principe amado,
Nosso bem, nosso páe, nossa alegria,
Tu pela negra mão da Morte fria,
Da truculenta Morte em flor cortado!

Tu de nós para sempre desterrado!
Nós sem ti para sempre! Horrivel dia!
Misero povo! Infausta monarchia!
Rigida lei do inexhoravel Fado!

Aureas, vans esperanças concebemos...
Eil-as, eil-as em cinzas no jazigo
Com teu rosto adoravel, que perdemos.

Ah! Que é do nosso generoso abrigo?
Que fazemos no mundo, ah! que fazemos,
Que nos não vamos sepultar comtigo?

XII.

A decadencia do imperio portuguez na Asia.

Por terra jaz o emporio do Oriente,
Que do rigido Affonso o ferro, o raio
Ao gran'filho ganhou do gran'sabaio,
Envergonhando o deus armipotente;

Caiu Goa, terror antigamente
Do naire vão, do perfido malaio,
De barbaras nações!...Ah! Que desmaio
Apaga o marcio ardor da lusa gente?

Oh seculos d'heróes! Dias de gloria!
Varões excelsos, que apezar da morte
Viveis na tradição, viveis na historia!

Albuquerque terrivel, Castro forte,
Menezes, e outros mil, vossa memoria
Vinga as injurias, que nos faz a sorte.

XIII.

Ao Guarda-Marinha Prudencio Rebello Palhares morto no combate de Argel.

ROMPE os ares pelouro sibilante
Da Guerra iniqua pelas mãos forjado.
E para te prostrar, Pireno amado,
Vôa com elle a Parca devorante:

Cerras teus olhos, despe o teu semblante
Aquella viva côr de que era ornado,
E sobes, da materia desatado,
Espirito feliz, ao céo brilhante;

Na dura, marcial, honrosa lida,
Entre os braços da Gloria heroico, e forte,
Recebeste a cruel, mortal ferida:

Ah! que inveja me faz a tua sorte!...
É viver como eu vivo infausta vida,
É morrer como tu ditosa morte!

XIV.

À lamentavel catastrophe de D. Ignez de Castro

Da triste, bella Ignez, inda os clamores
Andas, Echo chorosa, repetindo;
Inda aos piedosos céos andas pedindo
Justiça contra os impios matadores;

Ouvem-se ainda na fonte dos Amores
De quando em quando as nayades carpindo;
E o Mondego, no caso reflectindo,
Rompe irado a barreira, alaga as flores:

Inda altos hymnos o universo entôa
A Pedro, que da morta formosura
Comvosco, Amores, ao sepulchro vôa:

Milagre da belleza, e da ternura!
Abre, desce, olha, geme, abraça e c'rôa
A malfadada Ignez na sepultura.

XV.

As predicções de Adamastor realisadas contra os portuguezes.

Adamastor cruel! De teus furores
Quantas vezes me lembro horrorisado!
Oh monstro! Quantas vezes tens tragado
Do soberbo oriente os domadores!

Parece-me que entregue a vis traidores
Estou vendo Sepulveda afamado,
Co'a esposa, e c'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Venus e os Amores:

Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole, e a bella dama,
Ás garras dos leões correr furioso:

Bem te vingaste em nós do affouto Gama!
Pelos nossos desastres és famoso:
Maldicto Adamastor! Maldicta fama!

XVI.

Á morte de sua irman D. Maria Eugenia Barbosa du Bocage, fallecida na flor da edade.

De radiosas virtudes escoltada
Déste immaturo adeus ao mundo triste,
Co'a mente no almo polo, aonde existe
Bem, que sempre se gosa, e nunca enfada:

Á fouce, a segar vidas destinada,
Mansissima cordeira o collo uniste;
O que é do céo ao céo restituiste,
Restituiste ao nada o que é do nada:

E inda gêmo, inda chóro, alma querida,
Teu fado amigó, tua dita immensa,
Que em vez de pranto a jubilo convida!

Ah! Pio acordo minha magoa vença;
É captiveiro para o justo a vida,
A morte para o justo é recompensa.

XVII.

Ao senhor Desembargador Ignacio José de Moraes e Brito.

De ferreo julgador não vem comtigo
Rugosa catadura, acções austeras;
Antes de ser juiz já homem eras,
E achas mais glorioso o nome antigo:

O amargor, a tristeza do castigo
Que impoem ao curvo crime as leis severas,
Co'a benigna clemencia tu tempéras,
Dos réos, que gemem, bemfeitor e amigo:

Se ardua rocha imitando, ou rijo muro,
Reprovar, detrair tua piedade
Tyranno coração, character duro:

D'elle te vingue a doce Humanidade,
Que de aggravos do Tempo estás seguro;
Meus versos te darão a eternidade.

XVIII.

Ao Sr. Manuel de Figueiredo, official maior da Secretaria dos Negocios Estrangeiros e da Guerra.

MUSA, não cantes barbara proeza
De um braço audaz, de um coração tyranno:
Não celêbres o undivago troyano,
Perfido á tyria, misera princeza:

Esses de Marte heróes, cuja grandeza
Os incensos do vulgo attrâe ufano,
São Tantalos crueis de sangue humano,
Escandalo feroz da natureza:

Louva somente um animo benigno,
Que a nuvem de teus males tem desfeito,
Que já teu fado serenou maligno:

Louva de Figueiredo o nobre peito;
Conduze ás plantas de varão tão digno
Amor, verdade, gratidão, respeito.

XIX.

Ao Sr. Desembargador Sebastião José Ferreira Barroco, acompanhando á India o Excellentissimo Francisco da Cunha e Menezes.

GEME Barroco, a fraca humanidade
Nem nos peitos heroicos se desmente;
Mirra-lhe as faces afflicção vehemente,
Furta-lhe o riso a baça enfermidade:

Eis deixa os céos envolto em claridade
Alto nuncio de Jupiter clemente;
Eis vem calar-lhe os ais, corar-lhe a frente
A Saúde, benefica deidade:

«Achates do varão, que em paz, e em guerra
Vai do Gange emular na margem nua
Mil semideuses, cujo sangue encerra!

«Em vão (diz) te accomette a morte crua:
És necessario cá; precisa a terra
Almas sublimes, almas como a tua.»

XX.

Ao consorcio de uns parentes.

FILHAS do Tejo, as aguas transparentes
Cortai da funda, e limpida morada,
Trazendo cada qual na mão nevada
Roxos coraes, aljofares luzentes:

Vinde, vinde trinar mil sons cadentes
N'esta arêa subtil, d'ouro bordada;
União tão feliz, tão suspirada,
Cantai gostosas, celebrai contentes:

Marcia, vossa rival na gentileza,
Hoje com puro voto suspirado,
Paga d'Almeno as ancias, e a firmeza:

A virtude os ajunta, o sangue, o fado;
E os laços, que lhe urdira a Natureza,
Tu lhe reforças, Hymenêo sagrado.

XXI.

Louvando alguns poetas lyricos seus contemporaneos.

Encantador Garção, tu me arrebatas
Audaz vibrando o plectro venuzino;
Suave Albano, delicado Alcino,
Musas do terno Amor, vós me sois gratas:

Adoro altos prodigios, que relatas
Cantor da Gloria, majestoso Elpino,
Tu, que agitado de impeto divino
Accêzos turbilhões na voz desatas:

Oh cysnes immortaes do Tejo ameno!
A carrancuda Inveja em mim não crîa
Viboras prenhes de infernal veneno:

O clarão, que esparsîs, me accende e guia:
Culto, incenso vos dou, quando condemno
Delirios que Belmiro ao prelo envîa.

XXII.

Ao réo, que foi conduzido ao patibulo no dia 11 de Julho de 1797.

Ao crebro som do lugubre instrumento
Com tardo pé caminha o delinquente;
Um Deus consolador, um Deus clemente
Lhe inspira, lhe vigora o soffrimento:

Duro nó pelas mãos do algoz cruento
Estreitar-se no collo o réo já sente;
Multiplicada a morte ancêa a mente,
Bate horror sobre horror no pensamento;

Olhos e ais dirigindo á Divindade,
Sobe, envolto nas sombras da tristeza,
Ao termo expiador da iniquidade:

Das leis se cumpre a salutar dureza;
Sáe a alma d'entre o véo da humanidade;
Folga a Justiça, e geme a Natureza.

XXIII.

Ao mesmo assumpto.

SOBRE o degrau terrivel assomava
O réo cingido de funereo manto;
Avezada ao terror, aos ais, ao pranto
Da intrepidez a Morte se assombrava:

No firme coração não palpitava
O percursor da Parca, o mudo espanto;
E, ufana de subir no esforço a tanto,
Um ai a Humanidade apenas dava:

Mortal, que foste heróe no extremo dia,
De idêas carrancudas e oppressoras
Não soffreste o pavor na phantasia:

Co'as vozes divinaes, consoladoras,
Só a religião te embrandecia:
Foras de ferro, se christão não foras!

XXIV.

Ao Senhor Doctor Agostinho Gomes da Silveira, Advogado em Obidos.

Mil poetas emphaticos e ufanos,
Pintando em verso natalicio dia,
Fazem voar nas azas da harmonia
Aurea chuva de hyperboles, e enganos:

Dizem, que sobrepondo-se aos húmanos
O objecto, que o furor lhes desafia,
Ha de ver entre os risos da alegria
Sua gloria sem fim, sem fim seus annos:

Desça a mentira ao ultimo tercéto
Nos outros;—qne eu desejo-te saude,
Mas seres immortal não te prometto!

Só rogo a Deus, que em premio da virtude
Cada verso que vai n'este soneto
A teu favor n'um seculo se mude.

XXV.

Invocando a seu favor o valimento de uma alta personagem.

(Escripto na Prisão)

Qual o italico heróe, o audaz Tancredo,
Pondo o apostata infame em vil fugida,
Caiu no laço da falaz Armida,
Na confusa prisão de mago enredo:

Tal eu, depois que enchi de opprobrio e medo
Os zoilos, a caterva embravecida,
Fui abysmado por calumnia infida
Nas ermas sombras de horrido segredo:

Nem só n'isto ao heróe sou similhante;
Nize, e o voado Tempo na memoria
São a minha Clorinda, o meu Argante:

Ah! Tu, que inda has de honrar a lusa historia,
O meu Reinaldo sê, varão prestante;
Torna-me a liberdade, o mundo, a gloria!

XXVI.

Ao Senhor André da Ponte Quental e Camara, quando preso com o auctor.

O PEZADO rigor de dia em dia
Se apure contra nós, oppresso amigo;
Tolere, arraste vis grilhões comtigo
Quem comtigo altos bens gosar devia:

Da nossa amarga sorte escura, impia,
Colha triumphos tacito inimigo;
Sombra como a do lugubre jazigo
Nos cubra de mortal melancolia:

Custam fadigas a virtude, a gloria,
Por entre abrolhos se caminha ao monte,
Ao templo da honorifica Memoria:

Posto que hoje a calumnia nos affronte,
Inda serão talvez na longa historia
Dous nomes immortaes — Bocage, e Ponte! —

XXVII.

Ao Senhor Antonio José Alvares, em agradecimento de beneficios recebidos.

N'ESTE horrendo logar, onde comigo
Geme a consternação desanimada,
E parece que volta o ser ao nada,
Equivocados carcere, e jazigo:

Aqui, onde o phantasma do castigo
Assusta a liberdade agrilhoada,
Tornam minha oppressão menos pezada
Mãos providentes de piedoso amigo:

No tempo infando, na corrupta edade
Em que apoz o egoismo as almas correm,
E em que se crê phenomeno a amisade;

Ouro, fervor, desvelos me soccorrem
De um genio raro... Oh doce humanidade,
Tuas virtudes, tuas leis não morrem!

XXVIII.

Ao Senhor José Barreto Gomes, Director do Correio Geral e Postas do Reino.

Embhora torpes gralhas esvoacem
Em torno á gloria minha em bando impuro;
D'eterna sombra e tacito futuro
Meu nome, os versos meus embhora ameacem:

Contra os annos, que morrem, que renascem,
Deu-me Phebo em seu dom penhor seguro,
Com que do esquecimento o pégo escuro
Meus versos, e meu nome affoutos passem:

Pleno thesouro de mortal riqueza,
Barreto bemfeitor, Barreto amigo,
Não temas ser do nada infausta preza:

Alem dos tempos viverás comigo;
Sou vate, e sobranceiro á natureza
Nos arcanos do céo leio o que digo.

XXIX.

Ao Senhor Joaquim Manuel de Moura Leitão, Escrivão do Crime da Côrte e Casa.

Os principios moraes, por que governo
Meu docil coração, meu livre estado,
Prendem-me a ti com vinculo sagrado
D'amor, que passa o grau do amor fraterne:

És doce, és puro, és generoso, és terno,
Brilhas, campêas de virtude ornado
N'um mundo de paixões contaminado,
Tão máo, tão feio que parece inferno:

De teus, de meus costumes a pureza
Sem poder profanar com vil maldade
Escume do invejoso a lingua presa:

Sãos existimos na corrupta edade;
Elle nem segue a voz da natureza,
Nós cumprimos as leis da humanidade.

XXX.

Á Senhora D. Theresa de Jesus Pereira e Azevedo, na morte de sua irman.

Dos negros mausoléos a deusa escura,
Que o véo desdobra do funereo dia,
Já Marilia sumiu na estancia fria,
Deu mais um triste exemplo á formosura:

Soltou-se alma gentil, vida immatura,
De corpo, que em mil graças florescia;
Saudade perennal geme, e avalia
Thesouro, de que é cofre a sepultura:

Chóra, doce Tirséa, encanto amado!
Feliz essa corrente maviosa,
Se lagrimas podessem mais que o fado!

Se aos chôros te surgisse a irman formosa,
Qual em ermo jardim desamparado
Aos prantos da manhan revive a rosa!

XXXI.

Ao Senhor Antonio Bersane Leite, na morte de sua esposa.

Tributo em ais no coração gerados
Não dês á chara cinza, afflicto esposo;
Roçam da vida o circulo afanoso
Caminhos florescentes, e estrellados:

Espiritos gentis, por Jove amados,
Volvendo a seu principio luminoso,
Olham sol não crestante, e mais formoso,
Vagueam sem temor por entre os fados.

Com alta phantasia, o rosto enxuto,
Vê nos elysios a immortal consorte,
Vê da virtude a flor tornar-se em fructo:

Doce, augusta Verdade Amor conforte;
Em vós, oh impios, a existencia é lucto,
É nos eleitos um sorriso a morte.

XXXII.

A morte de Antonio Tertuliano da Silva e Sousa

Morreste, charo Aonio, puro amigo,
Genio tão doce na ferrenha edade,
Em que sermos porção da Humanidade
Talvez mais que esplendor nos é castigo:

Triste, amavel despojo, em teu jazigo
Pousou meu coração, minha saudade,
E escuro como a tua escuridade
Sempre meu pensamento está comtigo:

Á fatal solidão levou-te a sorte,
E eu, retido por ella entre os viventes,
Como que já soffri o extremo córte:

Teu ext'rior e o meu não são diff'rentes:
Meus olhos, labios, faces, tudo é morte:
Mas ah! que eu sinto, Aonio, e tu não sentes!

XXXIII.

Aos annos da Senhora D. Anna Euphrasia Lobo Pinheiro Amado.

BRANDAMENTE extraîu co'a mão sagrada
Do Tempo, que não morre, hora divina
E em nuvem de aurea côr baixou Lucina,
Da estancia, que é por Jove abrilhantada:

«Offrece (disse a deusa) hora dourada,
Offrece ao globo divinal menina,
A quem destina o fado, o céo destina
Gloria sem par no merito apurada.»

Nasceste, Analia, riu-se a natureza;
Crecestes, Analia, riram-se os Amores;
Eis alongado o imperio da belleza:

C'roam-se os annos teus d'elysias flores,
E de honral-os tentando a summa empreza,
Honram-se as lyras d'immortaes cantores.

XXXIV.

Ao Senhor Doctor Francisco José de Almeida.

Da gloria, que não morde, á roda zune
De insectos nuvem torpe, escuro enxame;
Peçonha embhora dos farpões derrame,
Embhora, charo Almeida, te importune:

Philosophal pavez, que o sabio mune,
Rechaça os golpes da calumnia infame;
Quem possue altos dons, com que se afame,
Canina, rouca voz desmente, e pune:

Interprete subtil da Natureza,
Entra seus penetraes, vê seus arcanos,
De apollineo fulgor tua alma acceza:

Os zoilos que te ladram, vîs, e insanos,
Sorve-os o lodo, sorve-os a baixeza;
Tu brilhas necessario entre os humanos.

XXXV.

Ao Senhor Gregorio Freire Carneiro.

COM ampla mão, benefica largueza,
Mil vezes me has dourado a vida escura;
Aos fados meus, de horrivel catadura,
Mil vezes tens despido a atroz dureza:

Blasone embhora a tumida nobreza
Dos timbres, que lhe engole a sepultura;
Esse esplendor dos grandes é ventura;
Teu esplendor, oh Freire, é natureza:

Ante a luz, que do céo mil raios lança,
Dignidade sem merito é desdouro,
Merito estreme a eternidade alcança:

Teu genio bemfeitor supre um thesouro;
E eu, que obtive das Musas farta herança,
Pago-te em verso o que te devo em ouro.

XXXVI.

Por occasião de um notavel incendio, que na calçada de S. André queimou um predio de casas, proximo ás do conselheiro José d'Andrade Carvalho.

LAMBENDO a região dos ares puros
Lingua voraz de labareda ardente,
Na baixa terra com furor vehemente
D'alto edificio precipita os muros:

Espesso fumo em turbilhões escuros
O rosto mancha a Phebo refulgente;
Zune das prenhes bombas a corrente,
Que agitam da mestrança os braços duros:

Mas quando universal gemido sôa,
E parece que quer a sorte injusta
A moles cinzas reduzir Lisboa:

Rapida chamma, que os mortaes assusta,
Nobre Carvalho, a teu solar perdôa,
Por ser o asylo da virtude augusta.

XXXVII.

**Por occasião do atroz parricidio,
que horrorisa Lisboa:
«Um filho, que matou seu pãe!»**

LANÇADO pela dextra omnipotente
O sol na cristalina immensidade,
Reflectindo o clarão da divindade,
A terra, como o céo, viu innocente:

Delicias era o mundo... Eis de repente
Crespa de serpes, horrida Maldade
Rebenta da profunda Eternidade,
E a Natureza em si o inferno sente:

Lavrando os crimes, tornam-se costumes;
De horror, Argos e Roma, exemplo déstes,
Que ennegrece, oh Memoria, os teus volumes!

Tu mesma eterno dó, tu Lysia, vestes;
Que em teu seio (crédor de em si ter numes)
Se uniu a alma de Nero á mão de Orestes.

XXXVIII.

Ao mesmo assumpto.

Em deserta masmorra, ao sol odiosa,
O monstro jaz, que a natureza infama;
N'alma estygios vapores lhe derrama
A implacavel Thesyphone horrorosa:

Do páe sem vida a imagem sanguinosa
Lhe geme em torno ao leito, o abala, o chama;
Do impio na mente a consciencia brama,
Tem sobre o coração mão espinhosa;

Ah! despejando ao crime a vil caverna,
Talvez, talvez não saia em debil passo
A saciar-te as leis, Justiça eterna!

Mas nem assim do algoz evita o braço;
Remorso aterrador, visão paterna,
Vós sereis seu cutélo, ou vós seu laço!

XXXIX.

Ao mesmo assumpto.

Havendo sobre a terra derramado
Dos estygios dragões fel, e veneno,
Numen feroz de carrancudo acêno
Isto em bronze imprimiu, co'a morte ao lado:

«Novo, cruento, horrifico attentado
O torpe enlute universal terreno;
Sê Furia, oh Morte! — o parricidio ordeno.»
(Ao pôr *ordeno* a mão tremeu ao Fado!)

Jove escuta o decreto, e diz ao nume:
«Impio filho espargir sangue paterno!
Ah! Poupa á natureza esse queixume!» —

«Não (lhe torna o tyranno Fado eterno)
Quero excitar no abysmo atroz ciume;
Tenha horror que invejar ao mundo o inferno!»

XL.

Á morte gloriosa do insigne Almirante Horacio Nelson.

PRECÀVENDO os vaivens da instavel sorte,
E do britanno heróe zelando a gloria,
Sem mancha, sem desar, dal-o á memoria
Pelas ondas fataes jurou Mavorte:

Nelson! Raio do sul! Raio do norte!
Créstas na lide ao gallo a ovante historia;
Do horror a par de ti surge a victoria,
E louros immortaes te cinge a morte:

Não com dôr, não com ais o thracio nume
No thoro funeral te vê lançado,
Em teus olhos extincto o marcio lume;

«Vae (diz) folgar no Olympo, alumno amado;
O triumpho atè qui foi teu costume,
Do que era teu costume eu fiz teu fado.»

XLI.

Ao mesmo assumpto.

De peito impenetravel sempre ao susto,
Ledo entre as armas, a folgar no p'rigo,
Oh França, teu magnanimo inimigo
Por timbre teu não triumphou sem custo!

Ardendo em gloria o coração robusto,
Onde teve o trophéo teve o jazigo;
Nelson venceu, venceu por uso antigo,
Mas da victoria foi desconto injusto:

Bem que nadante a Gallia em rubro lago
(Domando a morte quem seus brios doma)
Crê reparar com isto immenso estrago:

Ah! D'onde um Nelson cáe, logo outro assoma;
Assim de heróes privando-te Carthago,
Heróes ferviam no teu seio, oh Roma!

XLII.

Ao mesmo assumpto.

Sobre as ondas do tumido oceano
Impavido guerreiro, nauta ousado,
De valor e fortuna sempre armado
Venturoso se ostenta o heróe britanno:

Sem da morte temer a furia, o damno,
Entre as aguas do Nilo celebrado,
Depois d'o estreito Sunda ter passado,
Foi terror do francez, do castelhano:

Quilhas vinte rendendo ousado e forte,
Seus dias acabou, mas combatendo,
No fogo marcio, que preside á morte:

Louros ganhando, a patria defendendo,
Cedeu da parca horrenda ao fero corte,
Triumphando viveu, morreu vencendo.

XLIII.

Nelson entrando na Eternidade.

Co'um diadema de luz no Elysio entrava
Envolto Nelson em sanguineo manto;
Lavrou nos manes desusado espanto,
E a turba dos heróes o rodeava:

Grita Alexandre (e n'elle os olhos crava)
«Quem és, que entre immortaes fulguras tanto?»—
«Sou (lhe diz) quem remiu de vil quebranto
Europa curva, oppressa, e quasi escrava:

Deixei de sangue o pégo rubicundo,
Trophéos em meu sepulchro a patria arvora,
Raio ardi sobre o gallo furibundo.»

N'isto de novo o Macedonio chora,
E o que immensa extensão venceu do mundo,
Quem venceu um só povo inveja agora.

XLIV.

Na supposição de que Nelson foi morto por um prisioneiro francez.

O instrumento brutal da acção mais crua,
Qne em sangue o louro a Nelson purpurêa,
«C'roa-me, oh Gloria! oh Gloria» (audaz vozêa
Desfeito a golpes mil, já sombra nua):

Primeiro a deusa atonita recua,
Assim depois o espectro sentencêa:
«Em caracter sanguineo o mundo lêa
«Da infamia nos annaes a historia tua:

«Em ti um monstro mais o averno alcança,
«D'heróes oh fero algoz!»—Diz co'um gemido,
E o lemure cruento ás Furias lança:

Cáe nos infernos com feroz bramido;
Eis sobre elle sacode Alecto a trança,
E de aspides sem conto eil-o mordido.

XLV.

Às duas Potencias belligerantes.

Mãe de chefes heróes, de heróes soldados,
A Gallia herdou de Roma o genio, a sorte;
Seus filhos no igneo jogo de Mavorte
Viram marcios leões tremer curvados:

Mas alta lei dos penetraes sagrados
Baixou, qee o fatal impeto reporte;
Fervendo em raios no oceano a morte
Te obedece, oh Britannia, ao mando, aos fados:

No continente o gallo é deus da guerra;
O anglo audaz sobre o pelago iracundo
Da victoria os pendões, troando, afferra:

Ah! Nutram sempre assim rancôr profundo!
Um triumpha no mar, outro na terra;
Se as mãos se derem, que será do mundo!

XLVI.

Á Cochonilha

(TRADUZIDO DE OUTRO FRANCEZ.)

FIGUEIRA que o não é, planta não planta,
Folha sem arvore, arvore sem rama,
Me produz, qual assombro, em novo mundo,
Que o suberbo hispanhol frequenta avaro :

Da figueira não sou nem flor, nem fructo,
Lenho, ou succo: e meus grãos, inda que bellos,
São de purpureos vermes só a estancia,
Que na folha mordaz estão ferrados.

Do sangue, que lhes cevam, sáe côr bella,
Minha fama e meu bem da morte d'elles,
Com que a prezada purpura me eguala:

Vale o pardilho meu sua viveza;
E se o meu inventor não se une aos deuses,
Ao menos a India minha immortaliso.

XLVII.

Ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. José Maria d'Araujo, por occasião da sua eleição para Bispo de Pernambuco.

Precisa o globo, exige a natureza
Mais heróes da Razão, que heróes da Gloria,
D'aquella, digo, que em feroz victoria
Enluta, despovôa a redondeza:

Precisa da tua alma, absorta, acceza
Nos dons crédores de immortal memoria;
Dons, que trocam a vida transitoria
Na que anda á eternidade unida, e presa:

Reflexo da radiosa divindade,
Com cujo auxilio em estro a mente innundo,
Da virtude és trophéo na ferrea edade!

Grande em character, em saber profundo,
Até que vâs luzir na eternidade
Levarás nova luz ao novo-mundo.

XLVIII.

Á intrepidez do Capitão Lunardi. fazendo em 24 de Agosto de 1794, em Lisboa, a sua ascensão aerostatica.

Tous frissonent pour lui, lui seul est intrépide.
L'Abbé Monti, *Ope a la Navig. Aerienne.*

Oh lyra festival, por mim votada
Ás aras do Prazer, e da Ternura,
Nega-te um dia ás graças, á brandura
De Marilia gentil, da minha amada!

A suave harmonia effeminada
Grata ao mimoso Amor, e á Formosura,
Os molles sons, de que a Razão murmura,
Converte em sons de que a Razão se agrada:

Ainda que te atrôe o negro bando
De torpes gralhas, e a feroz cohorte
D'inexhoraveis zoilos, escumando:

Resôa, applaude, exalta o sabio, o forte,
Que alem das altas nuvens assomando
Colheu no Olympo o antidoto da morte!

XLIX.

Ao Senhor João Pedro Maneschi, por occasião do incendio em que perdeu todos os seus bens.

Nos puros lares teus assoma irado
Vulcano em ondas de indomavel chamma:
Impetuoso cresce, horrivel brama,
Parece accezo pela mão do fado!

Em ferventes voragens desmandado
Tudo afêa, ennegrece, abraza, inflamma;
E em cinza inutil subito derrama
Teus merecidos bens, Maneschi honrado:

Mas tu, d'essa fatal, visivel peste,
D'essa do inferno imagem devorante,
O damno, estrago, horror baldar podeste

Rico de um'alma singular, constante,
Tens, tens tudo: —Amisade, que te preste,
Dó, que te chore, e Musa, que te cante.

L.

Ao Senhor Francisco José da Paz, na morte de sua esposa.

Deploro, charo amigo, o que deploras
Com porfiosa dôr, com dôr interna;
Perdeste a doce esposa, a socia terna,
Que presente adoraste, e longe adoras:

Mas pensa, quando gémes, quando choras,
Que por alto poder, que nos governa,
Ella habita do bem na estancia eterna,
E na estancia do mal tu inda moras:

Revê no coração, na phantasia
A indole gentil, suave e pura,
Com que menos que o céo não merecia:

Olha cultos gozando a cinza escura:
Do corpo, em que brilhava uma alma pia,
É quasi, é quasi altar a sepultura!

LI.

Ao Excellentissimo José de Seabra da Silva, no dia natalicio de sua esposa.

Oh mihi tam longae maneat pars ultima vitae.
Spiritus, et quantum sat erit tua dicere facta!
VIRG. ECLOG. IV.

EGREGIO bemfeitor de um desgraçado,
Remido em fim por ti, por ti ditoso;
Oh tu, d'esposa excelsa excelso esposo,
Dos mortaes esplendor, dos céos cuidado!

Na lyra, em que chorei meu duro fado,
Mudando em som festivo o som piedoso,
Dispuz cantar um dia almo, e lustroso,
Ás graças, e ás virtudes consagrado:

Versos, que a Musa genial te off'rece,
Acolhe, anima com risonho aspecto,
Com teus altos influxos ennobrece:

A voz de um grato, de um submisso affecto,
Minha pura oblação de ti carece,
Para ousar sublimar-se ao grande objecto.

LII.

Contra o Despotismo.

SANHUDO, inexhoravel Despotismo,
Monstro que em pranto, em sangue a furia cevas,
Que em mil quadros horrificos te enlevas,
Obra da Iniquidade, e do Atheismo :

Assanhas o damnado Fanatismo
Porque te escore o throno onde te enlevas;
Porque o sol da Verdade envolva em trevas,
E sepulte a Razão n'um denso abysmo:

Da sagrada Virtude o collo pizas,
E aos satelites vis da prepotencia
De crimes infernaes o plano gizas:

Mas, apezar da barbara insolencia,
Reinas só no ext'rior, não tyrannisas
Do livre coração a independencia.

LIII.

Aspirações do Liberalismo, excitadas pela Revolução Franceza, e consolidação da Republica em 1797,

---

LIBERDADE, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!) porque não raia
Já na esphera de Lysia a tua aurora?

Da sancta redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia:
Oh! Venha... Oh! Venha, e trêmulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
Occulto o patrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo:

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,
Mãe do genio e prazer, oh Liberdade!

LIV.

Reproducção do antecedente, estando o auctor preso.

LIBERDADE querida, e suspirada,
Que o Despotismo acerrimo condemna;
Liberdade, a meus olhos mais serena
Que o sereno clarão da madrugada!

Attende á minha voz, que geme e brada
Por ver-te, por gosar-te a face amena;
Liberdade gentil, desterra a pena
Em que esta alma infeliz jaz sepultada:

Vem, oh deusa immortal, vem, maravilha,
Vem, oh consolação da humanidade,
Cujo semblante mais que os astros brilha:

Vem, solta-me o grilhão d'adversidade;
Dos céos descende, pois dos céos és filha,
Mãe dos prazeres, doce Liberdade!

LV.

Por occasião dos favoraveis successos obtidos na Italia pelas Tropas Francezas, sob o commando de Bonaparte, em 1797.

A prole de Antenor degenerada,
O debil resto dos heróes troyanos,
Em jugo vil de asperrimos tyrannos
Tinha a curva cerviz já calejada:

Era triste synonimo do nada
A morta liberdade envolta em damnos;
Mas eis que irracionaes vão sendo humanos,
Graças, oh Corso excelso, á tua espada!

Tu, purpureo reitor; vós, membros graves,
Tremei na curia da sagaz Veneza;
Trocam-se as agras leis em leis suaves:

Restaura-se a razão, cáe a grandeza,
E o feroz despotismo entrega as chaves
Ao novo redemptor da natureza.

LVI.

Ao Senhor Marcos Aurelio Rodrigues, dedicando-lhe a «Collecção dos Novos Improvisos de Bocage.»

Carminibus vives tempus in omne meis.
OVID.

PIEDOSO Aurelio meu, character puro,
Charo ás virtudes, na moral perfeito,
Que do vate arreigado em triste leito
Douras co'um sol benigno o tempo escuro:

Por ti de novo á patria dar procuro
Versos, que a dôr, e a gratidão têm feito,
E versos d'alto dom, d'alto conceito;
No quadro sombra e luz assim misturo:

Teu ouro e (seu mór preço) o teu desvelo
Brilhe a favor d'Elmano, a bem do amigo,
E alongue á Musa os sons na voz do prelo:

Que eu, da Memoria já crédor antigo,
Juro pagar (e a seu thesouro appello)
A divida, em que ha tanto estou comtigo.

LVII.

Ao Senhor José Pedro da Silva, em agradecimento.

Josino amavel, que zeloso engrossas
Bens, que mesquinho Apollo aos seus permitte,
Que os, não longe talvez d'ermo limite,
Agros meus dias, compassivo, adoças:

Do honroso plectro meu com jus te apossas;
Folga; os fados me dão que a sombra evite,
Em que altas famas some o negro Dite,
E a que ás torres fatal é, como ás choças:

Phebêa prepotencia os tempos doma.
Com teu nome por mim, que cinjo o louro,
Alvo padrão na eternidade assoma;

D'est'arte, abrindo o genio o seu thesouro,
Outr'hora na alta Grecia, e na alta Roma
Pagava em metro o que devia em ouro.

LVIII.

Ao Senhor Francisco de Paula Cardoso de Almeida, Morgado d'Assentis, por occasião dos versos que lhe enviou.

Mimo das graças te florece o canto,
De ternas sensações inda orvalhoso;
D'alma, que em nectar inundei saudoso,
Foge a dôr, foge o mal, foge o quebranto:

São melodia os ais, delicia o pranto,
Que excita o verso teu, gentil, mimoso;
Por elle jura Amor ser mais piedoso,
E sente a Natureza um novo encanto:

Estro do coração! Teus sons, teus lumes,
Dos montes de perenne amenidade
Tentem no longo adejo os floreos cumes:

Versos, não vos merece a ferrea edade;
Gosai no Olympo, oh musica dos numes,
Vosso ouvinte immortal, a Eternidade!

LIX.

A Patria.

D'Elmano a Musa, que entre imagens véla,
Em quanto, oh natureza, estás calada,
Carpia do aureo Pluto abandonada,
E Pluto era de bronze aos prantos d'ella:

D'Elmano a Musa, que a memoria anhela,
Conforme o plectro em dôr co'a voz magoada;
E dos piedosos sons tu apiedada,
Gemes, oh Lysia, oh mãe suave, e bella:

Qual arde avara sede ante um thesouro
Patrio amor ante o metro me flammeja,
E o que em verso me extráe, me volve em ouro:

D'alma em torno a sorrir-se a Gloria adeja;
E (mercê d'alta Lysia) immune o louro
Entre as sombras lethaes inda verdeja.

LX.

Ao Senhor José Rodrigues Pimentel e Maia, em retribuição de outro que lhe enviou.

Tu, que tão cedo aventurando as pennas,
Ave gentil d'Amor, transpões o cume
Dos montes do universo, e nos de um nume
És doce ao choro das irmans Camênas:

Tu, que dos cysnes as canções amenas
Desatas em dulcisono queixume,
Sem que o lethal, irresistivel gume,
Talhe o fio subtil aos sons que ordenas:

Do vate, oppresso de intimo quebranto,
Colhe, amenisa o tom, que em vão forceja
Por ser, qual era, deleitavel canto:

Já debil, tibio já, meu estro adeja;
E entenebrece a mente, e põe-lhe espanto
A morte, que no peito me rouqueja.

LXI.

Ao Senhor João Sabino dos Santos Ramos, em retribuição de outro.

Do Fado vencedor, que o prostra fero,
Não, não fôra trophéo d'Elmano a lyra,
Se infeliz entre os dons, que o globo admira,
Homero fosse em vida, em morte Homero:

Mas se ás vezes furtar-me ao nada espero.
E a mente a novo ser na gloria aspira,
Outras sonha o terror me não confira
(Ai!) moral existencia o sabio austero:

Da fama o phrenesi me torna insano;
Porem do coração cáe moribundo
Em breve o cego amor de um nome ufano.

Oh d'almos bens manancial fecundo!
Ternura! Este almo bem te deva Elmano:
Se o mundo o não cantar, que o chore o mundo.

XLII.

Ao Senhor Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Co'a mente juvenil, sublime, alada,
Sáes da terrea mansão, mansão profana;
Introduzes, Moniz, a idéa ufana
Lá na de sóes sem conto estancia ornada:

Já, de Lysia cantando a historia honrada,
Sôas qual grega musa, ou qual romana;
Já medrando nos céos a força humana,
Teu metro creador faz ente o nada:

Nove deusas louçans, tres deusas nuas
Te abrem thesouros; cada qual te admira
No verso graças mil, que foram suas:

Assaz luziu teu estro; a mais aspira,
E extranho não será que substituas
A tuba de Marão de Flacco á lyra.

LXIII.

Aos Amigos:

(EM AGRADECIMENTO.)

TERNO Paz, bom Maneschi, Aurelio charo,
Alvares extremoso, Almeida humano,
Ferrão prestante, valedor Montano,
Moniz, que extráes teu nome ao tempo avaro!

Freire, Vianna, Blancheville, oh raro
Moral thesouro, que possue Elmano;
Socio de Flora, e tu, de som thebano
Oh cysne; e tu, Cardoso, em letras claro!

Monumento honrador da humanidade,
(Se o fado me sumir da morte no ermo).
Grata vos deixa cordeal saudade;

Ireis nos versos meus do globo ao termo,
Por serdes com benefica piedade
Nuncios, nuncios de um Deus ao vate enfermo!

LXIV.

Ao nascimento da Senhora Infanta D. Maria d'Assumpção em 25 de Julho de 1805.

(IMPROVISADO)

Quando abriste os gentis, serenos lumes,
Oh de sagrado amor penhor sagrado,
Taes futuros te deu risonho o Fado
(Eu o sei, confidente eu sou dos numes):

«De encantadores, divinaes costumes
Serás norma querida, exemplo amado;
E gosará teu ser, divinisado,
Aras, ministros, canticos, perfumes:

«Co'a dextra, que milhões de mundos move
Ser-te-hei guia, e na terra hei de esquivar-te
De tudo o que nos astros não se approve.

«Luz e gloria comtigo o céo reparte,
Regio fructo d'heróes, e nunca Jove
Tanto o que era sentiu, como em crear-te.»

LXV.

Ao Senhor Antonio Xavier Ferreira d'Azevedo.

Se Elmano, a quem no plectro, ente sagrado,
Esmaltas o porvir, e a dôr tempéras,
Transcender inda ousasse em metro alado,
Rodantes turbilhões de azues espheras:

Se entrando o bronzeo alvergue, onde abre o Fado
Gran'codigo immortal de leis severas,
Attentar, como tu, lhe fosse dado
Em promiscuo tropel fervendo as éras:

O teu, do ethereo ser não mui distante,
De olympia abrilhantado amenidade,
Vira sorrir-se em flor sazão fragrante:

E lá comtigo, pela extrema edade,
Firmado em muitos mil, degrau brilhante,
Ir desapparecer na eternidade.

LXVI.

A um desconhecido.

Na idéa e coração te brilha o nume
De que esta immensa machina depende;
Celsa virtude a teu character prende,
A torna instincto em ti, e em costume:

Effluvio de radioso e eterno lume,
Flamma d'alta moral teu peito accende;
E ás leis, e ás aras homenágem rende
Tua alma, que dos céos adeja ao cume:

Quem és ignoro, e te darei meus hymnos,
Piedosa imagem de invisiveis seres,
Que semelhas até nos sons divinos.

Desdouras da jactancia os vãos prazeres;
E crês (dourando em parte os meus destinos)
Que os beneficios teus são teus deveres.

LXVII.

Ao Senhor Pedro Ignacio Ribeiro Soares, em agradecimento a uma Ode que lhe dirigiu.

Eu, esse cujos dons medraram tanto
De cultura gentil no brando esteio;
Eu, que da meiga patria unido ao seio
No affago maternal nutri meu canto:

Vergava ao pezo de mortal quebranto,
Quando teu hymno, teu milagre veiu
De harmonia, de luz, de gloria cheio
Minha alma repassar de um lume sancto:

Bem que das Musas docemente amado,
Se temi de uma edade a outra edade
Não poder alongar-me em nome alado:

Cresço em teu estro, sinto-me deidade;
Já, já piso os salões a Jove, ao Fado,
No pavimento azul da eternidade.

LXVIII.

Ao Senhor Henrique José da Silva; em agradecimento ao primoroso desempenho com que o retratou.

Altas filhas do genio, irmans formosas,
Oh Poesia! Oh Pintura! Oh par sagrado,
Que nos jardins de Amor colheis mil rosas,
Arcanos mil nos penetraes do Fado!

Em vós absorto, em vós extasiado
Da sorte não me acurvo ás leis penosas!
Jove, por ambas ao mortal é dado
Que logre em homem o que em numen gosas!

Forçando ao pasmo as almas sup'riores,
Transluz um ar, um estro, um ser divino
Do plectro, e do pincel nos sons, nas cores:

Honra Elmano o pincel, e o plectro Henrino:
Compete aos vates dous, aos dous pintores,
Correr na eternidade egual destino.

LXIX.

Ao Senhor Desembargador Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, em resposta a outro, que do Porto lhe enviou.

Eu cantava de Amor: eis negro agouro
Sáe d'ave negra em doloroso accento;
Tremi, calei-me, e no fatal momento
Baqueou-me, estalando, a lyra d'ouro:

O Tejo (a que era então qual és ao Douro)
Co'as filhas murmurou de sentimento;
Foi-me a folha immortal vão ornamento,
Feriu-me o raio, irreverente ao louro:

Da mente, que lustrava enriquecida
Oh Grecia, dos teus dons, dos teus, oh Roma,
Vai-se escoando a luz co'a luz da vida:

Mas inda ás vezes n'alma um Deus me assoma,
E o pensamento audaz forceja, e lida
Por dar-me o nome, o jus, que os tempos doma.

LXX.

Ao Senhor Antonio Mendes Bordalo, em retribuição de outro.

Ancias inda teu metro, e raivas custa
Á lacerante Inveja desgrenhada;
A lyra sôa em ti não descassada,
E a voz cadente os numeros lhe ajusta:

Alta razão, philosophia augusta
Trôa, n'um digno tom por ti vibrada;
E do igneo arremessão cáe fulminada
A de inglorios mortaes caterva injusta:

Teu plectro, e plectros (de que está sedenta
A mãe dos Tempos, que a Virtude enrama
Com lauro, que o verdor no Olympo ostenta)

Elmano adora, como Delio os ama:
No som, que o ser, e a gloria me aviventa,
Tomo á vida o sabor, e o gosto á fama.

LXXI.

Ao Padre Fr. José Botelho Torrezão, em resposta.

D'Elmano antes da morte é morto o canto,
Do Pindo inspirações já lhe não descem;
Mas inda aos que em seus males se enternecem
O que sómente é dôr, parece encanto.

Ah! Ditoso o que deve á patria tanto,
Ditoso o que altas Musas ennobrecem:
Bem que afincadas oppressões não cessem
De abrir-lhe mais e mais a fonte ao pranto!

Da mente, em que fervia o gaz sagrado,
Um Deus, que respirei, já não respiro,
Um Deus, por quem do nada estou salvado:

Nos versos, que te dou, talvez deliro;
Da sorte aos meus pousar foi já mandado,
E aos teus impõe seguir da fama o giro.

LXXII.

Ao Senhor Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

Tu, que do gran'cantor da Natureza
De ouro em flores, oh vate, e em fructos de ouro
Á patria déste hesperico thesouro,
De altos quilates de immortal riqueza:

Tu, que sobes co'a mente em Phebo acceza
Lá onde a Gloria cinge eterno louro,
A teu nome em teu verso vividouro
Contra a morte moral já tens defeza:

Innove ás artes, que embellezam tanto,
Desarreigue ás sciencias não mimosas
Flores, e espinhos teu plausivel canto:

Não sagres a meu mal dom que amplo gosas;
Basta ao vate, que geme, o som do pranto,
A' dor são nectar lagrimas piedosas.

LXXIII.

A ternura cordeal de Soyé a cordeal gratidão de Bocage.
(Ao Senhor João Soyé Waffer e Óconnor.)

Bem que do eterno luto ameaçada,
Folga escura existencia vacillante,
Por azares fataes a cada instante
Do mundo nas procellas soçobrada:

Vê do Pindo a caterva desolada
(Quasi n'elle despotica imperante)
Com dor fiel, com lastima incessante
De teu mal, de teus ais sobresaltada:

Olha Jonio, o tambem desfalecido,
De quem foge convulso, e trabalhado
Da philaucia o phantasma espavorido!

Piedoso implora meu destino irado;
O sabio do infeliz compadecido
É mais interessante, è mais amado.

LXXIV.

Reconciliação com Belmiro.

AGORA, que a seu lobrego retiro
Como que a baça Morte me encaminha,
E o coração, que as ancias lhe adivinha,
Debil se ensaia no final suspiro:

Musa d'Elmano, e Musa de Belmiro,
Una-se a gloria sua á gloria minha:
Meu nome aguarentou com voz mesquinha,
Eu justo ao seu não fui, e a sel-o aspiro:

Nem tu me esquecerás, Gastão cadente,
Lustroso a par de mim, quando de chofre
Igneas canções brotei, co'um Deus na mente:

Abri, Verdade, abri teu aureo cofre:
Isto Elmano extraîu co'a mão tremente
No serio ponto, que illusões não soffre.

LXXV.

Ao Senhor Belchior Manuel Curvo Semmedo.

Maga lyra de Amor, que ao thracio vate
Lá na estancia fatal dos ais, do luto,
Déste ameigar o enorme, horrivel bruto,
Que no ferreo portão braveja, e late!

Lyra piedosa, que apiedando Hecate
Colheste em chão da morte um doce fructo!
Revives no aureo plectro amèno, arguto,
Do lethal captiveiro alto resgate:

Sim, divino cantor; na somnolenta
Mansão das Parcas, se a gentil consorte
Visses em flor cair, por lei cruenta:

Portas do Orco (arrancando a chave á Sorte)
Desfecháras co'a mão de susto exempta,
E outro milagre soffreria a morte.

LXXVI.

Ao Senhor Thomás Antonio dos Santos e Silva.

Indigena immortal do Pindo ingente,
Alças na dextra o delphico estandarte:
Une-se Elmano (como ao todo a parte)
A ti, para ostentar c'roada frente:

Igneos vôos lhe dá teu estro ardente,
Quando, opulento em genio, e rico em arte,
Pintas glorias de Amor, furias de Marte,
E qual foi Corydon, és só demente:

Nectarisas no metro o gosto, a queixa,
E ouvindo-te, ora em riso, ora em quebranto,
Absorto o pensamento as azas fecha:

Quam varias sensações produz teu canto!
N'alma, no coração que effeitos deixa!
Ou jubilo, ou terror, ou pasmo, ou pranto!

LXXVII.

Ao mesmo.

VAPOR dourando, que me afuma os lares,
(Porque a morte os bafeja de contino,
Solto de ti relampago divino,
Milton de Lysia, allumiou meus ares:

O bem de ouvir-te, o bem de me chorares,
Quasi que irmana desigual destino;
Tu de assombros cantor, (Phebo, ou Tomino)
Eu ave, eu orgão de pavor, de azares:

Niveo matiz de auriferas arêas,
Cysne qual Jove outr'hora, e que no alado
Extasi aos céos a melodia altêas!

Voz, de que adoro o cantico sagrado,
Voz, que a dor minha, o fado meu prantêas,
Dá-me teus sons, e cantarei meu fado!

LXXVIII.

Ao Senhor Pedro José Constancio.

Cysne gentil, que modulava implume
A furto, a medo pela ismenia arêa;
Cysne gentil, que da cerulea vêa
A medo, a furto só roçava o lume:

Plumoso, os magos sons já não resume,
Os vôos da harmonia espraia, altêa,
De orgão canóro inspirações gorgêa,
(Que no gorgeio se lhe sente um nume!)

Gralhas da Inveja! oh vós, que em vão damnosas,
D'intactos nomes extraîs veneno,
Tal como a torpe Arachne extráe das rosas

Deixai niveo cantor brilhar no Ismeno;
Deixai, filhas da Noute, aves nojosas,
Sorrir-se a Natureza ao canto ameno.

LXXIX.

Ao mesmo.

Nos elysios de Amor endeüsada
Quadros tua alma esparze encantadores;
Deu-lhe as graças n'um riso, e deu-lhe as cores
De Adonis doce amante, e doce amada:

Sonhando attráe a idéa embelezada
Nectar dos gostos, halito das flores;
Perde-se, exvae-se em extasis d'amores,
E um céo parece á phantasia o nada!

Por gloria almo pintor, ou por piedade,
Novos encantos do pincel risonho
Envia á dor, que geme em soledade!...

Doure-se, oh Morte, assim teu véo medonho:
Ah! Quero amaciar tua verdade,
Tua ferrea verdade em aureo sonho!

LXXX.

Ao Senhor José Agostinho de Macedo.

Nomen... erit indelebile nostrum.
Ovid. *Metam. lib. XV.*

Versos de Elmiro os tempos avassallam;
(Versos, que imprime em si a Eternidade !)
São novos estes sons na humanidade;
Cantas, oh genio, como os deuses falam!

Parece que as pyramides se abalam
A agouros de terrivel majestade;
Que a marmorea, estupenda immensidade
Das moles do alto Nilo a terra egualam!

Meus dias, de ouro já como os primevos,
Salvas do cru Saturno, e Morte crua,
D'uma, e d'outra existencia algozes sevos:

Rivaes a duração do sol, e a sua,
Calcando a Parca, atropelando os Evos,
Elmano viverá da gloria tua!

LXXXI.

Ao Senhor Francisco de Paula Medina e Vasconcellos, em louvor do seu poema heroico intitulado «A Zargueida.»

De Zargo o heroico ardor, que luz na fama.
Cantas em metro altisono, e fervente;
Nautica, lusa gloria em seu oriente
Por ti, qual no zenith, esparge a flamma:

Do misero Machim, da triste dama
Choras o infausto amor tão docemente,
Que o tronco o sabe, que o rochedo o sente,
Que a terra geme... E que fará quem ama!

A que, de Homero a par, no Elysio avulta,
Sombra do gran' Camões, alta, e divina,
Crê, que fala em teus sons; attende, exulta:

A face para ti sorrindo inclina,
E ao teu canto vivaz, que o Tempo insulta,
Grau, não longe do seu, já lá destina.

LXXXII.

Ao Senhor Fr. Francisco Freire de Carvalho, pelos excellentes versos que lhe enviou.

De Ontanio choras, e de Ontanio cantas
Teu doce, e claro irmão, meu doce amigo,
Aquelle, de quem pousam no jazigo
Tantos ais, tanta dor, saudades tantas!

Cantando enlevas, e chorando encantas,
E acorda, e vive n'alma o tempo antigo,
Quando a Quintilio no calado abrigo
Carpia o vate, cujo som levantas:

As Artes, as Sciencias, enlutadas
(As delicias de Ontanio, os seus amores)
Depois que o viram mudo estão caladas!

Ah! Com elle eternizem-se os cantores;
Altos genios vos dêm, cinzas sagradas,
Versos, gemidos, lagrimas e flores!

LXXXIII.

Ao Senhor José Nicolau de Massuelos Pinto.

Do choro arguto de phebêos cantores
Josino é doce parte, é socio amado;
Viu, commetteu, vingou com genio alado
Monte, espinhos em baixo, em cima flores;

Néctar lhe ferve (que libais, Amores)
No metro, pelas Graças torneado;
E põe na eternidade, e põe no fado
Olhos impunes, do porvir senhores:

Do coração nos dons, ou mais, ou tanto,
A copia minha olhou, deu-te homenagem,
Oh deusa, irman d'Amor, em verso, em pranto:

Não tremo de que os seculos me ultrajem;
Lá (mercê do pincel, mercê do canto,)
Meu nome viverá, e a minha imagem.

LXXXIV.

Ao Senhor Henrique Pedro da Costa.

Phebo no ethereo plaustro omni-fulgente
(Aureas as rodas, o eixo adamantino)
Clamou do campo immenso e cristalino:
«Honrou-me, oh Natureza, ornar um ente!

«No Olympo (é tal meu jus) me foi patente
O d'alta creação cofre divino;
Vi, não perfeito ainda, o ser de Henrino,
Obtive enriquecel-o, e dei-lhe a mente.»—

«Eu dei-lhe o coração, melhor thesouro
(Responde Natureza ao nume ufano)
«E ao teu prefere da virtude o louro:

«Transcende na ternura os graus de humano,
E seu canto não só, tambem seu ouro
Mitiga os males do jacente Elmano.»

LXXXV.

Ao mesmo.

TOLDADO o fóco á luz da phantasia,
Turva do metro a limpida nascente,
Inercia o corpo, soledade a mente,
Em ocio, ou em lethargo a sympathia:

O Elmano outr'hora, o vate d'algum dia,
O que sentiu, pensou, viveu, não sente,
Nem pensa, ou vive: automato, não ente,
È mão, que versos machinaes te envia:

Tu lhe enverdece co'um bafejo a palma,
Faze um prodigio mais, tu mais que humano,
A quem nunca de Cirrha o vento acalma:

E Lysia julgará com doce engano,
Que em momento phebéo creando-os n'alma,
Eu pensava, eu sentia, eu era Elmano.

LXXXVI.

Á memoria do falecido João Baptista Gomes Junior, Dirigido ao Senhor Bento Henriques Soares.

JONIO meu, inda meu (porque o jazigo
Titulos immortaes, não vos devora)
Que encantador, e que encantado outr'hora
Luz eras d'elle, e tua luz o amigo!

D'Elmano é grato á dôr vagar comtigo
Plagas fataes, onde o silencio mora;
É doce á minha dôr, que em vão te chora,
Das sombras tuas suspirar no abrigo.

Vate de Ignez! Perderam-te os Amores,
Que em ti gosavam duplicado encanto,
Flores no metro, e no character flores:

Sôpro da morte se gelar meu pranto,
Ais canoros o claro entre os cantores
Sagre aos dous genios, que se amaram tanto.

LXXXVII.

Ao Senhor D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.

Dôr, que afiada o coração golpêa,
Se não toldára o brilho á Delia flamma,
E o tom do vate, que endeósa o Gama,
Inda a voz me alongasse, altiva, e chêa:

Com alma solta, e do vil globo alhêa
(Onde Inveja o desar ao genio trama)
Nos trilhos esmaltados d'aurea fama
Tentára os orbes, que immortal vaguêa.

Aos hombros d'Aquilão, por mim curvado,
Subira céos e çéos; já nume Elmano,
Bebêra soes, e soes, extasiado:

E, revocando á mente o gran'Romano,
Pelos climas da luz, comtigo ao lado,
Hymnos te déra em metro mantuano.

LXXXVIII.

Proximo aos seus ultimos dias.

AVE da morte, que piando agouros
Tinges meus ares de funereo luto!
Ave da morte (que em teus ais a escuto)
Meus dias murcharás, mas não meus louros:

Doou-me Phebo aos seculos vindouros,
Deponho a flor da vida, e guardo o fructo,
Pagando em vil materia um vão tributo,
Retenho a posse de immortaes thesouros.

Nome no tempo, e ser na eternidade!
Que fado! Oh ponto escuro, assoma embbora,
Dê-me o piedoso adeus commum saudade:

E rindo-me na campa os dons de Flora,
Mais do que elles a adorne esta verdade:
«Lysia cantava Elmano, e Lysia o chora.»

LXXXIX.

Sobre o mesmo assumpto.

NESTOREOS dias, que sonhava Elmano,
Brilhantes de almos gostos, d'aurea sorte,
Pomposa phantasia, audaz transporte,
As azas cerceai do orgulho insano:

Plano de um numen contradiz meu plano,
E quer que se esvaêça, e quer que aborte;
Eis, eis palpita, percursor da morte,
No tumido aneurisma o desengano:

Adeus, oh genios que Ulysséa admira!
Cantor, que honrastes, honrareis cantores,
Versos, pranto lhe dai, que Elmano expira!

Deixai-lhe a cinza em paz, fataes Amores;
E vós do extincto vate a campa, e lyra,
Virtudes, que exaltou, cubri de flores!

XC.

Lamentando falta de correspondencia em dous poetas, seus amigos.

Melibéo me cantou, cantou-me Oleno,
Nomes, que vai dourando á Fama o giro:
Gloria Amphriso me deu, me deu Belmiro,
Olivo me encantou com metro ameno:

Solto do vil, miserrimo terreno
Aos astros fui nos extasis d'Elmiro;
Por mim de Tempe o florido retiro
Teus sons ouviu, Pierio, os teus, Almeno:

Junto a Phebo, ou a si, me poz Tomino,
E outros.... Mas entre o numero inspirado,
Não tive Ismeno (oh dôr!) não tive Alcino!

Jaz mudo aquelle (e não me ignoro, oh Fado!)
Este, absorto em seu prospero destino,
Se esquece de que Elmano é desgraçado!

XCI.

Retribuição final aos poetas contemporaneos, que o tinham mimoseado com seus versos.

CHARO à Phebo, a Filinto, a Lysia, á Fama,
Na lacia fonte e argiva immerso Alfeno;
Pelas deusas irmans fadado, Ismeno,
Em que é numen Razão, Verdade é flamma;

Canoro Melibêo, por quem derrama
Inveja e Gloria o nectar, e o veneno;
Philosopho cantor, meu doce Oleno,
Doce ao socio infeliz, que em ais te chama!

Elmiro, que de Sophia o gran'thesouro
Revolves, possessor, com mão suprema,
E outros, que o Tejo honrais, o Vouga, e o Douro:

Dai-me que o Lethes sorvedor não tema;
Por vós comprado ao Tempo em versos d'ouro,
Cysne talvez que sôe á hora extJema.

SONETOS

LIVRO QUARTO.

SONETOS JOVIAES E SATYRICOS.

I.

A infatuação que predominava em certos naturaes de Goa.

Cala a boca, satyrico poeta,
Não te mettas no rol dos maldizentes;
Não tragas os mestiços entre dentes,
Restitue ao carcaz a hervada setta;

Dizes que é má nação, que é casta abjecta,
Fructo de enxertos vis? Irra! Tu mentes;
Vae ver-lhe os seus papeis; são descendentes
Do solar d'Hidalcão por linha recta:

Vem d'heroes, quaes não viu Carthago ou Roma;
De seus avós, andantes cavalleiros,
A chusma de brazões não cabe em somma:

E (se não mentem certos novelleiros)
A muitos d'elles concedeu Mafoma
O foro de fidalgos-escudeiros.

II.

Ao mesmo assumpto.

Tu, Goa, *in illo tempore* cidade,
Sempre tens habitantes de bom lote!
Não receiam que a côr se lhes desbote,
Privilegio da mixta qualidade:

Nenhum ha, que não conte, e sem vaidade,
Que seu primeiro avô, brutal Quixote,
Dera no padre Adão com um chicote
Por lhe haver disputado a antiguidade:

Diz-nos esta republica de loucos
Que o cofre do Marata é ninheria,
Que do gran'Turco os redditos são poucos:

Mas em casando as filhas, quem dirîa
Que o dote consistisse em quatro côcos,
Um cafre, dez bajus, e a senhoria!

III.

Ao mesmo.

Lusos heróes, cadaveres sêdiços,
Erguei-vos d'entre o pó, sombras honradas,
Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços:

Vinde salvar d'estes pardaes castiços
As searas de arroz, por vós ganhadas;
Mas ah! Poupai-lhe as filhas delicadas.
Que ellas culpa não têm, têm mil feitiços:

De pavor ante vós no chão se deite
Tanto fusco rajá, tanto nababo,
E as vossas ordens trémulo respeite;

Vão para as varzeas, leve-os o Diabo;
Andem como os avós, sem mais enfeite
Que o langotim, diametro do rabo.

IV.

Ao mesmo.

Das terras a peôr tu és, oh Goa,
Tu pareces mais ermo, que cidade;
Mas alojas em ti maior vaidade
Que Londres, que Paris, ou que Lisboa:

A chusma de teus incolas pregôa
Que excede o gran'Senhor na qualidade;
Tudo quer senhoria; o proprio frade
Allega, para tel-a, o jus da c'roa!

De timbres prenhe estás; mas ouro e prata
Em cruzes, com que d'antes te benzias,
Foge a teus infanções de bolsa chata:

Oh que feliz, e explendida serias,
Se algum fusco Merlim, que faz bagata,
Te alborcasse a pardaus as senhorias!

V.

Ao mesmo.

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,
Bem como Ovidio misero entre os gétas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças:

Tens filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir-nos vem, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças:

Tens varias casas, armazens de ratos,
Tens febres, mordachins em demasia,
De que escapâmos a poder de tratos:

Mas a tua peor epidemia,
O mal, que em todos dá, que produz flatos,
É a van, negregada senhoria.

VI.

Encarecendo a difficuldade de conciliar em Goa a amisade de seus naturaes.

Quer ver uma perdiz chocar um rato
Quer ensinar a um burro anatomia,
Exterminar de Goa a senhoria,
Ouvir miar um cão, ladrar um gato:

Quer ir pescar um tubarão no mato,
Namorar nos serralhos da Turquia,
Escaldar uma perna em agua fria,
Vêr uma cobra castiçar co'um pato;

Quer ir n'um dia de Surrate á Roma,
Lograr saude sem comer dous annos,
Salvar-se por milagre de Mafoma:

Quer despir a basofia aos castelhanos,
Das penas infernaes fazer a somma,
Quem procura amisade em vis gafanos.

VII.

A um, que não sabendo nem escrever o seu nome, dizia que os versos do auctor eram errados.

Cara de réo, com fumos de juiz,
Figura de presepe, ou de entremez,
Mal haja quem te soffre, e quem te fez,
Já que mordeste as decimas que fiz:

Hei de por-te na testa um *T* com giz,
Por mais e mais pinotes, que tu dês;
E depois com dous murros, ou com tres,
Acabrunhar-te os queixos, e o nariz:

Quem da cachola van te inflamma o gaz,
E a abocanhares syllabas te induz,
Oh dos brutos e alarves capataz?

Nem sabes o *A B C*, pobre lapuz;
E pasmo de que, sendo um Satanaz,
Com tinta faças o signal da cruz!

VIII.

A um velho maldizente.

Tu, maligno dragão, cruel harpia,
Monstro dos monstros, furia dos infernos,
Que em vil murmuração, ralhos eternos
Estragas sem descanço a noute, e o dia:

Tu, que nas horas, em que o mocho pia,
Calumniaste meus suspiros ternos,
Sacode a carga de noventa hynvernos
Nas descarnadas mãos da morte fria:

Cáe de chofre no barathro profundo,
Cáe nas entranhas da voraz fornalha,
Deixa em socego o miseravel mundo:

E entre a maldicta, reproba canalha,
Lá bem longe de nós, lá bem no fundo,
Arde, murmura, amaldiçôa, e ralha.

IX.

A Antonio José de Paula, Comico e Director do Theatro do Salitre.

RESURGE vesgo e torto o gran'Fred'rico,
Mestiço nas feições, crespo em melena;
Tem gesto fanfarrão, alma pequena,
Mas o peito é flammante, o trajo é rico:

Faz caretas ao povo em ar de nico,
C'o retrato de um burro avilta a scena;
Pede chá, e cafè, tinteiro, e penna,
Temo que alguma vez peça o penico!

Estupido tropel co'as mãos o approva,
Pé merecendo o vandalo guerreiro,
Que avesso do que foi saiu da cova!

Comico sem-sabor, porém matreiro,
Pedra philosophal de especie nova,
Que torna parvoices em dinheiro!

X.

Retrato do Guarda-mór da Alfandega do Tabaco, João da Cruz Sanches Varona.

O Guarda-mór da calva para baixo
É mais desagradavel que um capucho;
Não tem bofe, nem figado, nem bucho,
Mais chato me parece que um capacho:

As costas são cavernas de um patacho,
Os queixos são as guelras d'um caxuxo,
Tem figura de magico, ou de bruxo,
Na cabeça miolos lhe não acho;

Affecta no exterior sancto de nicho,
Por dentro é mais sinistro do que um mocho,
E aloja mais peçonha do que um bicho:

O que os outros tem cheio, elle tem chocho;
O que é nos mais vassoura, n'elle é lixo;
E anda isso entre nós? Ah bom arrocho!

XI.

Ao mesmo subjeito.

Com habito de fóra, e de capote,
O Varona, tractante sem limite,
Deixando as frescas margens de Amphitrite,
Em practica foi pôr subtil calote:

Á rua Augusta caminhou de trote,
(Passo que a velha edade não permitte)
E vendo um mercador, teve appetite
De encontrar n'elle credulo pechote:

Entra, curvando o trêmulo gasnate,
Requer de baetão covados septe,
Que o mercador lhe fia, annoso orate!

Péga do fardo, amigos accommette,
Em rifa o põe, augmenta-lhe o quilate,
Pilha o dinheiro, e falta ao que promette.

XII.

Ao mesmo.

Com rosto o Guarda-mór mésto e medonho,
Vendo á porta um credor, que é seu visinho,
«Neguem-me sempre (disse ao *Cupidinho*)
Senão, sem lhe pagar na rua o ponho.

«Nunca fui de illusões, não me envergonho,
Nem se me faz vermelho este focinho;
Chamem-me cafre, chamem-me mesquinho,
Que eu fico muito lepido, e risonho;

«Com as minhas astucias cá me avenho;
E se é preciso um falso testimunho,
Da calumnia o character desempenho:

«Não me pilham vintem Dezembro e Junho;
E a favor d'estas cans, e cruz que tenho,
Todo, todo em calotes me desunho.»

XIII.

Ao mesmo.

Mais que os esbirros o Varona esbirro,
Disse a dous aguasis, pregando um berro:
«Álerta, amigos meus, cordão ao perro,
Com elle quero ser peor que Pyrrho:

«Em leval-o á prisão inda hoje imbirro;
Elle lá vem surgindo, áquelle ferro....
Agora, sim, contra elle mais me emperro;
Mirrem-se vocês lá, que eu cá me mirro.

«Amigos, socios meus, querem esturro?
Aqui têm do melhor, que não é barro;
Se intentar resistir, murro, e mais murro!

«Ah poeta infiel! Hoje te agarro!
Lançou-se a minha Rita como um burro;
Apezar d'esta cruz tambem o amarro.»

XIV.

Á Senhora D. Rita, filha do sobredicto Guarda-mór, a qual (dizem) batêra no pãe.

CANTÊMOS todos lugubres endechas,
Que a Rita, capataz das femeas chochas,
Ao descarnado pae de gambias frouxas,
As sacrilegas mãos poz nas bochechas:

Redobre o echo lutuosas queixas,
Piem té rebentar mochos e mochas,
E ao ver do amo afrontado as faces rôxas
Cupidinho leal côrte as madeixas:

De raiva o Guarda-mór rôa bolachas;
As tres criadas mettam-se capuchas,
E as paredes de horror abram mil rachas!

E tu, que pelas cans paternas puchas,
Vae no centro voraz de accezas achas
Ter o tragico fim, que têm as bruxas!

XV.

Inventario da casa do Guarda-mór.
(Dialogo entre Bersane e Bocare.)

«Já que grita a barriga, e a cêa tarda,
«Aqui em verso brando, humilde, e humano,
«Vamos ambos fazer, amigo Elmano,
«Leilão dos trastes, que possue o Guarda.»—

Casaca velha, rota, suja, parda,
Feia, ruim, de amarellado panno;
Sapatos, que solou ha mais de um anno,
De que inda o remendão o importe aguarda:

Rouxinol, codorniz, e dous cochichos;
Seis panelas, tres trempes, e dous tachos,
Dez perrucas, viuvas de rabichos:

Quatro cadellas *femeas*, dous cães *machos*;
Uma filha, mais feia que tres bichos;
Eis aqui seus serviços e despachos!

XVI.

Ao Senhor José Ventura Montano, rogando-lhe soccorro para pagar a renda das casas em que o auctor habitava.

Demanda-me usurario senhorio
Do já findo semestre a somma escassa,
E enjoado d'esperas, sei que traça
Por-me em Janeiro a passear ao frio:

Elle em taes casos para mais tem brio,
Que é homem pé de boi, vilão de raça :
Já creio que o mandado extráe, e o passa
Á mão ganchosa de aguasil bravio:

Tu, que detestas esta corja horrenda,
Que deveu a ganancia inutil sua
Primeiro ao chafariz, depois á tenda:

O avaro alegra, que um semestre amûa :
Acode ao charo amigo, antes que aprenda
De cães vadios a dórmir na rua.

XVII.

Ao Padre-Mestre D. Bernardo da Senhora da Porta, Geral dos Conegos Regrantes, que não permittia ao auctor a entrada no Mosteiro de S. Vicente de Fóra

---

Corre furioso o episcopal repolho,
No habito branco, e nas feições vermelho;
Porém mais corre o portuguez francelho,
Com a preza carnal, que trouxe d'olho:

Deito agora essas barbas de remolho,
Hypocrita falsario, hediondo velho;
Quando queiras tomar o meu conselho
Não sejas para as aves vil trambolho:

Olha que se ellas enchem o bandulho,
Vai-me cheirando a haver muito retalho,
E dás co'a prelazia de mergulho:

Evita com prudencia algum trabalho,
Quando não, meu Bernardo, o teu orgulho
Sobre ti descarrega um bom vergalho,

XVIII.

Ao heroismo de um Frade, dispersando com uma tocha os Irmãos Terceiros, que em um procissão disputavam preferencias.

Qual tropa regular, a fradaria
Investe a sacra, estupida ordenança:
A Paz, filha do céo, calada e mansa
Dos couces, das patadas se desvia:

Preside alto Furor á lide impia,
De serpes infernaes toucada a trança:
Pansudo frade borra a tudo avança;
O furor marcial nos socios cria:

De um cirio desenvolve heroicos feitos;
D'este rompe o nariz, d'aquelle a capa,
Adeus, hombros; adeus, olhos, e peitos!

Do sacro phrenesi ninguem lhe escapa...
Oh que bem do alcorão cumpre os preceitos
O revoltoso exercito do papa!

XIX.

Em uma excursão que fez a Setubal encontrando ahi em uma casa certos trastes, que tinham sido de seus paes.

Trastes sediços, moveis de outra edade,
De meu primeiro avô mimo e ventura,
Eu vos saúdo, já que a desventura
Tanto respeita a vossa dignidade:

Nem tu me esquecerás, oh raridade,
Leito, que cérca horrivel bordadura!
Tu, que juraste pela Estyge escura
Mijar na cova á mesma eternidade!

Ah! não se atreva braço aventureiro
De incançavel algoz, que o mundo arraza,
Quebrar dos tempos o brazão primeiro!

Longe, incendio voraz, que tudo abraza!
Tenham meus descendentes sem dinheiro
A *Historia Natural* sempre de casa,

XX.

GLOSANDO O MOTTE:

«Das almas grandes a nobreza é esta.»

Apertando de Nize a mão nevada
A furto lhe pergunto: «De mim gósta?
Cala-se Nize, e manda-me resposta
Nas azas d'estrondosa bofetada!

«Que é isso?» grita a mãe — «Senhora, é nada»
Lhe responde com voz branda e composta:
Ferve susurro aqui, e á parte opposta
Rebenta insultadora pateada:

«Calai-vos (lhes gritei) homens estultos!
Achei Nize, guardando o lume a Vesta,
Quando julguei que a Amor rendia cultos.

«Sou nobre! sou heróe! vamos á festa!
Amar, e por Amor soffrer insultos,
«Das almas grandes a nobreza é esta.»

XXI.

A um falador insoffrivel.

FAMOSA geração de faladores
Sôa que foi, Riseo, a origem tua;
Que nem todos os cães ladrando á lua
Tiveram que fazer com teus maiores:

Um a lingua ensinou dos palradores,
Outro o moto continuo achou na sua;
Outro, alem de encovar toda uma rua,
Açaimou n'uma junta a cem doctores:

Teu avô, sanctanario venerando,
Soube mais orações que mil beatas,
Com réza impertinente os céos zangando:

Teu pae foi um trovão de pataratas;
Teu tio, o bacharel, morreu falando;
Tu falando, Riseo, não morres, matas.

XXII.

Retrato proprio.

Magro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno:

Incapaz de assistir n'um só terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura;
Bebendo em niveas mãos por taça escura
De zelos infernaes lethal veneno:

Devoto incensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) n'um só momento,
E somente no altar amando os frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento;
Sairam d'elle mesmo estas verdades
N'um dia em que se achou mais pachorrento.

XXIII.

Segundo retrato.

De ceruleo gabão, não bem cuberto,
Passêa em Santarem chuchado moço,
Mantido ás vezes de succinto almoço,
De cêa casual, jantar incerto:

Dos esburgados peitos quasi aberto,
Versos impinge por miudo e grosso;
E do que em phrase vil chamam *caroço*,
Se o quer, é *vox clamantis in deserto:*

Pede ás moças ternura, e dão-lhe motes!
Que tendo um coração como estalage,
Vão n'elle accommodando a mil peixotes:

Sabes, leitor, quem soffre tanto ultraje,
Cercado de um tropel de franchinotes?
É o auctor do soneto; — é o Bocage!

XXIV.

Ao machucho poetarrão José Daniel Rodrigues da Costa.

«Não presta Corydon, não presta Elpino,
Filinto é ninherîa, é lixo Alfeno;
Albano fala só do Tejo ameno,
Só tardes e manhans descreve Alcino:

«Trescala aos seiscentistas o Paulino;
Pois Bocage! Isso é peste, isso é veneno!»
Roncava charlatão rolho e pequeno,
Pequeno em corpo, em alma pequenino:

«Quem acha vossemecê (lhe sáe d'um lado
Taful do sério rancho das lunetas)
Quem acha para versos estremado?»—

Quem! (diz o tal) não façam lá caretas;
Um, que dos seus papeis anda pejado,
O aguasil Daniel, cantor de pêtas.»

XXV.

Ao mesmo, publicando o «Almocreve das Petas.»

«Das Petas o Almocreve» é obra tua,
Bem se vê, Daniel, na phrase e gosto;
Adiça tres de Abril, ou seis de Agosto,
É de quem vende as rythmas pelas ruas:

Cheira a teu nome o roubo da perûa,
E entre o tostado arroz o gato posto;
Eis a obra melhor, que tens composto.
Inda que de artificio e graça nûa:

A gente por Lisboa anda pasmada,
Vendo-te farto, e cheio como um ovo
Dos alvos pintos, que te deu por nada:

E frio de terror murmura o povo
Que a tua estupidez anda pejada,
E que cedo se espera um parto novo.

XXVI.

Ao mesmo, dando á luz o segundo volume das suas «Rythmas.»

Tomo segundo á luz saíu das «Rythmas
De José Daniel Rodrigues Costa,»
Obra mui de vagar, mui bem composta,
E subjeita depois a doctas limas:

Fala em opios, em manas, fala em primas,
Diz couzas de que a plebe não desgosta,
Morde em peraltas, na relé disposta
A saltos, macaquices, pantomimas:

Por estas, e por outras que tem feito
Verá qualquer leitor nas obras suas
Que elle para versar nasceu com geito:

Acham-se em tendas, acham-se em commuas;
E para lhe augmentar honra e proveito,
As vende o proprio auctor por essas ruas.

XXVII.

Descreve uma sessão da «Academia de Bellas Letras de Lisboa» mais conhecida pela denominação de «Nova Arcadia.»

PRESIDE o neto da rainha Ginga
Á corja vil, aduladora, insana:
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em corpos desiguaes se esgota a pinga:

Vem pão, manteiga, e chá, tudo á catinga;
Masca farinha a turba americana;
E o ourango-outang a corda á banza abana,
Com géstos e visagens de mandinga:

Um bando de comparsas logo acode
Do fofo Conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode:

Applaudem de continuo as frioleiras
Belmiro em dithyrambo, o ex-frade em ode;
Eis aqui de Lereno as quartas feiras.

XXVIII.

Aos socios da Nova Arcadia.

Vós, oh Franças, Semmedos, Quintanilhas,
Macedos, e outras pestes condemnadas;
Vós, de cujas bozinas penduradas
Tremem de Jove as melindrosas filhas:

Vós, nescios, que mammais das vîs quadrilhas
Do baixo vulgo insonsas gargalhadas,
Por versos maus, por trovas aleijadas,
De que engenhais as vossas maravilhas:

Deixai Elmano, que innocente e honrado
Nunca de vós se lembra, meditando
Em cousas sérias, de mais alto estado:

E se quereis, os olhos alongando,
Eil-o! Vede-o no Pindo recostado,
De perna erguida sobre vós........!

XXIX.

Aos mesmos.

NÃO tendo que fazer Apollo um dia
Ás Musas disse: «Irmans, é beneficio
Vadios empregar; dêmos officio
Aos socios vãos da magra Academia:

«O Caldas satisfaça a padaria;
O França d'enjoar tenha exercicio,
E o auctor do entremez do rei egypcio
O Pegaso veloz conduza á pia:

«Vá na Ulysséa tasquinhar o ex-frade;
Da sala o Quintanilha accenda as velas,
Em se juntando alguma sociedade:

«Bernardes nenias faça, e *róa* n'ellas;
E Belmiro, por ter habilidade,
Como dantes, trabalhe em bagatellas.»

XXX.

Aos mesmos.

CONTRA Elmano Sadino urrando avança
O esteril Corydon, o vão Belmiro,
Bernardo, o Nenias, lugubre vampiro,
Que do extincto Miguel possue a herança:

O curto Quintanilha, o torpe França,
O tonsurado retumbante Elmiro,
Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
Mais frouxo, que pedrada de creança:

Elmano solta um.... eis foge tudo;
Eis os socios ganindo ao som do traque,
Quaes do funil appenso os cães no entrudo:

Mas se inda a corja renovar o ataque,
Bocage que fará? Por-se de escudo,
Perder doze vintens n'um Almanach.

XXXI.

Aos mesmos.

De insipida sessão no inutil dia
Juntou-se do Parnaso a galegage;
Em phrase hirsuta, em gothica linguage
Belmiro um dithyrambo principia:

Taful, que o portuguez não lhe entendia,
Nem ao resto da comica salsage,
Saca o soneto, que lhe fez Bocage,
E conheceu-se n'elle a Academia:

Dos socios o peor silvou qual cobra,
Desatou-se em trovões, desfez-se em raios,
Dando ao triste Bocage o que lhe sobra:

Fez na calumnia vil crueis ensaios,
E jaz com grandes creditos a obra
Entre mãos de marujos, e lacaios.

XXXII.

Aos mesmos.

Tu, França, que na ode és mar em calma;
Tu, mocho da pieria soledade,
Bernardo, a quem no horror da escuridade
Com dous versos á morte o estro acalma:

Quintanilha, pygmeo no corpo e n'alma;
Da matriz d'Almoster tu, calvo abbade;
Belmiro, anão de Apollo, e tu, ex-frade,
Que em trovas de bum-bum levas a palma:

Vates, que mereceis do cardo a rama;
Turba, que as settas da calumnia afias;
Momentaneo borrão da alhêa fama:

Dá cabo das sessões, com que enfastias;
Por mão do secretario entrega á chamma
Papelada servil de ninherias!

XXXIII.

A nova Arcadia.

Oh triste malfadada Academia!
O vate Elmano em satyras se expraia;
Fervem correios ao loquaz Talaia,
Que a todos teu descredito annuncia:

Apollo exulta, o povo te assobia;
A gloria tua em convulsões desmaia;
Ah! primeiro que a pobre em terra cáia,
Corte-se o vôo da fatal porfia:

Ao satyrico audaz põe duro freio,
Pune o declamador, que te flagella;
Da-lhe assento outra vez no magro seio:

Bem como a quem profana uma donzella,
Que em pena do affrontoso estupro feio
Fazem próvidas leis casar com ella.

XXXIV.

Ao Padre Domingos Caldas Barbosa.

(SATYRA EM LOUVOR.)

Deixa, insigne Bocage, insulsos vates,
Que o zelo teu á guerra desafia;
Brutos são, desconhecem poesia,
Com as armas de Apollo em vão combates:

Por mais que em corrigil-os te dilates
Fructo só tirarás d'essa porfia
Conduzindo-os á alta enfermaria
Da piedosa casa dos orates:

A Lereno, que é homem de juizo,
Por muitos versos, cheios de belleza,
Perdôa, se não gostas de improviso:

O egypcio *entremez* elle despreza;
Nos outros, socio Elmano, é que é preciso
Palhas, dieta, e vergalhada teza.

XXXV.

Ao mesmo.

Por casa Phebo entrou co'um vil bugio;
As Musas o animal não conheciam,
E fugindo assustadas do que viam
Foi de ventas a terra a pobre Clio:

«Não fujam! Venham cá!.. Não é bravio»—
Gritava o deus; e as manas, que tremiam,
Todas por uma voz lhe respondiam:
«Ai! Que bicho tão feio!... Ai! Não me fio!..»

«Qual feio (acode Apollo) é mui galante;
E na figura, e gestos, dá mil provas
De ser em parte aos homens similhante:

«Caldas o nomeei; com graças novas
Faz-me estalar de riso a cada instante,
E em premio lhe concedo o dom das trovas.»

XXXVI.

Ao trovista Caldas, pardo de feições, e grenha crespa e revolta.

(METAMORPHOSE.)

Lembrou-se no Brasil bruxa insolente
De armar ao pobre mundo extranha peta;
Procura um mono, que infernal careta
Lhe faz de longe, e lhe arreganha o dente:

Pilhando-o por mercê do averno ardente,
Conserva-lhe as feições na face preta;
Corta-lhe a cauda, veste-o de roupeta,
E os guinchos lhe converte em voz de gente:

Deixa-lhe os calos, deixa-lhe a catinga;
Eis entre os lusos o animal sem rabo
Prole se acclama da rainha Ginga:

Dos versistas se diz modelo, e cabo;
A sua alta sciencia é a mandinga,
O seu benigno Apollo é o Diabo.

XXXVII.

A Belchior Manuel Curvo Semmedo.

Intruso no Apollineo sanctuario,
Dar leis a cégos, illudir pedantes,
Uivar entre as phreneticas bacchantes,
Qual vago lobis-home em seu fadario:

Voar de diccionario em diccionario,
Pilhando aqui e ali porções brilhantes;
Aguarentar com mãos surripiantes
Pygmeu de Cintra, teu verboso erario:

Por fofos versos compassar tregeitos,
Converter em trovão qualquer suspiro,
Em tarda prosa chan roncar preceitos:

Com remendadas purpuras de Tyro
Vestir absurdos, embuçar defeitos;
Eis os progressos do pavão Belmiro.

XXXVIII.

Ao mesmo.

Belmiro, que entre os pampanos farfalha,
Affectando entoar canções divinas,
Fez, cançado d'asneiras pequeninas,
Uma, que até percebe a vil gentalha:

N'esse idyllio, em que Fauno irado ralha,
O divino amador das phrases finas
Poz o cornudo Pan, deus das campinas,
De bruços a beber na nivea talha:

Um nume, que apezar do pé caprino
Teve altar, teve incenso, e reverencia,
Jaz na classe das bestas? Irra! afino!

Que mesquinhez do vate, e que insolencia!
Tudo por cinco réis, quando o mofino
Co'um pucaro poupava esta indecencia!

XXXIX.

Ao mesmo.

Junto ao Tejo, entre os tenros Amorinhos,
As belmiricas musas pequeninas,
Para agradar a estupidas meninas
Haviam fabricado uns bonequinhos:

Com elles os travêssos rapazinhos,
Que são mui folgazões, e mui traquinas,
Armaram mil subtis alicantinas,
E os lançaram depois n'uns bispotinhos:

Eis tagide louçan de eburneo colo,
A quem não vencerá, por mais que lucte,
O nosso Belmirinho, anão de Apollo,

Surge d'agua, e lhe diz: — «Filhinho, escute;
Olhe com que noticia hoje o consolo!
É poeta do rei de Liliput!»

XL.

Ao Doctor José Thomás Quintanilha.

Esse cantor de chá, manteiga, e queijo,
Rato que róe do Caldas a substancia,
Pygmeu de insupportavel arrogancia,
Que morde mais que pulga, ou persevejo:

Accezo no phrenetico desejo
D'exceder dos Quixotes a constancia,
Á frondosa Funchal mandou com ancia
Atado em verde fita um triste beijo:

Pendia em tiracolo ao deus frecheiro
A terna offrenda; eis Zephyro ladino
O beijinho impelliu para o trazeiro:

Quintanilha! Que opprobrio! Que destino!
Mimo, que ia ao teu bem, tocou primeiro
O nedio... do trefego menino!

XLI.

Vera-effigie do Doctor Luis Corrêa da França e Amaral. que poderá servir de busca a toda a pessoa que n'esta cidade o queira procurar, etc.

Rapada, amarellenta cabelleira;
Vesgos'olhos, que o chá, e o doce engoda;
Boca, que á parte esquerda se accommoda,
(Uns affirmam que fede, outros que cheira):

Japona, que da ladra andou na feira;
Ferrugento faim, que já foi moda
No tempo em que Albuquerque fez a poda
Ao suberbo Hidalcão com mão guerreira:

Ruço calção, que *espipa* no joelho,
Meia e sapato, com que ao lodo avança,
Vindo a encontrar-se c'o esburgado artelho:

Jarra, com appetites de creança;
Cara com similhança de besbelho;
Eis o bedel do Pindo, o doctor França.

XLII.

Ao mesmo.

MELIZEU, o menor entre os nascidos,
De face cadaverica e nojosa,
Phtysico em verso, apoquentado em prosa,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos:

Soltando dissonantes alaridos
Da boca transversal erma, e gulosa,
Insulta a quem de Phebo os mimos gosa,
Estafa-se em preceitos não cumpridos:

Ao vate Elmano plagiario chama,
Sendo o mais despresivel plagiario,
Que o que pilha desluz, corrompe, infama:

Profanador do Aonio sanctuario,
Lobis-homem do Pindo, ornêa, ou brama,
Atè findar no inferno o teu fadario!

XLIII.

Ao Padre Joaquim Franco d'Araujo Freire Barbosa, Vigario da Egreja d'Almoster.

CONHECEM um vigario de chorina,
De insulsa phrase, de relé maruja?
Sapo immundo, que bebe, ou que babuja
No que deita por fóra a Cabalina?

Este é um tal Franco, um tal sovina,
Que orelhas mil e mil com trovas suja,
Digno rival do mocho, e da coruja
Quando a voz desenfrêa, a banza afina:

Faz versos em francez, francez antigo,
Em giria de Veneza, e finalmente
Em corrupto hispanhol; leve o castigo:

Elle diz que são bons, e os mais que mente;
Põe mãos á obra, faze o que te digo,
Chicotêa esse bruto, e crê na gente.

XLIV.

Ao mesmo.

O MUNDO a porfiar que o Franco é tolo,
O Franco a porfiar que o mundo mente!
Irra! o padre vigario é insolente,
Raspem-lhe as mãos, e ferva-lhe o carolo:

Da brilhante razão jamais o rolo
Lhe entrou no casco, lhe raiou na mente;
Mas como a natureza é providente,
Com a basofia supre-lhe o miolo.

Ora, vão trovador do «Heróe do Egypto,»
Tu não ouves, não vês o que se passa
Ácerca dos papeis, que tens escripto?

A copia de «Gessner» deu-se de graça;
«Psyche» jaz de capella e de palmito;
«Sesostris» infeliz morreu de traça.

XLV.

Ao mesmo.

Havia mais de um mez que o bom Lizeno
Fechar se quer um olho não podia;
Submettido á fatal sabedoria
Do respeitavel medico pequeno:

Hypocrates d'aqui, d'ali Galeno
Revolvia o tacão na livraria;
Remedios contra a insomnia requeria,
Porém cada receita era um veneno;

Eis do Franco lhe lembra em continente
Cada verso, mais duro do que um tronco,
E *recipe* de alguns fórma ao doente:

Em curta dóse applica o metro bronco;
Receitou-lhe um terceto; eis de repente
Começa a bocejar, e préga um ronco.

XLVI.

Por occasião de um soneto composto pelo mesmo

Li as quatorze regras aos pennachos,
A trova, que as orelhas nos magôa;
Viva a maruja phrase —*Estou na prôa*....—
Modelo singular de termos baixos!

A lembrança dos bois, burros, e machos
É lembrança feliz, é cousa boa!
Pois o *palheiro, que sem pezo vôa!*...
Isso dá jus á cilha e berbicachos:

O logar onde a mão findou seis linhas
Podia muito bem ficar em branco,
Sem fazer falta ás pobres das visinhas:

O quinto indigno verso é quasi manco;
A idéa tem mais sal que tres marinhas:
E a cornêa conclusão laurêa o Franco!

XLVII.

Ao mesmo.

Volve a Peniche, oh zanga de Lisboa,
Oh testa capataz das ocas testas!
Vive entre os teus eguaes, vive entre as bestas,
E entre bestas vivendo abate a proa:

Quem versos sem-sabor produz á tôa
Só nos pode brindar com obras d'estas;
Deixa brilhar nas procissões, nas festas
Nymphas de quem Cupido em torno vôa:

Mais bruto do que os bois, burros, e machos,
Ao lindo sexo amavel dás batalha,
Porque talvez te ornou de alguns pennachos!

No amor da experta Nize achaste falha,
Ou antes o fervor, que vem dos cachos,
Te fez, tosco palheiro, arder a palha.

XLVIII.

Ao Doctor Manuel Bernardo de Sousa e Mello.

Em ermo cemiterio, em hora escura
Bernardo sepulchral no chão jazia,
Onde epicedio funebre tecia
Ao bem, que lhe arrancaste, oh Parca dura!

Era *Igenia de tal* a formosura
Que temporan descêra á terra fria;
E o carrancudo vate assim carpia
Junto da triste, amada sepultura:

«Mochos, socios de um misero que chora,
Africanos leões, tigres de Armenia,
Dai lagrimas ao mal, que me devora:

«Acode ao lasso amante, acode, Igenia!..»
Eis a campa rebenta, e surgem fóra
Dous vampiros bailando ao som da nenia.

XLIX.

Ao mesmo
Correndo fama de que o coveiro do cemiterio da Esperança vendia iscas de defuncto a um pasteleiro visinho do mesmo sitio.

É mentira, não foi o vil coveiro
Quem com manha, maldade, ou tudo junto,
Impingiu varias iscas de defuncto
A mascarrado e girio pasteleiro:

Foi Bernardes (o Nenias) que em mau cheiro
Enfrascando o nariz, e as mãos em unto,
Impingia tambem o seu presunto,
D'algum, com que esbarrava ainda inteiro:

Hoje atreve-se a mais; quer ver se apanha
Este, que é dos cadaveres Herodes,
Ao descarnado França um secco chispe:

Se lhe cáes, Melizeu, na mão grifanha,
Lá vão filhos, mulher, sonetos, odes;
Ah pobre! Queira Deus, que te não bispe!

L.

A um celebre mulato Joaquim Manuel, grande tocador de viola e improvisador de modinhas.

Esse cabra, ou cabrão, que anda na berra,
Que mammou no Brasil surra e mais surra,
O vil estafador da vil bandurra,
O perro, que nas cordas nunca emperra:

O monstro vil, que produziste, oh terra,
Onze narizes natureza esmurra,
Que os seus nadas harmonicos empurra,
Com parda voz, das paciencias guerra:

O que sáe no focinho á mãe cachorra,
O que nescias applaudem mais que a «Myrrha»,
O que nem veiu de prosapia forra:

O que afina inda mais quando se espirra,
Merece á philosophica pachorra
Um corno, um passa fora, um arre, um irra.

LI.

Ao mesmo.

VIVEM por hi alguns de varias tretas,
Com um eu esbravejo, em outros mango;
Que opio dás ao machete orang-outango,
Tu, gloria das carrancas semi-pretas!

Quando acompanhas de infernaes caretas
Insipido londum, ou vil fandango,
Não posso tal soffrer: eu ardo, eu zango,
Que no auge do assombro te intromettas:

Crespo Arion, Orphêo de carapinha,
Já de sobejo tens fartado a gana
No seio da formosa patria minha:

Com faro de chulice americana
Para o cálido sul cortando a linha
Vae cevar-te no coco, e na banana.

LII.

Ao Padre José Manuel de Abreu e Lima, que aproveitando-se da prisão do auctor, lhe tomára o primeiro acto de um drama «A Restauração de Lisboa»; e completando-o o poz em scena como seu.

Em vão, padre José, padre, ou sacrista,
De magra cachimonia, esteril penna,
Encaixas do Salitre sobre a scena
D'alta Lisboa a celebre conquista:

Bocage d'entre as grades pede vista
Contra um roubo, mais certo que o de Helena;
E a comica Thalia te condemna
Dos plagiarios vis a andar na lista:

De «Affonso» houveste ás mãos acto primeiro,
Fructo do pobre auctor encarcerado,
E déste a consciencia por dinheiro:

Roubaste-o pelo ver encafuado?
Cuidas talvez que é cova o limoeiro?
Ora treme de o ver resuscitado!

LIII.

Estando o auctor na cella do seu amigo Fr. João do Pousafolles, e acontecendo apagar-se-lhe um cigarro, pediu lume, que o dicto amigo lhe recusou.

Amigo Frei João, cuidas que é barro
O fumoso tabaco por que bérro?
Um nigromante me tranforme em perro,
Se ha cousa para mim como o cigarro!

Elle me arranca pegajoso escarro,
Que nas fornalhas d'este peito encerro:
O frio, as afflicções de mim destérro,
Quando lhe lanço a mão, quando lhe agarro:

De vicio tal, se é vicio, não me corro;
E só tómo rapé, simonte, ou esturro,
Quando quero zangar algum cachorro.

Amigo Frei João, não sejas burro;
Dize bem do cigarro, se não morro:
Traze-me lume já, ou dou-te um murro!

LIV.

Ao Senhor Thomé Barbosa de Figueiredo d'Almeida Cardoso, Official de linguas na Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

Dos torridos sertões, pejados d'ouro,
Saíu um sabichão d'escassa fama,
Que os livros préza, os cartapacios ama,
Que das linguas repartem o thesouro:

Arranha o persiano, arranha o mouro,
Sabe que Deus em turco *Allah* se chama;
Que no grego alphabeto o G é *gamma*,
Que *taurus* em latim quer dizer touro:

Para papaguear saiu do mato:
Abocanha talentos, que não gosa;
É mono, e préga unhadas como gato:

É nada em verso, quasi nada em prosa:
Não conheces, leitor, n'este retrato
O guapo charlatão Thomé Barbosa?

LV.

Por occasião de achar-se em scena no theatro uma Tragedia, de que era auctor Felisberto Ignacio Januario Cordeiro.

Em vermelho cartaz propoz-se á scena
Lusa tragedia, que a nação gloria;
«*Do gran Nuno Gonçalves de Faria*»,
Producção singular de uma habil penna:

No acto primeiro Elvira, em não pequena
Fala, maldiz da guerra a sanha impía:
Amante, irmão, e páe vem á porfia
Tudo zangar co'a mesma cantilena:

Heroicidade em versos cento e cento;
Engana o heróe o hispano, morre á espada,
Lugubre a final lê se um testamento:

De nupcias houve certa misturada;
Findou-se o drama, poz-se em movimento
Na boca o riso, o pé com pateada.

LVI.

Estando em scena outra comedia, cuja traducção se attribuia a Belchior Manuel Curvo Semmedo «Cartaz:»

Quarta feira quatorze do corrente
Se apresenta outra vez com bom scenario
No Salitre a comedia do «Antiquario.»
A que tem concorrido immensa gente:

É obra traduzida novamente
Por um poeta, amigo do emprezario,
Memorião, que engole um diccionario,
E orna de verdes pampanos a frente:

Em logar d'entremez se hade seguir
Do Franco a grande peça curiosa,
Tragedia de «Sesostris» que faz rir:

Tem versos naturaes; parecem prosa!
Que venha o nobre publico applaudir
Espera a companhia obsequiosa.

LVII.

Alludindo á Tragédia «Zaida» de José Agostinho de Macedo, que fora pateada nas primeiras representações.

NA scena, em quadra tragico-hynvernosa
Zaida se impingiu (fradesco drama!)
Appareceu depois, com sede á fama,
Tragedia mais egual, mais lastimosa:

O auctor prantêa em phrase apparatosa
Esfaqueado arraes, pimpão d'Alfama;
É alvar o galan, ratinha a dama;
O macho é Simeão, e a mula é Rosa:

Espicha o rabo (eu tremo ao proferil-o!)
Espicha o rabo ali o heróe na rua
Qual Muratão nos areaes do Nilo:

Elmiro na tarefa continûa;
Já todos pela escolha, e pelo estilo
Rosnam, que a nova peça é obra sua.

LVIII.

«A lição ao pé da letra.»
Feito na occasião em que andava em scena
Tragedia «Elaire» de Miguel Antonio de Barros.

Gritava mestre Braz: «Filha traidora!..
Hei de arrancar-te os olhos, vil cadella!
Vou pregar ferreas trancas na janela,
Porque a não veja o biltre que a namora.»

N'isto a moça infeliz suspira, e chora,
Suspiram Graças, chora Amor com ella;
Tão mimosa não é, não é tão bella
Quando perolas vérte a linda Aurora!

«Ser sapateiro, ou grande, o fado ordena;
Sou um páe, que da honra os lares trilha,
Tragedias nunca viu quem me condemna:

«O pregar-lhe as janelas não me humilha;
Que ha pouco o gran Miguel mostrou na scena
Que fez o rei da Thracia o mesmo á filha.»

LIX.

Tendo apparecido um soneto satyrico contra um Drama de Thomás Antonio dos Sanctos e Silva.

Contra o drama «O Recife restaurado»
Do Milton portuguez, selecto drama,
Rolho versejador seu fel derrama
Com Ignorancia, Inveja, e Odio ao lado:

Presidindo a Ignorancia ao parto ousado
Lhe imprime a Inveja a raiva, em que se inflamma;
O Odio em tosca parede a *massa acama*
Com que fica o soneto ali colado:

Novo cartaz, que gente não apinha!
Correm todos a lêr o vil criterio
Exposto em phrase insulsa, audaz, mesquinha;

Eis Genio velador d'extenso imperio,
O arranca, para ser em vil casinha
De fetida limpeza ministerio.

LX.

A certo subjeito, que, mal sabendo lêr, dizia ter feito trinta Tragedias, que ninguem viu.

TRAGEDIA de Tancrêo, rei de Disuria,
Original em plano, atroz no enredo;
Tem actos dez, o heróe morre de medo,
Depois de onze minutos de lamuria:

Tragedia de Rum-rum, sultão da Incuria,
Que honrar a patria ha de ir um dia cedo;
Pregão, baraço, açoutes, e degredo
Pilha o protagonista, e lambe a injuria:

Peça de Gorgorão, rei de Biôco,
Terra ao norte da Lybia, ao sul do mappa,
A acção vem nos *Annaes do Man'el Coco:*

Eis com que ao Lethes o aranhiço escapa:
Tem mais septe em borrão, que dentro em pouco
Aos zangãos do café irão dar papa.

LXI.

A um Bacharel, que casou com uma velha, para lhe empolgar seiscentos mil reis que a mesma tinha de tença.

Pilha aqui, pilha ali, vozêa auctores,
Montesquieu, Mirabeau, Voltaire, e varios;
Propõe systemas, tira corollarios,
E usurpa o tom d'emphaticos doctores:

Sciencia de livreiros e impressores
Traz da vasta memoria nos armarios;
E tractando os christãos de visionarios,
Só rende culto a Venus, e aos Amores:

A mulher, que a barriga lhe tem fôrra
Do jugo da vital necessidade,
Deixa em casa gemer, como em masmorra:

Este biltre, labéo da humanidade,
É um tal zote, um bacharel de borra;
Tem de um burro o juizo, e a castidade.

LXII.

Feito em um intervallo da sua final molestia.

Se eu podera ir de tralha, ir á surdina
Por ahi! Forte sede, e forte gana
De zurrapa, de atum, de ti, chanfana,
De ti, que dos pingões és golosina!

Que tempo em que eu com sucia, ou grossa, ou fina,
Para a tia Anastasia (a tal cigana)
Ia, e vinha depois co'a trabuzana
A remos, no mar roxo, ou á bolina!

Quando has de consentir, cruel Fortuna,
Ao magro, de olho azul, de tez morena
O bem d'andar a flaino, e d'ir á tuna?...

Mas ai! Maldicto som, que me condemna!
Dize, oh Fado, ao bizouro, que não zuna...
Ahi me chama algum —*Alma pequena!*

LXIII.

Analogo ao antecedente.

CHALAÇA minha, que chibavas tanto
Na sucia dos tafues! És uma feia;
Deixas-me andar talvez por lingua alhêa,
Ou lá não sei por onde, e eu cá n'um canto!

Vem para casa, vem, que me ataranto
Sem te vêr ao jantar, sem ver-te á cêa;
Da enferma historia minha urdindo a têa,
Dê-se o folguedo o que se deve ao pranto:

Contem se o «*Vai melhor*», e o «*Não é nada*»;
Sêccos «*Bons dias*» da hyperborea mana,
E a roda viva da vivaz criada:

Amolleça-se o fel da vida humana,
Até que a Morte, de broquel e espada,
Nos leve á cortezia até Pantana.

LXIV.

Ao Senhor D. Gastão Fausto da Camara Coutinho, pelos mesmos consoantes de outro, em que elogiára o auctor.

Ah meu Gastão! o Pindo senhorêa,
Riscos não temas, não periga o nada;
Franquêa a mente á Musa, que avisada
Turbas rasteiras a grasnar recrêa:

Narra os altos portentos de que é cheia,
No vulgo, e em botequins da-lhe morada;
Se é pois d'heróes a critica esfaimada,
Contra asnos, charlatães golpes sopêa:

Alhos porros, em vez de louro, amigo,
Nos mórnos versos, que imprimiste, plantas,
Que eternos cubrirão o teu jazigo:

Ficarás immortal por fórmas tantas,
Que o porvir ninará no tempo antigo,
Com medo do tal cão das tres gargantas.

LXV.

A F. Galinu.

(DIALOGO.)

Perg. Quem é este boneco impertigado
De laçarrão ao peito, e farda ruça?
Resp. É um, que em solo-inglez escaramuça,
E arranha na bandurra o seu bocado.

Perg. É nobre? Resp. O seu solar, e o seu morgado
Tem no gasto capote, em que se embuça.
Perg. De que vive? Que faz? Resp. Geme, e soluça,
E de amantes paixões anda mirrado.

Preg. E ha moça, que o affecte? Resp. Oh lé, quarenta;
E uma (de aspecto mau) tanto o cubiça,
Que cedo a mão na egreja lhe apresenta:

E para a brincadeira, em que é noviça,
Dão-lhe lições a tia bolorenta,
A carunchosa avó, e a mãe sediça.

LXVI.

Desaggravo da injuria feita ao auctor (então quasi moribundo) pelo editor da novella «a Hispanhola Ingleza» attribuindo-lhe aquella má traducção.

MERCENARIO pregão de cégo andante
(Quixote de phantastica donzella)
Audaz impinge sem-sabor novella,
Munida de um Bocage alti-sonante.

Nos floreos tempos, em que fui xibante,
Ai dó inglez, e da moça, inda que bella,
Ai de quem ousa com venal balella
Pôr-me em pardo papel, e em vil barbante!

Deploraveis mortaes! Não somos nada!
Meu nome, que esparziste, honraste, oh Fama,
Meu nome em berraria, em assoada!

A gloria me insta, a cholera me inflamma;
Eu, eu brigo... Oh Perpetua, dê-me a espada..!
Mas ai! Hercules só brigou na cama.

LXVII.

A um ricasso, tido na conta de christão novo.

A certo genealogico de trêtas
Supplicou um Luculo enthusiasmado
Para pôr n'um teliz aveludado
Armas com prosa, timbre com caretas:

«Sim senhor (diz-lhe o mestre d'altas pêtas
Folheando volume remendado)
«N'este livro aqui só tenho encerrado
Judias raças, e familias pretas:»

Disse; toma nas mãos a horrivel brocha,
Pinta um rabo de fogo em mãos sombrias,
E por timbre d'escudo uma carocha:

Põe-lhe em roda com letras rebranquias:
«Honor d'Abrahão, á tribu accende a tocha,
Celebra a paschoa, espera inda o Messias.»

LXVIII.

A G... P... S... M... Apontador no Arsenal da Marinha.

Aquelle que ali vês, rosto maldicto,
No sexto camarote vinculado,
É novo apontador, novo morgado,
Sacerdote fiel do hebraico rito:

A basofia entre a crença o põe afflicto
Pela insignia, que traz ao peito inchado;
Por fora quer mostrar-se homem honrado,
Em casa piza a cruz, e o sambenito:

Agora elle aspirava a nova graça
D'um tal principe herdar de preto couro,
Por ter parte a mulher na fusca raça:

Mas indo ao Alemtejo alçar o louro,
Sem valer-lhe da usura o foro, e a traça,
Foi expulso do paço com desdouro.

LXIX.

Ao mesmo.

Com penna de latão atraz da orelha,
No sovaco chapeo, na mão tinteiro,
Passêa ufano em torno do estaleiro
Um novo apontador de origem velha:

Ora altivo, arqueando a sobrancelha,
Marca a falta do pobre carpinteiro;
Ora submisso ás ordens do porteiro
Dá revista á mestrança, que apparelha:

Acaba o exercicio baixo, e sujo,
E sáe do arsenal o Dom Quixote
Com mais pingos de breu do que um marujo:

Eis que é tempo de vir o paquebote;
Apparecem Dona Ayres c'o sabujo,
Vinculados em certo camarote.

O seguinte deixou por inadvertencia de ser collocado no Livro II. ao qual pertencia, conforme a divisão adoptada.

Oh tu, que tens no seio a eternidade,
E em cujo resplendor o sol se accende,
Grande, immutavel ser, de quem depende
A harmonia da etherea immensidade!

Amigo, e bemfeitor da humanidade,
Da mesma que te nega, e que te offende,
Manda ao meu coração, que á dôr se rende,
Manda o reforço d'efficaz piedade.

Oppressa, consternada a natureza
Em mim com vozes languidas te implora,
Orgãos do sentimento, e da tristeza:

A tua intelligencia nada ignora;
Sabes que, de alta fé minha alma acceza,
Té nas angustias o teu braço adora..

ANNOTAÇÕES AO TOMO I.

A CONVENIENCIA e regularidade, que se nos afigurou descubrir na reunião em um só corpo de todos os sonetos de Bocage, que, devendo entrar n'esta edição, andavam dispersos pelos desordenados tomos que até agora formavam a collecção impressa das obras do poeta, foram causa de que o volume engrossasse a ponto de não restar margem para as illustrações e notas, que havia em maior copia preparadas, mas que foi mister encurtar em numero e dimensões, restringindo-nos unicamente ás que pareceram de todo indispensaveis, e supprindo outras com os titulos ou argumentos de que fizemos preceder cada um dos mesmos sonetos. Valha-nos esta razão como desculpa, perante aquelles que, por ventura, exigiriam de nós mais prolixos commentarios.

LIVRO I. — SONETOS EROTICOS.

PAGINA 93 — SONETO XCI.

Tanto este soneto, como os que em seguida vão insertos n'este livro, de num. XCII até XCVII, e no liv. III sob num. XVIII. a XX, sómente se encontram na primeira edição do tomo I das «Rimas de Bocage» publicado por elle em 1791 (de que hoje mui raramente apparece de venda algum exemplar). Sendo depois omittidos nas edições subsequentes, que do mesmo tomo se fizeram, ainda em vida do auctor, e esquecidos em todas as collecções até agora dadas á luz, podem quasi qualificar se de inedictos, visto que mui poucos leitores haverão d'elles noticia. — Reservamos para o final do ultimo volume uma

breve synopse das composições agora accrescentadas, que por inedictas, ou ainda não colligidas nas edições anteriores, tornam a presente senão completa, ao menos a mais ampla de todas as existentes.

PAG. 100 — SON. XCVIII.

Este soneto appareceu servindo como de prologo poetico ao tomo II das «Rimas de Bocage» composto (como elle declara na advertencia preliminar ao leitor) em sua maxima parte das poesias, que tendo-lhe sido furtadas em Santarem, da casa onde as deixara depositadas, foram depois, como elle tambem nos diz

.... restauradas

C'o prompto auxilio de fiel memoria.

Veja-se a dicta advertencia, que por brevidade não podemos transcrever aqui.

PAG. 152 — SON. CL.

Saiu pela primeira vez publicado este soneto na «Livraria Classica» dos srs. Castilhos, a pag. 23 (nota) do tomo XXII. — Não tinhamos d'elle anterior conhecimento; mas para aqui o trasladámos, fundando a sua authenticidade, não só na affirmativa d'aquelles benemeritos editores, mas em que o estylo d'esta peça não desdiz por modo algum do das composições genuinas do nosso poeta. Outro tanto practicamos, por igual motivo, a respeito dos sonetos CLI é CLII, transcriptos, o primeiro tomo XXIII da mesma «Livraria» pag. 52, e o segundo do tomo XXII pag. 127, bem como de alguns mais, que em seus logares indicaremos.

Lêem se porém n'aquella, aliás estimavel publicação, varios outros sonetos, e miudezas metricas, dadas com inedictas, mas de que conscienciosamente julgamos não poder aproveitar-nos na presente edição das obras legitimas de Bocage: umas porque o seu contexto não consente que se attribuam ao poeta, sob pena de o fazer passar por inepto;—outras como reconhecidamente alheias e de auctores conhecidos;—outras em fim, porque estando deturpadas, ou contendo pensamentos e phrases immundas, ou obscenas, não deviam achar cabida em uma collecção destinada para satisfazer o gosto de leitores entendidos e decentes.

Não tractaremos, por falta de espaço, de ennumerar individualmente cada uma das peças que por taes razões omittimos; mas julgámos forçoso consignar desde já esta advertencia, para escapar á taxa de incurioso, lançada por alguem, que procurasse aqui em vão alguma das alludidas composições.

Chamaremos tambem sobre este ponto a attenção dos leitores

para as judiciosas observações, que se encontram na sobredicta «Livraria Classica» no tomo XXV a pag. 156 e seguintes.

PAG. 159 — SON. CLVII.

O presente, e os que se seguem até num. CLXI, todos compostos por Bocage durante o ultimo periodo da sua molestia final, foram indereçados (conforme a indicação e auctorisado testemunho de D. Gastão, e do morgado d'Assentis) á senhora D. Anna Perpetua, filha de Antonio Bersane Leite, constante e familiar amigo do poeta. Esta menina parece ter sido o derradeiro objecto das mais ternas e carinhosas affeições d'Elmano; e não faltou quem acreditasse que, se os dias d'este não fossem tão temporãmente cortados, elle viria a unir-se com a sua amada pelos laços do consorcio.

PAG. 165 — SON. CLXIII.

Ignoramos o fundamento com que os illustres editores da «Livraria Classica» inculcam no tomo XXV a pag. 125, ter sido este soneto por Bocage composto na occasião da repentina cegueira de Sanctos e Silva; mas o certo é, que elle foi (como se vê do autographo, que temos presente) escripto nos ultimos dias da vida d'aquelle, a tempo que este havia perdido a vista desde alguns annos. O seu contexto bem claramente nos mostra que o poeta só se propoz a deplorar os proprios desastres, e o termo fatal, que já então se lhe apresentava inevitavel e propinquo.

PAG. 166 — SON. CLXIV.

A uma donzella &c. — «Pediu-mo pessoa que virtuosamente a «amava; e a magua do assumpto, apurada na tristeza da minha si«tuação, deu um soneto, que talvez penhore os corações ternos.» *(Nota de Bocage)*

LIVRO II. — SONETOS MORAES E DEVOTOS.

PAG. 169 E SEGUINTES.

Os sonetos comprehendidos n'este livro constituem na sua maior parte outros tantos documentos irrefragaveis, que respondem victoriosamente ás accusações de quem, por má fé, ou illudido, pretendeu attribuir a Manuel Maria sentimentos de irreligião, e impiedade. O

mais profundo convencimento das verdades reveladas, a confiança na misericordia de Deus. transparecem a cada pagina; e só podiam ser momentaneamente suffocados em instantes de hallucinação.

PAG. 208 — SON. XL.

Este, e os seguintes até o fim do livro, são todos producções dos ultimos dias da vida do poeta, feitos nos intervallos da sua derradeira e penosa enfermidade. — Alguns foram ainda publicados por elle nas collecções dos «Novos Improvisos» etc., outros porém só viram a luz posthumos, nos volumes impressos posteriormente com a designação de tomos IV e V, de que foi editor o livreiro D. M. Leão.

PAG. 215 — SON. XLVII.

«Na propriedade de que habito um dos andares, tem morrido «ha quatro mezes um homem de mais de sessenta annos; uma de «minhas sobrinhas de idade de cinco; e ultimamente uma moça «de dezoito.» (*Nota de Bocage.*) — Vê-se ter sido este soneto um dos ultimos que o auctor compoz.

PAG. 218 — SON. L.

Posto que este soneto apparecesse transcripto na «Livraria Classica» tomo XXII, pag. 96, possuiamos já anteriormente copia d'elle; a qual nos fôra dada pelo defuncto morgado d'Assentis, contando-nos havel-o escripto sob o dictado do proprio Bocage, então nos ultimos paroxismos, e falecido poucos momentos depois. O testemunho de tão qualificado fiador não deve deixar nem sombra de duvida, no tocante á authenticidade d'esta peça.

LIVRO III. — SONETOS HEROICOS E GRATULATORIOS.

PAG. 237 — SON. XVII.

O desembargador Ignacio José de Moraes e Brito foi (como já se disse no «Ensaio Biographico») o juiz, a quem esteve commettida a instrucção do processo de Bocage, durante a sua prisão na cadêa do Limoeiro.

PAG. 241 — SON. XXI.

Parece-nos dever aqui restituir a verdadeira lição do ultimo verso d'este soneto, que no tomo II das «Rimas de Bocage» se imprimira:

Delirios que o meu zoilo ao prelo envia.

O Belmiro, a que o auctor allude, é, como todos sabem, Belchior Manuel Curvo Semmedo, auctor de dithyrambos, fabulas, e outras poesias estimaveis; e cujo merecimento Bocage a final reconhecia. (Vid. a nota ao soneto LXXIV d'este mesmo livro.)

PAG. 256 — SON. XXXVI.

Segundo uma nota, que se lê a pag. 169 do tomo I das «Verdadeiras Inedictas» a composição d'este soneto data de 1796, epocha em que o auctor estava hospedado na propria casa da pessoa a quem o dirigiu.

PAG. 257 — SON. XXXVII.

Este execravel crime foi perpetrado em 1805, na rua vulgarmente chamada dos Retrozeiros.

PAG. 258 — SON. XXXVIII.

Para intelligencia d'este soneto convem observar, que se havia espalhado fama de que o parricida (mancebo de curta edade) escaparia do patibulo, em razão do seu parentesco com um valido do paço.

PAG. 260 — SON. XL.

O celebre e sanguinoso combate de Trafalgar, entre as esquadras combinadas franceza e hespanhola, e a armada ingleza, teve logar (como se sabe) a 21 de Octubro de 1805. Por consequencia este, e os seguintes sonetos, são das derradeiras composições de Bocage, falecido a 21 de Dezembro do mesmo anno.

PAG. 263 — SON. XLIII.

Por uma nota do proprio punho de Manuel Maria lançada no autographo d'este soneto, que temos presente, vê-se que elle o compozera em terceiro logar, e que se dava por mui pouco satisfeito dos

antecedentes, pois diz assim: — «Creio que é melhorsinho que os dous.»

PAG. 267 — SON. XLVII.

D. Fr. José Maria d'Araujo, monge da congregação de S. Jeronymo, foi eleito bispo de Pernambuco em abril de 1804; mas ignoramos se chegou, ou não, a ser confirmado, e a tomar posse do bispado; pois é certo ser já falecido em 1811.

PAG. 271 — SON. LI.

O autographo do presente soneto (um dos inedictos, que vão incorporados n'esta edição) foi-nos communicado por seu possuidor, o illustrissimo senhor M. B. Lopes Fernandes.

PAG. 273 — SON. LIII.

Parece difficultoso de acreditar como a *Censura* permittiu em 1813 a publicação d'este, e do seguinte soneto (num. LIV) que sairam no tom. V das «Obras Poeticas de Bocage» colligidas por D. M. Leão. — Mas o facto é, que um e outro, depois de reprovados, alcançaram o *passe* mediante o subterfugio que alguem aconselhou ao editor. Pozeram-lhes nas rubricas — *Escripto na prisão* — e á sombra d'este artificio os censores fizeram vista grossa, e deixaram correr estas duas composições, em que bem se patenteam os sentimentos, e opiniões politicas de Bocage.

PAG. 275 — SON. LV.

Este não podia sob pretexto algum obter licença da censura. Inedicto ficou até hoje; e como tal o apresentamos.

PAG. 276 — SON. LVI.

«A divida em que ha tanto estou comtigo.»

«Foi sempre com os thesouros da memoria e da fama, que os «poetas pagaram aos seus bemfeitores: mas esta paga sera sempre «mui valiosa para as almas sensiveis e elevadas.» *(Nota de Bocage.)*

PAG. 278 — SON. LVIII.

A epistola de Cardoso —

Tu, que á lusa nação, que á patria nossa
Dás gloria, dás brasão, dás ufania, etc.....

póde ver-se no folheto «Collecção dos Novos Improvisos de Bocage» a pag. 63. Não a transcrevemos aqui, bem como outras peças, que tinham assás cabimento pela relação que conservam com as de Elmano, por ellas occasionadas, em razão da impossibilidade que indicámos, de avultar mais o volume, já crescido em demasia.

PAG. 281 — SON. LXI.

É tambem este um dos sonetos, que apparecem pela primeira vez incorporados nas edições de Bocage.

PAG. 282 — SON. LXII.

«Quero (se meus dias findarem) deixar uma prova do muito «em que tive, do muito que me merecem os talentos de um dos «meus mais charos amigos.» *(Nota de Bocage.)*

PAG. 283 — SON. LXIII.

Paz — Francisco José da Paz. *Maneschi* — João Pedro Maneschi, *Aurelio* — Marcos Aurelio Rodrigues. *Alvares* — Antonio José Alvares, *Almeida* — Joaquim Pereira de Almeida. *Ferrão* — José Ferrão de Mendonça e Sousa, prior dos Anjos. *Montano.* — José Ventura Montano. *Moniz* — Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. *Freire* — Gregorio Freire Carneiro. *Vianna* — Gonçalo Jose Rodrigues Vianna. *Blancheville* — Diogo José Blancheville. *Socio de Flora* — o padre Fr. José Marianno da Conceição Velloso. *Cysne do som thebano* — João Vicente Pimentel Maldonado. *Cardoso* — o desembargador Vicente José Ferreira Cardoso da Costa. «Devo tambem mencionar honrosamente o doctor Manuel Joaquim de Oliveira, medico em Lisboa; — o meu amigo Polycarpo, da rua nova da Rainha; — o director do correio geral (José Barreto Gomes); — e José Maria de Oliveira, filho do administrador dos seguros do mesmo correio; todos para comigo instrumentos da providencia.» *(Nota de Bocage.)*

PAG. 286 — SON. LXVI.

«Alludo á desusada beneficencia, e obsequio não vulgar, com «que o auctor do soneto *(a que este serve de resposta)* honrou o meu «nome, occultando o seu; e acudiu á minha exigencia, sem que«rer a minima retribuição» *(Nota de Bocage.)*

PAG. 287. — SON. LXVII.

No autographo, que temos á vista, o quarto verso d'este soneto lé se:

Do materno sorriso ornei meu canto.

E os versos 14 e 15 são como se segue:

Por elle (ou cumpra, ou torça as leis ao fado)
Vagueio os mil salões da eternidade.

Ahi mesmo se acha a seguinte nota, do punho de Manuel Maria: «É o mais a que sobe o triste Bocage. Se tenta alongar o vôo, lo«go uma accelerada palpitação lhe adverte o perigo d'esta impru«dencia. Elle desce; recorda o que foi; suspira; e curva se ao «fado, ou á providencia que o rege!»

PAG. 292 — SON. LXXII.

N'este soneto allude o auctor á traducção do «Jardim Botanico» poema philosophico de Darwin, que Vicente Pedro havia publicado em 1803.

PAG. 294 — SON. LXXIV.

Musa d'Elmano, e Musa de Belmiro,
Una se a gloria sua á gloria minha,....

«Quando o homem crê visinhar com o seu nada (o nada uni«versal), as sombras em que o envolvem e abafam as suas paixões, «se rarefazem e esvaecem aos lumes da justiça, e do desengano: ou «já lhe brote sobrenaturalmente na alma este phenomeno, ou já «porque, evaporado o amor proprio, attente mais nos outros que «em si. Eu talvez n'este estado, ou não longe d'elle, confesso in«genuamente que, pela suavidade e apuro do metro (nas composi«ções lavradas com mais esmero, e mais gosto) pelas flores, pelos «esmaltes poeticos de que as amenisa e formoséa (em especial as «bacchicas) Belmiro está mui sobranceiro aos engenhos vulgares. «A razão me pede que lhe honre o merito; e o coração, que lhe «releve a, talvez injustiça, com que trabalhou remover-me de um «grau, havido da voz publica. (*Nota de Bocage.)*

Nem tu me esquecerás, Gastão cadente...

«Se a locução, a phantasia, e o rythmo caracterisam a mente «poetica, aponto D. Gastão Coutinho como dotado com estes the-

«souros do espirito.—Não sôa, como devêra (e altamente) o lou«vor de Thomás Antonio dos Sanctos e Silva, nos meus talvez ultimos «versos, porque em outros de monção mais phebêa, e já divulgados, «lhe teci elogios, em que a fraterna amisade, que de muito nos liga, «nada proferiu avesso á justiça, e ao tom circumspecto do discerni«mento. (*Nota de Bocage.*)

PAG. 296 — SON. LXXVI.

O outavo verso do presente soneto refere-se ao outavo do outro de Sanctos e Silva, a que este serve de resposta: ali se chama aquelle poeta a si proprio:

O cégo, o estropeado, o já demente.

O conhecimento d'estas, e de muitas outras allusões que a cada passo se apresentam n'este, e nos demais sonetos em diante, quasi todos feitos pelos mesmos finaes, ou rythmas d'aquelles com que Bocage foi brindado nos ultimos tempos da sua doença, exigiria talvez que para aqui se transcrevessem todas essas composições, a cuja vista melhor poderiam ser percebidas e apreciadas as respostas. Entretanto o volume vai já crescido com excesso; e o editor insta para que se não alonguem muito as annotações. Portanto remettemos o leitor curioso para os «Improvisos de Bocage»—»Virtude laureada» —e «Collecção dos Novos Improvisos», folhetos impressos na officina regia, pouco antes do falecimento de Bocage; e ahi achará com que satisfazer plenamente a sua curiosidade, quanto ao referido ponto.

PAG. 298 — SON. LXXVIII.

Deixai, filhas da Noute, aves nojosas,
Surrir-se a Naturesa ao canto ameno.

«Alludo ao soneto com que me brindou, e que lhe foi censurado iniquamente.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 300 — SON. LXXX.

Parece que as pyramides se abalam etc.

«Allusão aos seguintes versos de uma ode, que Elmiro me enviou:

De teu ferro cortadas
«Um dia hão de ser pó, ser nada um dia, etc.

Rivaes a duração do sol, e a sua etc.

«Allusão ao verso da mesma ode:

«Co'a duração do sol teus versos vivem, etc.
(*Notas de Bocage.*)

A ode de Macedo, que occasionou este soneto, só se encontra transcripta «Mnemosyne Lusitana» (Tomo I pag. 196—Lisboa, 1816.)

PAG. 302 — SON. LXXXII

De Ontanio choras, e de Ontanio cantas.

Ontanio—«O conego regular de Sancto Agostinho, D. Antonio da «Visitação, abalisado em talentos e litteratura.» (*Nota de Bocage.*)

A epistola do sr. Freire, a que este serve de resposta, póde lêr-se na «Collecção dos Novos Improvisos» a pag. 77.

PAG. 303 — SON. LXXXIII.

A copia minha olhou, deu-te homenagem, etc.

«Alludo aos sentimentos maviosos com que viu o meu retrato.» (*Nota de Bocage.*)

O retrato de que se tracta, desenhado por Henrique José da Silva, no periodo ultimo da vida de Bocage, e o mesmo a que allude o soneto LXVIII, é o proprio que reproduzimos na presente edição.

PAG. 306 — SON. LXXXVI.

Jonio.—O chorado auctor da «Nova Castro» João Baptista Gomes Junior, então recentemente falecido no Porto.

«A similhança dos talentos que entre muitos é fonte de malque«rença e detracção, era em Junior, e em mim o reforço da sympa«thia reciproca.» (*Nota de Bocage*)

PAG. 309 — SON. LXXXIX.

Virtudes, que exaltou.........

«*Beneficencia e Piedade*—celebradas no epicedio ao marquez d'An«geja.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 310 — SON. XC.

Melibeu—Miguel Antonio de Barros.—*Oleno*—N. A. P. Pato Moniz. —*Amphriso*—D. Gastão.—*Belmiro*—B. M. Curvo Semmedo.—*Olivo*— F. de P. Cardoso, morgado de Assentis.—*Elmiro*—José Agostinho.— —*Pierio*—P. J. Constancio—*Almeno*—J. M. da Costa e Silva—*Tomino* —T. A. dos Sanctos e Silva.—*Ismeno*—«João Vicente Pimentel Maldo- «nado, já louvado por mim (no prologo do poema «As Plantas.»)— «*Alcino*—«Joaquim Severino Ferraz de Campos, tambem por mim «louvado, e cujo silencio fere uma constante amisade, contrahida na «desgraça e esquecida na fortuna.» (*Nota de Bocage.*)

Nem um, nem outro d'estes dous poetas haviam dirigido a Bocage em sua molestia os cortejos, elogios e consolações que lhe prodigalisavam ainda os mesmos com quem trazia desde alguns annos pugnacissimas contendas; taes como o quarto e o sexto dos que ficam nomeados.

PAG. 311 — SON. XCI.

Alfeno—Domingos Maximiano Torres, antigo e elogiado amigo de Filinto Elysio. Os demais aqui apontados já foram commemorados na nota ao soneto XC.

«Um dos que honram o Douro, é Bento Henriques Soares, amigo «do chorado J. B. Gomes (auctor da «Nova Castro»); amigo, como eu, «d'aquelle cuja memoria deve saudosamente viver em quanto o en- «genho, e a moral forem dotes de preço.—O glorioso ao Vouga é «Francisco Joaquim Bingre, que pelo sabor da antiguidade que ha «nas suas poesias, e pelo estro que as levanta, merece esta nota.» «(*Nota de Bocage.*)

LIVRO IV.—SONETOS JOVIAES E SATYRICOS.

PAG. 323 — SON. IX.

Antonio José de Paula, empresario do theatro do Salitre, e reputado em seu tempo por um dos nossos melhores actores tragicos, tinha tambem pretenções a poeta. Traduziu do hespanhol em *versos mouros* (phrase de José Agostinho) as comedias de Comella intituladas «Frederico II Rei da Prussia—1.ª 2.ª e 3.ª partes» as quaes pôz em scena no seu theatro, onde se conservaram por muito tempo, sempre applaudidas dos espectadores.

Pag. 328 — Son. XIV.

Só depois de terminada a impressão de todos os sonetos comprehendidos no presente volume, é que nos chegou á mão uma nova copia mss. d'este, e dos tres antecedentes, devida ao illustrissimo sr. conego Francisco Freire de Carvalho, na qual deparámos com algumas poucas variantes, que não duvidariamos aproveitar por mais correctas, se as tivessemos obtido a tempo; mas que não apontaremos aqui por falta de espaço. Ha porém entre ellas duas, que por mais importantes não devemos omittir.

A primeira é no verso nono do soneto XIV, que conforme a dicta copia deverá lêr-se:

De raiva o guarda-mór *môa* bolachas.

O verbo *môa*, como declara o sr. Freire, tem aqui uma allusão particular, dirigida á circumstancia de que a pessoa, objecto das invectivas do poeta, não possuia na boca um unico dente. Além d'isso, é evidente que Bocage, tão escrupuloso respeitador das leis da euphonia, não deixaria passar o desagradavel concurso das palavras— *o guarda mór rôa.*

A outra é no verso undecimo do soneto XIII, que na citada copia vem assim escripto:

Se *acaso* resistir, murro, e mais murro;

lição que tambem julgamos preferivel pela razão indicada.

Pag. 329 — Son. XV.

Este soneto começado por Antonio Bersane, de quem é o primeiro quarteto, foi continuado e concluido por Bocage, em certa noute em que ambos tinham voltado da casa do guarda-mór. O retrato physico, e outras qualidades d'este, já ficam sufficientemente esboçados nos sonetos antecedentes; quanto á sua intelligencia, bastará saber que elle dizia ter uma *egoa femea;* tinha tambem uma filha por nome D. Rita, e um criado de alcunha *o Cupidinho*: e não obstante ser cavalleiro da ordem de Christo, lastimava-se incansavelmente da pouca consideração em que eram havidos os seus serviços!

Pag. 332 — Son. XVIII.

Deparámos com este soneto no n.º 57 do «Velho Liberal do Douro» impresso em 1834; cujo auctor o attribue a Bocage.— Como não desmente do seu estylo, e já foi inserto pelo sr. Castilho

na «Livraria Classica» tomo XXIII, pag. 56, aqui o reproduzimos, sem comtudo lhe darmos mais fé que a que pode merecer o padre Ignacio, que, seja dicto de passagem, não é dos melhores contrastes em materia de versos.

PAG. 334 — SON. XX.

Tambem deste soneto não temos mais conhecimento que o de vel-o transcripto na «Livraria Classica» tomo XXIII, pag. 19, onde os leitores encontrarão egualmente relatada a anecdota, que se diz o occasionara.

PAG. 336 — SON. XXII.

Sabe-se que, tractando Bocage de imprimir este soneto no tomo III das suas «Poesias» que saíu à luz em 1804, teve de mudar o ultimo verso do primeiro terceto, para prevenir os golpes da censura. O verso, pois, como seu auctor o compozera é

Inimigo de hypocritas, e frades.

PAG. 337 — SON. XXIII.

Deve-se a conservação d'este soneto á memoria da senhora D. Anna Gertrudes Marecos, ha pouco falecida, que declarava tel-o ouvido recitar ao poeta em Santarem, n'uma das frequentes digressões que este fazia áquella villa.

PAG. 338 — SON. XXIV.

Roncava charlatão rolho e pequeno,
Pequeno em corpo, em alma pequenino.

O poeta allude nestes versos ao doctor José Thomás Quintanilha, com quem se indispozera no tempo das suas questões com a Arcadia, tendo-o alias louvado altamente n'outras occasiões. Vid. o soneto VIII do liv. III, no presente vol. a pag. 228.

O ultimo verso imprimiu-se tambem alterado em razão da censura.

PAG. 341 — SON. XXVII.

Servimo-nos para este soneto da copia que houvemos por mais correcta; visto que todas as vezes que até agora tem sido impresso

o ha sido com mais ou menos alterações e variantes, das quaes algumas se conhece serem evidentemente erradas.

PAG. 344 — SON. XXX.

O «Almanach das Musas» — assim se intitula a collecção onde appareciam periodicamente insertas as composições dos socios da nova Arcadia. D'elle se publicaram apenas quatro folhetos, que effectivamente se vendiam a 240 réis.

PAG. 354 — SON. XL.

Conta se que o doctor Quintanilha (que em uma epistola havia exaggerado a bondade dos almoços do padre Caldas) compozera um soneto, em que atado a um listão verde mandava um beijo á sua amada, então moradora na ilha da Madeira. Esta anecdota lhe valeu da parte de Bocage a presente satyra.

PAG. 355 — SON. XLI.

O primeiro verso do primeiro terceto não vai conforme ao original, porque a decencia não tolera o emprego do vocabulo, que foi mister substituir.

PAG. 359 — SON. XLV.

Tambem aqui nos servimos de uma copia mais correcta, e por isso preferivel a que serviu aos antigos editores, quando publicaram pela primeira vez este soneto.

PAG. 360 — SON. XLVI.

A perfeita intelligencia d'este, e do seguinte soneto exige que reproduzamos aqui o do abbade de Almoster, que provocou as iras poeticas d'Elmano; tanto mais que esta peça é hoje quasi desconhecida, e o mesmo sr. Castilho querendo por egual motivo transcrevel-o na «Livraria Classica» não o poude obter na sua integra. (Vej. no tomo XXIII a pag. 135.)

SONETO

A' nova moda dos chapéus de palha, de que usam as senhoras.

Fizestes bem, madamas de Lisboa,
Em adornar de palha as vossas testas;
Se algum critico mau vos chamar bestas,
Logo em vosso favor lhe estou na prôa:

Um tal adorno não foi feito á tôa,
Nem sem pensar se fazem cousas d'estas;
Brilhai nas procissões, brilhai nas festas
Co'esse palheiro, que sem pezo vôa:

O que temo é, que os bois, burros, e machos
Contra vós armem desigual batalha,
Se o comer lhes roubais para os pennachos:

Mas em fim, não sintais por isso falha;
As flores, chapelinhos, fitas, cachos
Fazei de corno, se faltar a palha.

PAG. 364 — SON. L.

Eis aqui o que nos foi contado com referencia á composiçao d'este soneto, um dos inedictos que accrescentamos na presente edição. — Achava-se Bocage em uma assembléa, e recitava aos concorrentes a sua traducção da metamorphose de «Myrrha»: porém como ali estivesse tambem o tal Joaquim Manuel, as senhoras preferiram ouvir o mulato a escutar Bocage. Este não podendo supportar o que julgava mais que injurioso desar para o seu amor proprio, sentiu exacerbar-se lhe a bilis, e rompeu de repente com o soneto a que nos referimos.

PAG. 365 — SON. LI.

Duvidamos que Bocage escrevesse este soneto nos termos em que ahi o imprimimos. Porém não tendo obtido d'elle original, nem copia que mais exacta fosse, houvemos de cingir-nos á miseravel compilação das «Poesias Satyricas» publicada por Couto, em que fizemos as emendas que mais obvias nos pareceram; sem que nos lisonjiemos de o reproduzir como saiu da penna do auctor.

PAG. 368 — SON. LIV.

O que achamos de melhor averiguado é, que tendo Manuel Maria escripto, ou traduzido alguns artigos, com destino de serem insertos no «Mercurio» periodico que então se publicava em Lisboa, os dictos lhe foram, no todo, ou em parte, rejeitados por Thomé Barbosa, que era um dos redactores, ou revisor do referido periodico. Tal foi o motivo d'esta composição, que havendo de ser impressa foi mister alterar-lhe o ultimo verso, para evitar a susceptibilidade dos censores; e por isso saiu:

Do guapo charlatão, novo Spinosa.

PAG. 371 — SON. LVII.

Posto que o terceiro verso do segundo quarteto se imprimisse como aqui o damos, todavia vai diverso do que o auctor o compoz. Mas o exacto não é proprio para o prelo, em vista das razões a que em outro logar tivemos occasião de alludir.

PAG. 372 — SON. LVIII.

A «Livraria Classica» tomo XXIII pag. 67 apresenta nos este soneto como de Antonio Bersane Leite, e não de Bocage. Como todavia se não declara qual o testemunho, ou fundamento da affirmativa, e o soneto ande em nome d'este ultimo desde 1814, no tomo V das «Obras Poeticas» colligidas e publicadas por D. M. Leão, julgámos dever conserval-o na posse em que o achámos, restituindo ao penultimo verso a sua verdadeira lição. Quanto ao mais, os leitores assentarão o seu criterio como bem lhes parecer.

PAG. 373 — SON. LX.

O odio em tosca parede *amassa a cama.*

«Espero que este verso não seja criticado; porque um auctor de «tragedias (*Miguel Antonio de Barros*) o usou em igual composição.» (*Nota de Bocage*)

PAG. 375. — SON. LXI.

Os dous ultimos versos não são do poeta, e sim de Pato Moniz; porém como a lição original seja impropria para o prelo, continuem embhora a correr na fórma em que já andam impressos.

PAG. 376 — SON. LXII.

José Agostinho de Macedo nas «Considerações Mansas» a pag 18 affirma em tom decisivo, que este soneto é do *bom poeta e judicioso homem* Francisco Joaquim Bingre. Esta sua decisão caduca porém completamente em presença do autographo que conservamos do punho do proprio Bocage, e até rabiscado com algumas emendas e entrelinhas. Não é esta a unica inexactidão (por não dar-lhe outro nome) que se encontra n'aquelle parcialissimo opusculo. Teremos adiante occasião de apontar outras, não menos comprovadas.

PAG. 378. — SON. LXIV.

O sr. Castilho no tomo XXIII da «Livraria Classica» a pag. 96 e 97 pretende egualmente negar a Manuel Maria a paternidade d'este soneto, transferindo-a para José Agostinho. Ahi se lêem as razões que a isso o levaram, e para ellas remettemos o leitor. Pela nossa parte julgamo-nos obrigado a contrarial-as, expendendo aqui o que a esse proposito escrevemos ha annos, deixando a decisão do pleito aos entendidos, e de boa fé.

«Aproveitando todas as occasiões de mostrarmos a imparcialidade com que nos propozemos redigir estes apontamentos, reservámos para este logar absolver a memoria de José Agostinho de uma accusação calumniosa (que por tal a temos) com que alguns seus inimigos vieram por vezes a campo contra o seu credito e moralidade, como se para isto lhes não sobrasse (ainda mal!) superabundante materia em tantos factos notorios, e incontestaveis........ Falamos do pretendido roubo, por elle feito a Bocage, quando este se achava no derradeiro periodo da vida, de uma supposta porção de manuscriptos, que guardára em si no intento de se aproveitar d'elles, dando-os por obras suas.—Esta arguição, tantas vezes repetida por Moniz e Couto, e por outros que d'elles a houveram, carece quanto a nós de plausivel fundamento. O estylo e maneira metrica de Bocage diferem tanto dos de José Agostinho, que ninguem, que fosse provido do senso commum e de algum conhecimento, posto que mediocre, d'esta especie de cousas, poderia equivocar-se acceitando como de Macedo versos de Manuel Maria. Para se dizer que aquelle levasse o fito em só apropriar-se os pensamentos, ou idéas originaes, para vestil-as ao seu modo, ainda o temos por mais incongruente, quando vemos que a formosura das poesias d'Elmano consiste principalmente nas graças e louçania do estylo, na excellencia da metrificação, e na arte de adornar com majestade e elegancia idéas, e pensamentos alheios, e muitas vezes triviaes. Finalmente é sabido que Bocage não possuia genio de *invenção*: logo, n'aquelles suppostos manuscriptos pouco ou nada poderia aproveitar por esse lado José Agostinho. Accresce ainda

um facto, para nós de grande pezo, e que mais nos induz a desconfiar da veracidade de tal arguição: e é vermos incluir no numero das obras, que se inculcavam como roubadas, ou retidas por José Agostinho, a traducção do poema «a Agricultura» de Rosset: a qual, no mesmo tempo em que Moniz a dava como existente em poder d'elle, saiu impressa no tomo II das «Verdadeiras Inedictas de Bocage» que o mesmo Moniz se encarregou de colligir e publicar; apparecendo até completada por este, traduzindo todo o sexto canto, e corrigindo e aperfeiçoando alguns outros.

Acabamos de ver agora reproduzida esta infundàda accusação na «Livraria Classica Portugueza» (parte VII cap. 6.º pag. 97); mas apezar do que ahi escreveu o seu erudito auctor, não podemos alterar n'este ponto a opinião que uma vez assentámos.

Ahi se avança ainda mais do que até aqui fôra dicto; pois se dá como certo que José Agostinho *presidíra á impressão de dous volumes de Bocage*, nos quaes até *inserira versos proprios em proveito de sua vingança*. Seja-nos porém permittido perguntar, que volumes são estes, a cuja impressão Macedo *presidiu*? Se se tracta dos tomos IV e V das denominadas «Obras poeticas» que saíram em 1813 e 1814, (no tomo V a pag. 125 é que apparece o soneto, sobre que versa a questão actual) esses foram colligidos pelo livreiro Marques Leão, coadjuvado pelo sr. José Maria da Costa e Silva;—e José Agostinho, que já n'esse tempo se não corria com algum d'elles, tanto não interveiu na publicação, que até pelo contrario lhe serviu d'alvo ás suas invectivas, fustigando-a com o latego da satyra no folheto que intitulou «Considerações Mansas» etc., para cuja leitura remettemos aos que quizerem apurar o caso. – Se porém querem entender os dous tomos, que com o titulo de «Verdadeiras Inedictas» tambem designados IV e V, appareceram nos referidos annos, esses foram coordenados e dispostos por Pato Moniz; o que é sufficiente para excluir qualquer idéa de intervenção da parte de José Agostinho. Temos por tanto inteira e innegavel certeza de que elle não cooperou de modo algum n'estas publicações; e por isso continuaremos a julgar despidas de todo o vislumbre de verosimilhança as sobredictas accusações. Oxalá que o procedimento de Macedo se apresentasse sempre tão illibado, como cremos firmemente que n'este caso o estava!» — (Extrahido das nossas *Memorias para a vida intima e litteraria de José Agostinho de Macedo* (mss.) escriptas em 1848. Epocha III, §§ XXXI e XXXII.)

ADVERTENCIA E SATISFAÇAO AOS LEITORES.

Querer dar á luz pela imprensa uma obra inteiramente limpa d'erros typographicos, é tentar o impossivel, segundo a experiencia nos tem mostrado. Apezar do esmero e diligencia que pozemos na revisão das provas, algumas (bem que em pequenissmo numero, e pouco importantes) incorrecções nos escaparam já neste tomo: e como não podemos affiançar que serão as ultimas, reservamos para o acabamento do final volume dar uma tabella geral das erratas, que até então fôrmos descubrindo pelo decurso da obra.

Lisboa 30 de março de 1853.

Innocencio Francisco da Silva.

FIM DO TOMO I.